



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO PAULO
ESCOLA DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
PÓS GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA

LUCAS THIAGO RODARTE ALVARENGA

O homem livre sobre a terra livre:

O tipógrafo, o jornalista libertário e a rede social do jornal A Terra Livre (1905-1910)



GUARULHOS
JANEIRO – 2017



LUCAS THIAGO RODARTE ALVARENGA

O homem livre sobre a terra livre:

O tipógrafo, o jornalista libertário e a rede social do jornal A Terra Livre (1905-1910)

Dissertação apresentada à Banca Examinadora do programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de São Paulo como exigência parcial para a obtenção do título em Mestre em História

Área de Concentração: Instituições, Vida Material e Conflito

Orientador: Prof. Dr. Luigi Biondi

**GUARULHOS
JANEIRO – 2017**

LUCAS THIAGO RODARTE ALVARENGA

O homem livre sobre a terra livre:

O tipógrafo, o jornalista libertário e a rede social do jornal A Terra Livre (1905-1910)

Dissertação apresentada à Banca Examinadora do programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de São Paulo como exigência parcial para a obtenção do título em Mestre em História

Prof. Dr. Luigi Biondi (orientador – Dpto. História / UNIFESP)

Universidade Federal de São Paulo – Campus Guarulhos

Prof.^a Dr.^a Edilene Toledo (titular interno – Dpto. História / UNIFESP)

Universidade Federal de São Paulo – Campus Guarulhos

Prof.^a Dr.^a Tânia Regina de Luca (titular externo – Dpto. História / UNESP Assis)

Universidade Estadual Paulista – Campus Assis

Prof. Dr. Uassyr de Siqueira (suplente externo – Dpto. História / UNIMEP)

Universidade Metodista de Piracicaba – Campus Taquaral

FICHA CATALOGRÁFICA

ALVARENGA, Lucas Thiago Rodarte.

O homem livre sobre a terra livre: o tipógrafo, o jornalista libertário e a rede social do jornal A Terra Livre (1905-1910). / Lucas Thiago Rodarte Alvarenga. - Guarulhos, 2017.

159p.

Dissertação para a obtenção do título de Mestre em História. Universidade Federal de São Paulo, Escola de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, 2017.

Orientador: Prof. Dr. Luigi Biondi.

Título em inglês: The free man on the free land: the typographer, the libertarian journalist and the social network of the newspaper A Terra Livre (1905-1910).

1. Jornalismo; 2. Anarquismo; 3. Redes Sociais; 4. Militância política; 5. Hegemonia;

À memória do meu pai Vicente Carlos de Alvarenga, onde, mesmo depois de tantas discussões para que eu me tornasse professor, acabei seguindo seus conselhos e construindo uma carreira no ensino.

A meus irmãos Adalto, Rosângela, Elci, Magali e Rosi, e minha nova irmã/prima Sueli (Divinópolis). Minha gratidão eterna.

Danielle, meu amor incondicional e paciência por me aguentar nesse fim de ciclo. Good times are coming, babe!!!

A todos que desejam tempos melhores... vai esse trabalho.

AGRADECIMENTOS

Fica até difícil pensar em tantos motivos para agradecer ao fim de um ciclo de trabalho; principalmente quando ao fim se conturba por vários motivos pessoais e de saúde.

Primeiro, é necessário fazer os agradecimentos à FAPESP, Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo, onde seu sem aporte financeiro e logístico esse trabalho e as participações em congressos não poderiam ter sido realizados com excelência. Ao CNPQ e à CAPES, pela bolsa produtividade logo no início dos trabalhos, também fica aqui registrado nosso agradecimento. Aos funcionários do *Arquivo Edgard Leuenroth*, da UNICAMP, pela presteza em ajudar-nos com tantos arquivos digitalizados dos jornais utilizados nessa dissertação, sem essa colaboração o sucesso do trabalho poderia ser comprometido. Ao Arquivo do Estado de São Paulo, ao Arquivo Nacional no Rio de Janeiro, ao CEDEM/UNESP, o nosso muito obrigado pela colaboração e acesso aos arquivos digitalizados.

Segundo, à dedicação, tão digna dos grandes mestres que a gente encontra pela vida, do meu orientador e amigo prof. Dr. Luigi Biondi. Com uma paciência (haja paciência), você acolheu um aluno advindo da Comunicação, sem conhecimento prévio em História, e me ensinou a caminhar pelos generosos trilhos da História Social, da História do Trabalho e Imigração e do Movimento Operário. Por você tenho minha eterna gratidão. E também por outros mestres, como a prof. Edilene Toledo, Jaime Rodrigues, Fábio Franzini, Wilma Costa... Obrigado a todos.

Terceiro, aos amigos e colegas de trabalho do Conselho Editorial da *Revista Hydra* e de tantos outros que fiz nessa trajetória do Mestrado em História. Ao amigo Kauan, cujo conselhos, indicações de trabalhos sobre o Anarquismo e História do Trabalho foram essenciais; aos amigos Gabriela, Arthur, Caio, Maria Clara, Victor, Paula, André, Anita, Carlos, Daniela, Gabriel, Naire, Paulo. Aos amigos de longa data: Rafael DM, Édio, Fufurinha, Denilson, os cumpadi Fernando e Thaís e muitos outros que uma página não poderia caber. Obrigado!

Quarto, à minha família, sobretudo nesse fim de trajetória, onde o trabalho cedeu espaço a uma batalha ferrenha em favor da vida contra um tratamento invasivo, sofrido, para extirpar um câncer que resolveu pintar a cara para deixar a luta uma tragédia grega... Mãe, desculpa pelos acessos de raiva, pelo inconformismo... Adalto, Rosângela, Elci, Magali, Rosi, obrigado pelas noites, pela dedicação sem pedir retorno, pelas inúmeras idas e vindas em consultórios, sessões de radioterapia e quimioterapia... Não posso também deixar de agradecer à família de minha prima/agora irmã Sueli Alvarenga e seus filhos Luciana, Léo, Juninho, Arthur... estou

eternamente grato pela recepção, acolhimento e disponibilidade nesses tempos de tratamento. Registro aqui meus eternos votos de gratidão. Família é tudo, vocês são demais... Obrigado!

E, por último, mas não menos importante, à minha companheira de trajetória, que ao fim dessa jornada tão sofrida, só reforço aqui o meu amor incondicional que tenho por você, Danielle. Mesmo longe, sozinha, sem poder me acompanhar nesse tratamento de câncer, consegui manter o amor e dedicação acesos... Te amo muito! Essa vitória, e tantas outras que virão nesse próximo ciclo, vão coroar nossos choros, desesperos e angústias. Daqui para frente serão apenas alegrias para colhermos

Por fim, agradeço a todos que aqui não pude mencionar mas que estão para sempre no meu coração.

Obrigado.

Lucas Thiago Rodarte Alvarenga.

Canto dos Trabalhadores

Companheiros! Companheiras!

Levantai-vos! Vinde em massa!

O pendão livre esvoaça

Ao sol claro do porvir

Nos insultos e nas penas

Mútuo pacto nos perta;

A grande obra que liberta

Quem de nós a irá trair?

São os filhos do trabalho

Quem há de redimir

Ou viver pelo trabalho,

Ou lutando sucumbir!

Pelo campo e pela mina,

A buscar um magro ganho,

Somos brutos dum trabalho,

Ou lutando sucumbir!

O senhor por quem lutamos,

Não nos dá direito à vida,

A ventura prometida,

Quando a vemos nós e tão?

São os filhos do trabalho...

Trecho da música “Canto dos Trabalhadores”, retirada de uma edição do jornal A Terra Livre, lançada em maio de 1906, em ocasião das comemorações do 1º de Maio daquele ano.

RESUMO

O propósito deste trabalho é analisar o jornal libertário anarquista *A Terra Livre*, lançado em São Paulo em 1905, tendo sua circulação até o ano de 1910. A pesquisa prioriza o jornal em sua concepção, estruturação e formas de veiculação, bem como a atuação de seus idealizadores: Edgard Leuenroth e Neno Vasco, jornalistas, anarquistas e importantes militantes libertários da época. Nessa análise, busca-se identificar e compreender as redes sociais formadas pelo conjunto jornalistas/leitores/subscritores e o papel dela como contribuinte para a circulação do impresso e para consolidação de bases do movimento operário, bem como analisar o processo de disputa pela cultura literária paulistana e carioca, evidenciando as movimentações hegemônicas dos jornais de grande circulação pelos círculos de poder na sociedade civil e pela tentativa dos jornais operários e suburbanos em contrabalancear esses jogos de poder.

Palavras-chave: Anarquismo, jornalismo, hegemonia, militância política, redes sociais;

ABSTRACT

The purpose of this paper is to analyze the libertarian anarchist newspaper, A Terra Livre, which was launched in São Paulo in 1905 and circulated until 1910. The research prioritizes the newspaper in its conception, structure and forms of publication, as well as the performance of its creators: Edgard Leuenroth and Neno Vasco, journalists, anarchists and important libertarian militants of the time. This analysis seeks to identify and understand the social networks formed by journalists / readers / subscribers and their role as contributors to the circulation of the print and to consolidate the bases of the workers' movement, as well as to analyze the process of dispute over literary culture in São Paulo and Carioca, evidencing the hegemonic movements of the newspapers of great circulation by the circles of power in the civil society and by the attempt of the working and suburban newspapers to counterbalance these games of power.

KEYWORDS: Anarquism, journalism, hegemonic movements, political activism, social networks;

LISTA DE SIGLAS

- AIT** Associação Internacional dos Trabalhadores
- CGT** Confédération Générale du Travail (Confederação Geral dos Trabalho)
- COB** Congresso Operário Brasileiro
- COB** Confederação Operária Brasileira
- FORJ** Federação Operária do Rio de Janeiro
- FOSP** Federação Operária de São Paulo
- UGT** União Geral dos Trabalhadores
- UTED** União dos Trabalhadores de Engenho de Dentro (RJ)
- UTG** União dos Trabalhadores Gráficos

LISTA DE FIGURAS

- Figura 1** - Locais de reunião dos libertários e das redações dos jornais nos bairros operários de São Paulo. Fonte: Arquivo do Estado de São Paulo.
- Figura 2** - Mapa ilustrativo acerca dos locais de redação dos jornais anarquistas e dos centros de reunião operária no Rio de Janeiro. Fonte: Arquivo Nacional.
- Figura 3** – Exemplos de diferenciação de fontes tipográficas. Jornal *O Amigo do Povo* (1902).
- Figura 4** – Exemplos de diferenciação de fontes tipográficas. Jornal *O Trabalhador Graphico* (1905).
- Figura 5** - Exemplo dos modelos de diagramação dos jornais operários. Jornal *A Voz do Trabalhador* (1908).
- Figura 6** - Exemplo dos modelos de diagramação dos jornais operários. Jornal *O Novo Rumo* (1906).
- Figura 7** - Modelo de uma edição do Jornal *A Terra Livre* em 1906.
- Figura 8** - Processo de leitura do jornal *A Terra Livre* (1906).
- Figura 9** - Evolução do nome do jornal *A Terra Livre* ao passar dos anos.
- Figura 10** - Algumas charges expostas no jornal *A Terra Livre*.
- Figura 11** - Exemplos de alguns títulos de artigos publicados pelo jornal *A Terra Livre*.

Figura 12 – Mapa político atual do estado de São Paulo mostrando a capilaridade da rede social do jornal *A Terra Livre* (1905-10). Fonte: Arquivo do Estado de São Paulo.

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Descrição das despesas para a impressão de uma edição do jornal *A Terra Livre*.

Tabela 2 – Despesas anuais para impressão do jornal *A Terra Livre* (Ano 1 – 1906).

Tabela 3 – Relação das doações recebidas pelo jornal *A Terra Livre* (Ano 1 – 1906).

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 - Relação entre receitas e despesas durante o primeiro ano de publicação do Jornal *A Terra Livre* (1906).

Gráfico 2 - Gráfico sobre as doações durante o primeiro ano de publicação (1906).

Gráfico 3 - Relação das despesas durante o primeiro ano de publicação (1906).

Gráfico 4 - Gráfico sobre as doações referentes ao segundo ano de publicação (1907).

Gráfico 5 - Gráfico sobre as despesas durante do segundo ano de publicação.

Sumário

INTRODUÇÃO: os jornais e o desafio do ofício de historiador	14
CAPÍTULO 1: O homem livre sobre a terra livre: Anarquismo, jornalismo e militância política na Primeira República	23
1.1 A chegada do Anarquismo em São Paulo	23
1.2 O Anarquismo e a imprensa: os primeiros periódicos anarquistas brasileiros	30
1.3 Neno Vasco: o jornalismo como objeto de militância política e educação libertária	37
<i>1.3.1 A saída de Neno Vasco de Portugal e sua viagem ao Brasil.....</i>	<i>37</i>
<i>1.3.2 A chegada de Neno Vasco a São Paulo</i>	<i>Erro! Indicador não definido.</i>
1.4 Edgard Leuenroth: jornalismo, memória e militância anarquista	47
<i>1.4.1 A saída do interior e a chegada à São Paulo</i>	<i>Erro! Indicador não definido.</i>
<i>1.4.2 A entrada de Edgard Leuenroth para a militância anarquista</i>	<i>Erro! Indicador não definido.</i>
<i>1.4.3 Edgard Leuenroth: um jornalismo como construção</i>	<i>Erro! Indicador não definido.</i>
CAPÍTULO 2: Folheando a imprensa: jornalismo, produção técnica e editoração do jornal A Terra Livre	57
2.1 O jornal: um panorama sobre o periodismo em São Paulo e Rio de Janeiro	57
2.2 O Jornal operário: limitações e alternativas de produção e circulação pela cidade	64
2.3 O Jornal A Terra Livre: estratégias de impressão e circulação	74
2.3.1 Suporte	76
2.3.2. Conteúdo	90
CAPÍTULO 3: As munições para A Terra Livre: a rede social entre os produtores, assinantes e leitores do jornal A Terra Livre	101
3.1: O grupo de propaganda: pela educação libertária, nasce um jornal.....	101
3.2. A subscrição voluntária: o elo econômico entre os leitores e o grupo de propaganda	105
3.3 A rede social: o coração, as mãos e a mente do jornal	119
<i>3.3.1 Os grupos de editores do jornal: o coração e a mente</i>	<i>120</i>
<i>3.3.2 Os doadores do jornal: as mãos, os operários d'A Terra Livre</i>	<i>129</i>
3.4 Conclusão: uma rede de colaboradores	144
CONSIDERAÇÕES FINAIS: o jornal operário, uma rede de sociabilidades	147
BIBLIOGRAFIA:	150

INTRODUÇÃO: os jornais e o desafio do ofício de historiador

Onde encontrar mais vestígios sobre essas vidas, esses destinos marcados por tanta fluidez? Como escrever a história desses homens e mulheres, cujo viver escapa às narrativas, aos olhares da memória coletiva? Como ensinava o poeta, o historiador "veio para contar / o que não faz jus a ser glorificado / e se deposita, grânulo, / no poço vazio da memória". Mesmo sabendo impossível a tarefa, não será ela incontornável?¹

As palavras tão desafiadoras da pesquisadora Maria Luiza Oliveira Ferreira faz-nos pensar num seguinte dilema: como podemos “dar voz” a personagens até então relegados da nossa dita História? Como podemos acessar o cotidiano dessas pessoas simples – ou nem tanto - tão caras a nós, historiadores sociais?

Perguntas como essas, estão presentes no dia-a-dia da nossa profissão, principalmente daqueles que trabalham com a História Social: dar voz aos personagens desaparecidos dos documentos oficiais ou citados apenas para o uso de controle social². Acessar essas vozes não se configura uma tarefa fácil e é necessário utilizar dos mais diversos tipos de fontes de pesquisa, sempre com o intuito de “mapear” as trajetórias dessas pessoas na sua luta por condições melhores de vida, posições políticas, pela liberdade entre outros tantos temas.

E, para mim, essa tarefa se tornara um pouco mais difícil: não era um historiador de ofício; era advindo da formação em Comunicação Social, pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. Era professor em turmas especiais de História para o Ensino Fundamental e, no dia-a-dia da profissão, tive amplo contato com acervos sobre diversos trabalhos realizados por historiadores sobre jornais lançados em diversos momentos de nossa história. Esse contato fez-me despertar o desejo em estudar esses jornais, sobretudo aqueles produzidos por uma classe operária que, em determinado momento, tiveram um certo protagonismo na produção em Comunicação no Brasil. E isso é que me intrigava mais: a própria Escola de Comunicação relegava, ou, simplesmente, secundarizava essa produção, jogando luz aos grandes “sucessos” da empresa jornalística, em detrimento destes jornais.

Pensando por esse aspecto, tive uma decisão drástica: abandonar os estudos em Comunicação e tentar construir um trabalho buscando evidenciar o ofício do historiador na

¹ OLIVEIRA, Maria Luiza Ferreira. **Relações sociais e experiências de urbanização**: São Paulo, 1870-1900. Vol. 1. Tese de doutorado – Universidade de São Paulo, 2003. Pg. 06.

² NETO, Murilo Leal Pereira. **A reinvenção do trabalhismo no vulcão do inferno**: um estudo sobre os metalúrgicos e têxteis de São Paulo; a fábrica, o bairro, o sindicato e a política (1950-1964). Vol. 1. Tese de doutorado - Universidade de São Paulo, 2006. Pg. 22.

busca, coleta e análise destas fontes de pesquisa que eram tão caras a mim, os jornais. Daí se aproximava um outro desafio: aprender a prática do historiador. Tive que me familiarizar com toda a bibliografia extensa acerca da formação do historiador, e principalmente, acerca das dinâmicas teóricas acerca da História Social.

Num segundo momento, já em contato com os acervos desses jornais, sobretudo o meu objeto de estudo, o jornal *A Terra Livre*, tive uma segunda constatação: todo jornal feito por trabalhadores são *projetos coletivos*. Feitos a muitas mãos e que necessitava ampliar o espectro de estudo para evidenciar esse grande grupo de pessoas que auxiliavam os principais redatores na confecção de cada número do periódico. E, na maioria das vezes, a recuperação das informações desse grupo se tornara uma tarefa cada vez mais difícil; as pessoas desapareciam nas páginas do jornal e precisavam ser resgatadas consultando outras fontes, outros trabalhos de pesquisadores, enfim, dinamizar a busca por informações.

Uma espécie de profissão de fé, uma guia para a minha caminhada eu encontrei numa citação da autora Maria Helena Machado, em seu livro *O Plano e o Pânico*, onde ela buscava seu parecer acerca deste desafio de buscar “*a recuperação dos grupos sem história*”. Ela cita:

A ideia da recuperação de uma história dos grupos sem história, ou, melhor dizendo, daqueles cujos registros históricos que se fizeram na ausência dos interessados e sempre à sua revelia, tornou-se fórmula acadêmica e uma profissão de fé do historiador da vida social³.

Sendo assim, o historiador da vida social⁴ irá tratar das mais diversas nuances e situações e dos mais diversos tipos de fontes documentais, orais e até eletrônicas, dependendo do recorte temporal no qual se atém a estudar, sempre com o objetivo de captar os personagens inseridos nos objetos de estudo. Baseado nessa constatação busquei o desafio de, além de estudar sobre as dificuldades e desafios apresentadas pelos redatores ao iniciar a empreitada de lançar um jornal, decidi buscar a trajetória das pessoas envolvidas na feitura do jornal, objeto de pesquisa.

Analisando esta ampla bibliografia acerca da História Social, percebi que o jornal se transformou num objeto privilegiado de acesso à pesquisa por parte dos historiadores. A autora Regina Horta Duarte, nos explana sobre a importância dos jornais para a História Social. Para

³ MACHADO, Maria Helena. *O Plano e o pânico*: os movimentos sociais na década da abolição. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, EDUSP, 1994. Pg. 15.

⁴ *Id ibid*, *Op. cit.*

ela, “*mais do que um mero documento a mostrar reações, os jornais se apresentam como (...) parte integrante da experiência vivida pelos habitantes da cidade.*”⁵

Já o autor Murilo Leal Pereira Neto, ao citar o historiador Jacques Le Goff, nos disserta sobre os documentos utilizados pelos historiadores e, sobretudo, os jornais, que, para ele, são caracterizados como “documentos/monumentos”. Para ele:

Todos os documentos são, certamente, documentos/monumentos, ‘verdadeiros e falsos’ ao mesmo tempo, desafiando a crítica histórica a incorporá-los à construção do conhecimento do passado e ao mesmo tempo ultrapassá-los, desmontando-os como versão acabada do passado.⁶

Em sua tese de doutorado ele tem por fontes de pesquisa alguns jornais sindicais e jornais de militantes, sempre com o objetivo de tentar mapear a atuação dos trabalhadores metalúrgicos e do setor têxtil em São Paulo. Sobre esses jornais ele ainda possui um ponto de vista sobre a importância dos mesmos. Ainda o autor:

Os jornais são, primeiramente, porta-vozes da posição sindical defendida pela diretoria do sindicato e, mais do que isto, são veículos de construção de uma determinada visão de mundo. Mas, a imprensa sindical é muito mais do que porta-voz de uma Diretoria (...) permitem-nos valorizar como representativos tanto de uma linha partidária, quanto da vivência real dos problemas do chão de fábrica.⁷

O autor nos fornece também que uma análise prudente sobre as fontes de pesquisa podemos propiciar ótimos indícios sobre a posição política e intencional das mesmas, e, em suma, nortear nossa busca pelas informações necessárias para construir nossa pesquisa:

Como já foi observado por muitos autores, parte do que se registrou sobre as classes populares no passado foi com o objetivo de controlá-las - não restando às vezes ao pesquisador outra alternativa senão trabalhar com esses documentos, empreendendo sua crítica como documentos-monumentos que são. Cabe, portanto, o mesmo cuidado a ser observado na análise de quaisquer documentos produzidos por determinadas instituições: revelam mais sobre a instituição que os produziu e de como a mesma entendeu e agiu sobre outros espaços e personagens do que ‘da realidade’.⁸

⁵ DUARTE, Regina Horta. **Noites circenses**: espetáculos de circo e teatro em Minas Gerais no século XIX. Tese de doutorado – Universidade Estadual de Campinas, 1993. Pg. 08.

⁶ NETO. *Op. cit.* Pg. 18.

⁷ *Id ibid, op. cit.* Pg. 22.

⁸ *Id ibid, op. cit.* Pg. 22.

Pensando nesse aspecto, a autora Heloísa de Faria Cruz⁹ expõe sua experiência em estudar o papel da imprensa para a formação das “experiências sociais” que constituem os atores participantes da criação de um meio de comunicação libertário. Ela cita:

O contato com esses materiais e a identificação de sua crescente articulação com as experiências sociais que constituem a metrópole parecia propor que a expansão/redefinição da cultura impressa, concretizada principalmente pela difusão da imprensa periódica e, num âmbito menor, a imprensa operária, constituía-se como dimensão importante daquela experiência social (...) o povo e a cidade intrometem-se nas páginas da imprensa.¹⁰

No entanto, mesmo com esse caráter representativo das experiências sociais que envolvem os meios de comunicação, o tratamento da imprensa como fonte de pesquisa nem sempre foi visto com bons olhos por parte dos historiadores. Dessa forma, durante muito tempo, a utilização da imprensa como fonte de estudo para pesquisas em História, foi relegada, pelo seu caráter subjetivo, muitas vezes manipulativo e coercivo dos seus discursos. Isto se devia ao fato dos estudiosos serem levados a considerar apenas as paixões representadas por seus jornalistas e até mesmo por parte dos mantenedores dos meios de comunicação¹¹.

Segundo a autora Maria do Carmo Aguiar¹², esta mudança de paradigma só foi possível com uma busca por novos modelos de estudo para reconstrução do passado e sua relação com o presente. Configura-se, assim, uma mudança na perspectiva historiográfica, onde no princípio tínhamos uma história voltada somente para o econômico, religioso e político, onde levava-se em consideração, como fonte para pesquisa, somente os documentos ditos oficiais. Então, segundo a autora, o historiador apresenta-se numa nova perspectiva, onde o mesmo “*irá em busca de novas fontes que propiciem não o estudo de um fato isolado um feito, mas sim agora um estudo de uma classe social suas ansiedades seus ideais*”¹³. Uma dessas maneiras, citadas pela autora, de estudar o comportamento de uma sociedade e suas nuances é indo em busca de periódicos de época onde estão representados todos os movimentos no entorno da luta por posições político-sociais dos leitores, jornalistas e públicos envolvidos. Dessa forma, o

⁹ CRUZ, Heloísa de Faria. **São Paulo em papel e tinta: periodismo e vida urbana: 1890-1915**. São Paulo: EDUC, FAPESP. 2000.

¹⁰ *Id ibid. Op. cit.*, pg. 19.

¹¹ Esta constatação está presente no trabalho de Marialva Barbosa e Morel Marcos quando estes analisam a imprensa enquanto fonte de pesquisa. BARBOSA, Marialva; MOREL, Marcos. História da Imprensa no Brasil: metodologia para o inventário 1808 – 2008. **Jornal da Rede Alcar**, São Bernado do Campo, Ano 3, n.30, 2003.

¹² AGUIAR, Maria do Carmo Pinto Arana. Imprensa: fonte de estudo para construção e reconstrução da história. **X Encontro Estadual de História**. Santa Maria, Rio Grande do Sul. 26 a 30 de junho de 2010.

¹³ *Id ibid, Op. cit.* Pg. 05.

historiador jamais poderá ser imparcial uma vez que faz parte da sociedade a qual está estudando.

Ao discutir sobre as fontes históricas, sobretudo a imprensa, criticadas por positivistas e estruturalistas pela intencionalidade destes registros, faz-se necessário citar E. P. Thompson¹⁴ quando este explica que tanto as evidências intencionais quanto as não intencionais são objetos de estudos para a história. Ainda nos esclarece que a própria intencionalidade é objeto de investigação e a maioria das fontes escritas possui valor histórico, independente do motivo que levou o registro.

Thompson ainda ressalta sobre o método de pesquisa histórica, ensinando: “*a evidência histórica existe, em sua forma primária, não para revelar seu próprio significado, mas para ser interrogada por mentes treinadas numa disciplina de desconfiança atenta.*”¹⁵ A seguir, ele aponta seis possibilidades diferentes para se interrogar os fatos históricos:

(1) antes que qualquer outra interrogação possa ter início, suas credenciais como fatos históricos devem ser examinadas: como foram registrados? Com que finalidade? Podem ser confirmados por evidências adjacentes? Assim por diante. Este é um aspecto básico do ofício; (2) ao nível de sua própria aparência (se forem) fenômenos culturais ou sociais (apresentam-se evidências portadoras de valor (...)) (3) como evidências isentas de valor (...)) (4) como elos numa série linear de ocorrências (visto que) na construção de uma exposição narrativa (...)) (5) como elos numa série lateral de relações sociais/ideológicas/econômicas/políticas (...)) (6)(...) mesmo fatos isolados podem ser interrogados em busca de evidências que sustentam a estrutura.¹⁶

Neste processo de ampliação de nossa compreensão sobre as fontes, os estudos históricos passam a incorporar de forma crescente a imprensa periódica, seja nas suas variedades históricas e de veículos, grandes jornais diários, jornais regionais e locais, revistas nacionais, revistas de variedades, culturais, especializadas ou militantes, gibis, jornais alternativos ou de humor; seja em suas diferentes partes e seções, como editoriais, noticiário corrente, carta de leitores, seção comercial, artigos assinados; ou ainda, nos diversos gêneros e linguagens que se articulam nos veículos, como artigo de fundo ou editorial, a notícia e a reportagem, as crônicas, críticas e ensaios, as cartas e pequenos comentários, a fotografia, o desenho e a charge, o classificado e o anúncio comercial - tem sido amplamente utilizada na pesquisa acadêmica e no ensino de história.

¹⁴ THOMPSON, E. P. **A Miséria da Teoria**. Tradução Waltensir Dutra. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.

¹⁵ *Id ibid. Op. cit.* p. 38.

¹⁶ *Id ibid. Op. cit.* p. 38-39.

Para as autoras Heloísa Cruz e Maria do Rosário Peixoto¹⁷, transformar um jornal ou revista em fonte histórica é uma operação de escolha e seleção feita pelo historiador e que supõe seu tratamento teórico e metodológico no decorrer de toda pesquisa desde a definição do tema à redação do texto final. O estudo da imprensa, assim como de quaisquer outros materiais selecionados pelo historiador, não se esgota nela mesma e requer o diálogo com outras fontes que colocam em cena outros sujeitos ou práticas sociais, outras dimensões daquela temporalidade. Como espaço privilegiado de poder e mobilização da opinião pública, a imprensa atua sob normas e condições que expressam uma determinada correlação de forças com as quais interage de forma ativa.

Para a autora Maitê Peixoto¹⁸, ao encarar a imprensa operária enquanto fonte, o pesquisador está optando por utilizá-la como suporte para reflexões que ultrapassam os limites do jornal em si, desprezando, não raras vezes, discussões que dizem respeito à dinâmica interna de produção e circulação do periódico. Essa perspectiva pode ser compreendida (no que se refere à imprensa operária) num passado recente, visto que boa parte desse material ainda não estava disponível nos arquivos.

Tânia Regina de Luca também argumenta que os jornais não são, na maioria das vezes, obras solitárias, mas empreendimentos que reúnem um conjunto de indivíduos, o que os tornam projetos coletivos e devem ser encarados como tal pelo historiador, pois agregam pessoas em torno de ideais, crenças e valores que se pretende discutir, a partir da palavra escrita. A autora ainda constrói uma abordagem metodológica para tratar a imprensa como um todo. Para ela é:

(...) preciso identificar cuidadosamente o grupo responsável pela linha editorial, estabelecer os colaboradores mais assíduos, atentar para a escolha do título e para os textos (...), inquirir sobre suas ligações cotidianas com diferentes poderes e interesses.¹⁹

Na esteira desta análise de Tânia Regina podemos observar a autora dissertando sobre um processo de estudo das fontes impressas, que cito neste texto. Trata-se de:

a) Encontrar as fontes; b) localizar a publicação na história; c) assenhorar-se da forma de organização (periodicidade, impressão, papel, uso, iconografia);

¹⁷ CRUZ, Heloísa de Faria; PEIXOTO, Maria do Rosário Cunha. Na oficina do historiador: conversas sobre história e imprensa. **Projeto História**, São Paulo, n.35, p. 253-270, dez. 2007.

¹⁸ PEIXOTO, Maitê. A partilha da experiência visual vivenciada nas páginas do jornal *A Plebe*. **Revista Latino-Americana de História**. Vol.2, nº7. Setembro de 2013.

¹⁹ LUCA, Tânia Regina de. História dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKY, Carla Bassanezi (org). **Fontes Históricas**. 2. ed. 2ª impressão. São Paulo: Contexto, 2000. Nesse aspecto também podemos retomar o trabalho de Marialva Barbosa e Morel Marcos quanto estes elencam uma metodologia muito interessante para a catalogação de periódicos. BARBOSA, Marialva; MOREL, Marcos. *Op. cit.*

d) caracterizar o grupo responsável; e) identificar o público leitor; f) identificar as fontes de receita; g) analisar todo o material de acordo com o problema a ser pesquisado;²⁰

Partindo desse pressuposto, os estudos dos jornais operários tornaram-se fontes preciosas para entender o processo de organização e sociabilidade da classe operária no início da industrialização do Brasil. Ainda citando o trabalho de Maitê Peixoto com o intuito de levantar a importância e outros apontamentos para a abordagem do jornal operário enquanto fonte de pesquisa:

Se utilizada enquanto objeto, o pesquisador passa a voltar sua atenção para aquilo que nutre, gerencia, cria e movimenta o periódico, relegando questões exteriores a ele na análise. Certamente que estas são questões que fazem parte do ofício historiográfico e das escolhas necessárias para compor um estudo. Nossa perspectiva, entretanto, tenta agregar à análise essas duas possibilidades de estudo concernentes à imprensa operária no Brasil. É interessante refletirmos um pouco acerca das condições em que eram produzidos esses jornais, os sujeitos envolvidos nesse processo e a dinâmica estabelecida entre: militante, organismo sindical ou partidário e o próprio periódico.²¹

Assim, a imprensa libertária desempenhava o papel de principal meio de comunicação entre anarquistas, sindicalistas ou socialistas e entre eles e as classes trabalhadoras, as classes dominantes e a grande imprensa. Para Maitê Peixoto, na medida em que a iniciativa do militante se torna uma realidade, ela se faz notícia, informação; se transforma em reflexão coletiva através da disseminação do periódico, em ferramenta também de sociabilidade, agrega elementos teóricos, sensíveis, que estimulam a informação e a educação do operariado.²²

Simultaneamente, os jornais das classes trabalhadoras são também um produto de uma luta social, resultado de um processo de negação da realidade vigente. Além de ser a fonte privilegiada para o estudo do movimento operário e para a própria caracterização da classe trabalhadora nos primórdios do regime republicano no Brasil, a imprensa operária torna-se uma possibilidade de conhecimento das iniciativas políticas dos trabalhadores do início da República.

No processo de pesquisa sobre a expansão e diversificação dos veículos impressos e grupos produtores, a renovação das linguagens e conformação de conteúdo, é possível perceber

²⁰ LUCA, *Op. cit.* Pg. 142.

²¹ PEIXOTO, *Op. cit.*, pg. 310.

²² *Id ibid*, *Op. cit.*, pg. 312.

um movimento mais amplo de rearticulação das relações sociais no período. Analisar essas relações requer delinear um espaço de hesitações e dificuldades para o trabalho concreto de análise das fontes. Este conjunto de perspectivas e questões coloca-se muito mais como um horizonte de preocupações do que promessa de um roteiro a ser cumprido.

Resta-nos agora apresentar nosso objeto de pesquisa. Obviamente, é apenas uma análise simplória para que o leitor possa ter conhecimento de nossa fonte de pesquisa: trata-se do jornal anarquista *A Terra Livre*, impresso de periodicidade quinzenal, lançado originalmente em São Paulo em 1905, e posteriormente mudou sua redação para o Rio de Janeiro em 1906. O periódico foi lançado por iniciativa dos anarquistas Edgard Leuenroth e Neno Vasco, ambos jornalistas e militantes libertários ligados à classe operária. O jornal teve uma tiragem de 75 exemplares, durante toda a sua vida de publicação, entre 1905 e 1910. Esse período perfaz nosso recorte temporal para o estudo.

Sendo assim, expomos a estrutura de nossa dissertação, buscando, a princípio, evidenciar como você, leitor, pode se guiar pela leitura da pesquisa. O texto está estruturado em Introdução, capítulos 1, 2 e 3, e Considerações Finais:

Introdução – Constará como um breve histórico sobre os processos que levaram à escolha do tema e também à estrutura da dissertação como um todo, bem como os desafios que encontrei no meu breve caminho em adentrar ao universo do historiador. Aqui, estão registradas minhas dúvidas que encontrei no momento montar uma metodologia de trabalho que pudesse evidenciar todas as nuances que encontrei na análise da fonte principal, o jornal *A Terra Livre*, e das outras fontes complementares e obras teóricas sobre o Anarquismo.

Capítulo 1 - Será apresentada uma breve história da vinda do anarquismo para o Brasil e as principais correntes do movimento até aquele dado momento. Parte-se aqui para explicar dinâmicas históricas que proporcionaram a idealização do jornal, bem como evidenciar os principais acontecimentos envolvendo algumas publicações que circularam em um breve momento antes da criação do jornal, como os outros periódicos *La Battaglia*, *O Amigo do Povo* e *Novo Rumo* a revista *Aurora*. O intuito aqui é delinear as condições históricas que permitiram aos editores a publicação de um novo periódico anarquista, mesmo com a presença de outros já em circulação. Ainda como uma continuação das bases teóricas já evidenciadas pela introdução, busca-se evidenciar a cultura política envolvendo a presença do anarquismo no Brasil. O objetivo neste momento é levantar algumas personalidades-chave que contribuíram para a circulação das ideias anarquistas pelos trabalhadores em todo mundo. Figuras como Piotr Kropotkine, Errico Malatesta, Jean Grave, foram importantes em divulgar a teoria de um ideal

que ganhava cada vez mais adeptos naquele determinado momento. Soma-se, ainda, a uma maciça onda imigratória que trouxe, além de pessoas da Europa, ideais, experiências e atitudes que delimitaram a “personalidade” do recém criado operariado brasileiro, sobretudo da cidade de São Paulo.

Capítulo 2 – Nesse momento, a redação nos leva a uma guinada ao contrário na dissertação. Busca-se explicar todo o processo produtivo do jornal. A princípio, pretende-se delinear, através de uma análise no próprio jornal, e em outros contemporâneos a ele, as dificuldades em produzir e imprimir um periódico. A escolha do papel de impressão, do formato da publicação, da divisão das colunas, da apreensão de modelos já consagrados, da escolhas dos tipos (caracteres) de impressão. Para além desta análise técnica, o próximo objetivo é levantar as principais colunas e temáticas escolhidas pelos editores como chamativa para a leitura do jornal. Há determinadas escolhas que evidenciaram o padrão de redação do jornal e será delimitado nessa parte da dissertação. Através dessa análise, sugerindo uma abordagem sobre a forma e o conteúdo do jornal, busca-se tentar apreender a forma como os editores se debruçaram na produção do jornal e, principalmente, nas limitações apresentadas, buscarem soluções possíveis para a impressão do mesmo.

Capítulo 3 – Nesse momento da dissertação, talvez um dos mais desafiadores e que evidencia a abordagem pretendida pelo projeto, busca-se levantar a rede social, a dinâmica de produção entre os grupos editores, os leitores e o subscritores, isto é, os financiadores do jornal para a sua sobrevivência. Pretende-se aqui nomear as pessoas envolvidas na edição do jornal; os grupos que se organizaram para buscar temáticas, denúncias, teorias sobre o anarquismo e outros assuntos que poderiam ser pertinentes à confecção do jornal. Para além disso, busca-se levantar os principais grupos de subscritores, traçando seus perfis de atuação e, baseados nestes perfis, tentar traçar um grupo conciso que se organizou para financiar o jornal e desenvolver uma rede educacional e libertária, sempre com o objetivo de mobilização de todos os trabalhadores para a luta contra as adversidades e condições desumanas praticadas pelas indústrias e fazendas espalhadas por todo o Brasil.

Conclusão – Nesse momento, o balanço sobre todo o trabalho será realizado com o intuito de descobrir novas possibilidades de aprofundamento do estudo, sobretudo no que tange a participação efetiva de todos esses personagens num movimento operário conciso e sabedor de todas as dificuldades apresentadas.

CAPÍTULO 1: O homem livre sobre a terra livre: Anarquismo, jornalismo e militância política na Primeira República

1.1 A chegada do Anarquismo em São Paulo

A emergência da República brasileira é marcada por um condicionamento peculiar no trato da chamada “questão social”. O fim da escravidão negra e da monarquia não se traduziu em melhorias nas condições de vida dos segmentos populares. Paralelo a esses acontecimentos deu-se o estabelecimento da industrialização em massa no país, ao lado de uma intensificação da imigração de trabalhadores europeus para suprir uma mão de obra em falta no mercado²³. A cidade do Rio de Janeiro e, principalmente, a capital paulista foram os centros urbanos que mais evidenciaram esta realidade. A partir de 1890, nestes estados (Rio de Janeiro e São Paulo), a força de trabalho estrangeira se tornava consistente no caso paulista²⁴, enquanto no caso carioca (e fluminense), os trabalhadores eram, em sua maioria, brasileiros, descendentes de escravos mas, com uma parcela nada desprezível de imigrantes.

Desde o início da República, essa parcela da população trabalhadora, sobretudo em São Paulo permaneceu indisputada pelos grupos que se digladiavam na arena institucional. O mercado de trabalho industrial era formado por imigrantes que abandonavam as áreas agrícolas, devido às péssimas condições de trabalho, ou quando os salários agrícolas eram comprimidos (nos momentos de retração do mercado cafeeiro). O movimento republicano não havia conseguido mobilizá-las permanentemente e nem ofereceu melhores condições para o trabalho dessas populações²⁵.

Michael Hall e Paulo Sérgio Pinheiro explicam sobre as características inerentes dessa nova classe de operários: “*a industrialização, a densidade de população, um proletariado suficientemente numeroso e uma cultura moderna bastante difundida*”²⁶ foram essenciais para favorecer o nascimento de um operariado heterogêneo, dentro do qual se destacavam trabalhadores rurais, trabalhadores manuais especializados e outros sem especialização e, acrescentando, militantes anarquistas, socialistas e sindicalistas revolucionários, muitos dos

²³ HALL, Michael. Imigrantes da cidade de São Paulo. In: PORTA, Paula (org.). **História da cidade de São Paulo: a cidade na primeira metade do século XX (1890-1954)**. Vol.3. São Paulo: Ed. Paz e Terra, 2004.

²⁴ *Id ibid, Op. cit.* Pg. 121.

²⁵ MARAM, Sheldon Leslie. **Anarquistas, imigrantes e o movimento operário brasileiro. 1890-1920**. Rio de Janeiro: Paz e Terra. 1979.

²⁶ HALL, Michael M; PINHEIRO, Paulo Sérgio. **A classe operária no Brasil. 1889-1930: documentos**. Vol. 1. O Movimento Operário. Col. Política. São Paulo: Ed. Alfa Omega. 1979.

quais imigrados. Francisco Foot Hardman nos esclarece, finalmente, que “*a formação da classe operária no Brasil foi um processo complexo por sua própria composição. Uma heterogeneidade básica acompanha seu surgimento no cenário da história da sociedade brasileira*”.²⁷

Segundo Ícaro Bittencourt²⁸ é recorrente na historiografia sobre os anos iniciais da república brasileira, a identificação do descontentamento e da frustração que o novo regime gerou nos indivíduos após a manutenção das práticas políticas oligárquicas e a continuação de uma profunda exclusão socioeconômica da população. Esse sentimento também fez eco entre os operários, integrados numa sociedade que, no discurso e nas estruturas formais do Estado, proclamava a igualdade entre os cidadãos e a importância do trabalho para a promoção da riqueza nacional. Porém, na prática, excluía os trabalhadores das decisões políticas e relegava-os a um estado de miséria e opressão por parte do empresariado. O Estado não permitiu a abertura de canais institucionais capazes de assimilar as demandas de ordem política, econômica e social, que brotavam no interior do grupo, e tampouco canais constitucionais capazes de mediatizar os conflitos agudos entre o capital e o trabalho²⁹.

No caso de São Paulo, a imigração se tornou fator preponderante para a nova formação dessa parcela da população excluída das decisões do Estado brasileiro. Sheldon Leslie Maram nos fornece dados quantitativos importantes que mostra a dimensão da imigração no Brasil, ligada à formação da classe operária nacional. Segundo o autor, mais de três milhões de imigrantes entraram no Brasil entre 1871 e 1920, dos quais mais de um milhão eram italianos, seguidos dos portugueses e espanhóis.³⁰ O autor Michael Hall, ainda focando o caso paulista, afirma que os imigrantes, em sua maioria, submetidos a condições aviltadas de trabalho e vivendo em precárias condições de vida, acabaram voltando para sua terra natal, mas ao mesmo tempo levadas consistentes deslocaram-se para a cidade de São Paulo, onde ingressaram na ainda incipiente atividade industrial, constituindo a primeira geração local de trabalhadores fabris³¹.

Sobre esse aspecto, o município paulistano vivia um momento agudo de transformação, reflexo direto do fenômeno migratório. Segundo dados dos censos demográficos da virada do

²⁷ HARDMAN, Francisco Foot. **Nem pátria, nem patrão!** Vida operária e cultura anarquista no Brasil. 2ª ed. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1983. Pg. 17.

²⁸ BITTENCOURT, Ícaro. O operariado no Brasil da primeira república: alguns apontamentos teórico-metodológicos e historiográficos. **Revista Social e Humana**, Santa Maria, v. 20, n. 01, jan/jun 2007, 141-151.

²⁹ MAGNANI, Silvia Lang. **O movimento anarquista em São Paulo (1906-1917)**. São Paulo: Ed. Brasiliense. 1982. Pg. 48.

³⁰ MARAM. *Op. cit.*

³¹ HALL, Michael. O movimento operário da cidade de São Paulo: 1890-1954. In: PORTA, Paula (org.). **História da cidade de São Paulo: a cidade na primeira metade do século XX (1890-1954)**. Vol.3. São Paulo: Ed. Paz e Terra, 2004.

século, a população da cidade praticamente quadruplicou em dez anos, passando de 64.934 habitantes em 1890 para 239.820 em 1900. A taxa de crescimento nesse período, mensurada pela taxa geométrica de crescimento anual, ficou em 14%, percentual jamais repetido em toda a histórica dos levantamentos censitários no município³².

A absorção desse contingente populacional em tão pouco tempo no território municipal foi um processo conturbado, tanto do ponto de vista econômico como urbanístico. Em seus extremos, a abertura de novos lotes para uso e ocupação das classes médias e dominantes foi acompanhada da proliferação de cortiços e habitações coletivas. O crescimento das habitações populares deu-se nos bairros situados ao longo das vias férreas (Água Branca, Barra Funda, Brás, Bom Retiro, Luz, Lapa e Ipiranga) e nas proximidades das várzeas de rios (Pari, Belenzinho, Penha e Mooca)³³.

Acompanhando essa taxa crescimento populacional temos, ainda que incipiente, a implantação de unidades produtivas industriais de grande porte, como o emprego de mais de 100 operários por unidade, concentrando-se nos ramos têxtil, ferroviário e de alimentos. Segundo dados coletados pelo autor Richard Morse, podem ser citadas inúmeras indústrias que se instalaram em São Paulo entre os anos de 1890 e 1908 como: as fundações da Companhia de Fiação de tecidos Anhaia Fabril (1890), da Companhia Matarazzo (1891), da Companhia Antártica Paulista (1893), da Fábrica de Cerveja Bavaria (1892), do Cotonifício Rodolfo Crespi (1897), da The São Paulo Railway, Light and Power Company Limited (1899), do Moinho Matarazzo (1900), entre outras. Em 1901, de acordo com Richard Morse, existiam 108 estabelecimentos industriais de grande porte na cidade de São Paulo³⁴.

Em suma, São Paulo estava se tornando, num ritmo exacerbado, num centro industrial e capitalista, grande parte financiado pelo capital cafeeiro, gerenciado pela elite paulistana. E mais, para além disso, a cidade se tornava um centro de decisões sócio-políticas que iriam culminar no protagonismo do estado como influenciador das decisões presidenciais na Primeira República³⁵. Destarte, esse protagonismo influenciou na maneira como o Estado cuidou dessas novas classes populares que surgiram nos grandes centros urbanos.

Já na cidade do Rio de Janeiro, levando em consideração a população do município em 1890, os habitantes registravam a casa de quase meio milhão de habitantes e apenas 10 mil

³² HALL, Michael M; PINHEIRO, Paulo Sérgio. **A classe operária no Brasil. 1889-1930: documentos**. Vol. 1. O Movimento Operário. Col. Política. São Paulo: Ed. Alfa Omega. 1979.

³³ *Id ibid. Op. cit.* Pg. 73.

³⁴ MORSE, Richard M. **Formação histórica de São Paulo: da comunidade à metrópole**. São Paulo: Ed. Difusão Europeia do Livro, 1970. Pg. 235.

³⁵ HARDMAN, *Op. cit.* Pg. 36.

estrangeiros³⁶. Em 1906, o número deles subiu para 25 mil, fazendo com que sua representatividade aumentasse de 11,2% para 13,8% da população total. Entre os anos de 1890 e 1920, as três nacionalidades com maiores contingentes no Distrito Federal eram a portuguesa, a italiana e a espanhola, com maior destaque para a primeira. Os portugueses chegaram a ter um crescimento de 20% sobre a população estrangeira, ultrapassando os 100 mil indivíduos, até 1920. Os italianos, por sua vez, tiveram um salto de 44%, entre 1890 e 1906, e os espanhóis, num movimento semelhante à chegada dos italianos, tiveram um salto de 86% de crescimento entre 1890 e 1906³⁷.

Em termos ocupacionais, a população da capital federal vivenciou as mesmas transformações importantes ocorridas no âmbito populacional, entre os anos 1890 e 1920. Os trabalhadores da indústria, por exemplo, triplicaram seu contingente. Os do setor de transporte passaram aproximadamente de 10 mil para 40 mil trabalhadores. Os funcionários públicos também tiveram um aumento considerável: de 6 mil para 25 mil³⁸.

Essa nova parcela populacional presentes nos grandes centros urbanos, praticamente relegadas do processo político e econômico, já que o Estado adotou formalmente a posição liberal clássica de não-intervenção nas relações entre capital e trabalho, não reconhecendo a legitimidade de qualquer legislação trabalhista, como também não reconhecendo a representatividade das ações sindicais³⁹. Criara, assim, um cenário perfeito para a disseminação de teorias libertárias com o objetivo de educação e politização dos trabalhadores. Muitas se espalharam pelos bairros operários, mas uma em especial, arrebatou os trabalhadores e transformou a vida pública do operário: o anarquismo.

O termo anarquismo agrega concepções de mundo e propostas de reorganização social, que podem ser contraditórias entre si (ou mesmo excludentes) como, por exemplo, a doutrina do Eu-único (a utilização de tudo por todos, que repudia todas as formas de colaboração inter-humana, representante do mais ferrenho individualismo) de Max Stirner, e as doutrinas mutualistas e coletivistas de autores como Mikhail Bakunin e o Piotr Kropotkine⁴⁰.

O anarquismo afirmou-se como um movimento social primeiramente entre os anos de 1868 e 1872, no seio da Associação Internacional dos Trabalhadores (AIT), a Primeira Internacional, uma organização fundada por trabalhadores de diversos países europeus com o

³⁶ MYASAKA, Cristiane Regina. **Os trabalhadores e a cidade: a experiência dos suburbanos cariocas (1890-1920)**. Tese de Doutorado – Universidade Estadual de Campinas. 2016.

³⁷ *Id ibid, Op. cit.* Pg. 53.

³⁸ *Id ibid Op. cit.* Pg. 76.

³⁹ MAGNANI, *Op. cit.* Pg. 26.

⁴⁰ *Id ibid, Op. cit.* Pg. 54.

objetivo único e libertário de cuidar dos interesses “*econômicos, morais e sociais dos trabalhadores do mundo.*”⁴¹ Após intensas batalhas intelectuais entre o grupo de trabalhadores ligados à corrente antiautoritária, liderados pela figura do pensador Bakunin, e o grupo dos socialistas autoritários, liderados por Karl Marx, o conflito culminou com a expulsão dos grupos antiautoritários das sessões da AIT⁴². Estes grupos se organizaram e compareceram ao congresso antiautoritário de Genebra, em 1872. Nesse congresso foram debatidos temas como as estratégias revolucionárias de greve geral e de greve parcial e a necessidade estender e aprofundar a propaganda socialista. Surgia, naquele momento, um movimento organizado que, posteriormente, dar-se-ia o nome de anarquismo.

Após muitos anos, sob a tutela de grandes pensadores do movimento como o próprio Bakunin, Piotr Kropotkin, Carlo Cafiero, Errico Malatesta, James Guillaume, Elisée Reclus, centenas de trabalhadores simpatizantes pelo mundo adotaram a doutrina anarquista e a conduziu, através de um movimento transnacional e internacionalista⁴³, favorecido pelas grandes imigrações europeias, sobretudo entre a Europa e às Américas. Outro fato importante dessa expansão anarquista deve-se ao intenso trabalho dos libertários em acreditar por princípio numa organização socialista descentralista, levando em consideração a realidade ainda distantes e diferentes, como a Rússia e a América Latina⁴⁴.

O modelo organizacional dos grupos anarquistas variou em função das conjunturas políticas, de suas finalidades e de acordo com a região e época. Seus grupos inspiraram-se tanto em modelos de organizações públicas e inclusivas como naqueles de organizações secretas e restritivas.

Os grupos que compunham a base do movimento simultaneamente promoviam um cenário para a produção e circulação de um conjunto de valores, símbolos, artefatos culturais e crenças e sustentavam a construção de redes sociais. As redes dos movimentos sociais, aqui

⁴¹ WOODCOCK, George. **História das ideias e movimentos anarquistas**. Vol. 2: o movimento. Porto Alegre: Ed. LP&M, 2014. Pg. 13.

⁴² *Id ibid, Op. cit.* Pg. 17.

⁴³ Os movimentos sociais propagam-se transnacionalmente por meio de difusão, internalizam-se através de adaptações a contextos locais e articulam-se de forma sustentada mediante redes de contatos informais e de mobilizações supranacionais. Sua transposição envolve aprendizado político coletivo, experimentação prática, adaptação contextual e o desenvolvimento de competências e habilidades pertinentes. Cf. BIONDI, Luigi. **Classe e Nação: trabalhadores e socialistas italianos em São Paulo (1890-1920)**. Campinas: Ed. Unicamp, 2005; TOLEDO, Edilene. **Travessias revolucionárias: ideias e militantes sindicalistas em São Paulo e na Itália (1890-1945)**. Campinas: Ed. Unicamp, 2004; LINDEN, Marcel van der. **Trabalhadores no mundo: ensaios para uma história global do trabalho**. Campinas-SP: Editora Unicamp, 2013; GODOY, Clayton Perón Franco. **Ação direta: transnacionalismo, visibilidade e latência na formação do movimento anarquista em São Paulo (1892-1908)**. Tese de Doutorado. Departamento de Sociologia - Universidade de São Paulo, 2013.

⁴⁴ HOBBSAWN, Eric. **Era das revoluções: Europa 1789-1848**. Rio de Janeiro: Ed. Paz e Terra. 1977.

citando o anarquismo, constituem-se em padrões de relacionamento entre atores, através dos quais circulam informações, os recursos, os artefatos culturais, os quadros representativos e os repertórios de ação. São importantes porque vinculam os atores do movimento que agem nos mais diversos campos de confronto. Assim, juntamente com a identidade coletiva, as redes sociais fornecem balizas para a conformação das fronteiras do movimento, sua coesão e sua coordenação interna. Eram estas redes sociais responsáveis pela disseminação da doutrina anarquista e da organização das formas de ação direta que o trabalhador deveria acolher no momento de luta contra as injustiças no mercado de trabalho⁴⁵.

Em geral, o movimento apresentou uma preferência pela utilização de formatos descentralizados e não hierárquicos. O que não descartava a organização interna em torno de papéis a serem exercidos ou funções rotativas a serem desempenhadas, de acordo com a finalidade do grupo: edição de periódicos, experiências comunais, células insurrecionais, grupos de propaganda ou de afinidade. Esses grupos eram responsáveis por uma variedade de iniciativas: organização de sindicatos; fundação e manutenção de escolas racionalistas e de bibliotecas populares; redação de periódicos; edição, tradução e circulação de obras anarquistas; etc. Essa organização interna foi apreendida por militantes anarquistas e trazida ao Brasil como meio de organização e luta⁴⁶.

A chegada do anarquismo no Brasil, e, sobretudo em São Paulo, foi muito mais dependente da presença e do desempenho dos trabalhadores imigrantes e de suas redes interpessoais do que da absorção das ideias por segmentos sociais brasileiros e adaptadas às realidades cotidianas destes. Era um movimento essencialmente transnacional.

No período entre 1890 e 1897 o anarquismo constituiu seus primeiros grupos e realizou suas primeiras ações tendo como protagonistas ativistas italianos recém-chegados ao estado de São Paulo⁴⁷. Foi somente após a presença destes militantes em terras brasileiras e seu contato com trabalhadores locais, e outros de origem portuguesa, espanhola, etc., que o movimento passou a ganhar dinâmica e se expandir em outras redes interpessoais e a constituir base para o trabalho militante dentro das classes populares presentes em São Paulo, mas também no Rio de Janeiro, Minas Gerais, Paraná, Rio Grande do Sul e outros locais do Brasil.

O protagonismo presente em certas classes de trabalhadores manuais também precisa ser salientada, pois, esse protagonismo foi primordial para a formação dos jornalistas que iriam

⁴⁵ TOLEDO, Edilene. **Em torno do jornal O Amigo do Povo: os grupos de afinidade e propaganda anarquista em São Paulo nos primeiros anos deste século.** Dissertação de Mestrado – Universidade Estadual de Campinas, 1993.

⁴⁶ *Id ibid*, Edilene. *Op. cit.* Pg. 47.

⁴⁷ BIONDI, *Op. cit.* Pg. 135; MAGNANI, *Op. cit.* Pg. 60.

escrever para os periódicos operários durante quase toda a primeira metade do século XX. Muitos dos que se consideravam jornalistas em outros momentos, começaram suas militâncias no anarquismo trabalhando como tipógrafos em jornais de grande circulação e acabavam utilizando suas experiências para criar e administrar novos periódicos.

Um exemplo importante é o caso de Edgard Leuenroth, tipógrafo e um dos fundadores do jornal *A Terra Livre*, objeto desta pesquisa. Maiores informações sobre a trajetória deste militante será descrita mais à frente.

Um número maior de operários gráficos (tipógrafos, tipistas, etc.) apareceu envolvido nas ações anarquistas. Sua presença entre os ativistas identificados pode decorrer do fato destes trabalhadores estarem, por ofício, mais próximos das atividades de imprensa e, por isso, mais diretamente envolvidos com os periódicos. Entretanto, trabalhadores manuais não especializados, da base da pirâmide do setor produtivo e de serviços, começaram a adquirir visibilidade ou foram recrutados pelos grupos anarquistas. Nesse período também surgiram ativistas não diretamente ligados ao trabalho manual, como advogados, jornalistas e escritores.

É interessante ressaltar o papel do trabalhador gráfico para a formação do jornalista dentro da militância libertária anarquista. Pela natureza da sua ocupação, o gráfico precisava, necessariamente, saber ler e escrever, numa época em que a maioria da população era analfabeta. Maria Ferreira Nazareth cita a importância que esse tipo de trabalhador teve para a confecção de um jornal. Para ela:

O operário gráfico era privilegiado, pois, além de saber ler e escrever, era relativamente bem remunerado, sendo considerado como uma elite entre os trabalhadores, cujo trabalho era o mais intelectual dos ofícios manuais. Tanto foi importante nos albos do desenvolvimento da imprensa - ele desenvolve juntamente com ela - como foi imprescindível elemento de comunicação na popularização das ideias políticas, que vinham no bojo da questão social.⁴⁸

No caso da imprensa operária brasileira, outra vantagem soma-se aos gráficos: o fato de que alguns elementos de destaque dessa categoria, aspirando ou não, chegaram à profissão de jornalista. Citando o autor Michael Hall:

Sendo obrigatoriamente indivíduos alfabetizados, a condição do gráfico era qualificada como altamente politizados e úteis à prática anarquista, não sendo poucos os gráficos – ou tipógrafos, como eram conhecidos na época – que se tornaram jornalistas ou adquiriram outra profissão intelectual. Em tais

⁴⁸ FERREIRA, Maria Nazareth. **Imprensa operária no Brasil**. São Paulo: Ed. Atica, 1988. Pg. 25.

condições, apesar de não constituírem uma categoria profissional muito numerosa, os gráficos sempre exerceram posição de liderança.⁴⁹

A multidimensionalidade de afinidades entre as experiências de vida dos sujeitos e os diversos aspectos do anarquismo reveladas pelas trajetórias de ativistas também dizem muito sobre o próprio movimento. Ela ilustra a eficiência com que foram investidas as ações de difusão e de mobilização desenvolvidas pelos grupos anarquistas locais e evidenciadas nos jornais em estudos e em outras atividades organizadas pelos grupos anarquistas⁵⁰.

1.2 O Anarquismo e a imprensa: os primeiros periódicos anarquistas brasileiros

Entre 1892 e 1894, os primeiros anarquistas se mobilizaram entorno de redes sociais fundamentadas por periódicos que davam voz às inquietações e reivindicações destes personagens. Aproveitavam o ambiente político favorável da época para construir organizações públicas anarquistas e deixavam de lado a organização por meios de grupos secretos, estratégia deveras defendida por Mikhail Bakunin⁵¹. A estratégia era a criação de um jornal que desse suporte à ideia de libertação das massas, através da educação libertária. A maior parte desses grupos buscava, através da imprensa, dar aos trabalhadores a convicção de que sua condição podia ser modificada e que havia uma solução revolucionária para isso. Cláudia Leal afirma que os militantes:

(...) tencionavam incentivar a leitura não apenas nos que desconheciam as ideias libertárias, nos 'estranhos à anarquia', mas também nos militantes e companheiros da ideia, que poderiam utilizar os textos e artigos para reforçar suas convicções ou mesmo como sugestões de abordagens de propaganda.⁵²

Assim, esses periódicos desempenhavam o papel de principal meio de comunicação entre os militantes, e entre eles e a classe trabalhadora e, também, um elemento agregador, associativo, coordenador das atividades dos grupos e sindicatos. Para Maitê Peixoto, na medida em que a iniciativa do militante se torna uma realidade, ela se faz notícia, informação; transforma-se em reflexão coletiva através da disseminação do periódico, em ferramenta

⁴⁹ HALL, M. *Op. cit.* Pg. 99.

⁵⁰ GODOY, *Op. cit.* Pg. 140.

⁵¹ WOODCOCK. *Op. cit.* Vol. 1. Pg. 164.

⁵² LEAL. Cláudia Feierabend Baeta. **Anarquismo em verso e prosa: literatura e propaganda na imprensa libertária em São Paulo.** Dissertação de mestrado – Universidade Estadual de Campinas, 1999. Pg. 19.

também de sociabilidade, agrega elementos teóricos que estimulam a informação e a educação do operariado.⁵³

Os primeiros anarquistas se organizaram em grupos que gravitavam entre dois periódicos principais – *Gli Schiavi Bianchi* (lançado entre maio de 1892 a março de 1893) e *L'Asino Umano* (agosto de 1893 a maio de 1894) – com uma curta duração de publicação, devido à ação ostensiva da polícia que já estava monitorando os principais militantes e perseguindo todas suas ações⁵⁴.

A tática de sobrevivência destes periódicos seria similar a quase todos os outros lançados posteriormente a estes: a captação de recursos mediante subscrição voluntária⁵⁵. Outro ponto importante é a construção de uma identidade coletiva entre os anarquistas que evidenciava o caráter transnacionalista do movimento. Esse caráter era evidenciado por uma organização global entre a militância para a crítica ao modelo capitalista vigente nos países e a presença de inúmeros artigos advindos de regiões onde a concentração de anarquistas, sobretudo italianos, era alta, como Buenos Aires, na Argentina, e Nova Iorque, nos Estados Unidos. A participação de militantes destas regiões construía uma rede global de informações e luta anarquista, devido a presença de cartas enviadas por militantes e dezenas de artigos publicados⁵⁶.

Com a virada do século XX, a presença maciça de imigrantes italianos em São Paulo passa a dividir o protagonismo militante com a chegada de imigrantes espanhóis, portugueses, alemães, além dos trabalhadores brasileiros que começavam a participar da ativamente das organizações trabalhadoras. A partir de 1900, a diversidade e pluralidade étnica do movimento anarquista, facilitada pela sua cultura internacionalista, passa a se afirmar na cidade de São Paulo, por meio dos contatos entre os ativistas aqui presentes e outros em diversos países. O resultado dessa pluralidade é o surgimento de dois grandes periódicos anarquistas de longa duração: *O La Battaglia*, de origem na colônia italiana, e *O Amigo do Povo*, periódico escrito em diversos idiomas e organizado em São Paulo.

O jornal *O Amigo do Povo* foi criado no ano de 1902 por iniciativa dos militantes italianos Alessandro Cerchiai e Giulio Sorelli, pelos portugueses Neno Vasco e Benjamin Mota

⁵³ PEIXOTO, Maitê. A partilha da experiência visual vivenciada nas páginas do jornal *A Plebe*. **Revista Latino-Americana de História**. Vol.2, nº7. Setembro de 2013.

⁵⁴ BIONDI, Luigi. **La stampa anarchica in Brasile: 1904-1915**. Dissertação de mestrado defendida junto ao departamento de "Storia Contemporanea" da Università degli Studi di Roma "La Sapienza", 1993-1994; TRENTO, Angelo, **Imprensa italiana no Brasil, séculos XIX-XX**. São Carlos: Ed. UFScar, 2013. Trad.: Roberto Zaidan.

⁵⁵ Essa estratégia será melhor explicada no capítulo 3 desta dissertação onde se explicará as estratégias de sobrevivência do jornal em estudo, *A Terra Livre*.

⁵⁶ BIONDI, *Classe e Nação...*

e pelo espanhol Juan Bautista Perez. Foi o primeiro jornal anarquista, escrito parcialmente em língua portuguesa, a ter uma publicação regular. Durante seus três anos de existência (1902 a 1904), contou com 63 edições⁵⁷. *O Amigo do Povo* surgira em meio a um debate entre a militância anarquista sobre a participação de seus membros na organização sindicalista dos trabalhadores. O jornal aparecia como um defensor dessa vertente.

Para os editores, o militante anarquista deveria, como havia pronunciado o anarquista Errico Malatesta, propor suas forças para ajudar na criação de organizações para a defesa de seus interesses. Nessas organizações os trabalhadores adquiriam a consciência da repressão em que viviam e do antagonismo que os opunha aos patrões e se acostumavam a luta coletiva e a solidariedade⁵⁸. O anarquista deveria estar próximo ao movimento sindical para tornar essa experiência um meio educativo e uma preparação moral e material para o futuro.

Essa era concepção de atuação anarquista no sindicato, que posteriormente, algumas décadas depois, veio a ser chamada de anarco-sindicalista, foi encabeçada por Malatesta, que propunha o sindicato como o centro protagonista da luta do trabalhador por melhores condições e para a educação libertária. O sindicato se tornaria, sob a batuta dos anarquistas, como centros de livre discussão entre os trabalhadores e como um agrupamento de resistência que ao mesmo tempo prepararia a revolução⁵⁹.

⁵⁷ TOLEDO, Edilene. *Em torno do jornal O Amigo do Povo...* Pg. 50.

⁵⁸ *Id ibid, Op. cit.* Pg. 80.

⁵⁹ Há um debate em nossa historiografia sobre a participação de Errico Malatesta na formação da consciência de ação dos militantes, sejam anarquistas ou sindicalistas revolucionários, dentro das organizações de resistência do operariado brasileiro. A autora Edilene Toledo, em sua dissertação de mestrado, inicia um ensaio sobre essa problematização, vindo a terminar suas considerações em sua tese de doutorado, convertida em livro, sob o nome de *Travessias Revolucionárias*. Para Edilene, é equivocado denominar o trabalho teórico de Malatesta apenas como anarco-sindicalista, conforme citado por alguns trabalhos lançados por pesquisadores ao fim dos anos de 1970 e decorrer dos anos de 1980. Tal expressão desse trabalho pode ser conferido no trabalho de Sílvia Ingrid Lang Magnani, em seu livro sobre o movimento anarquista no Brasil, de 1982. O retorno ao debate, evidenciando o posicionamento de Malatesta foi contestado também por outros autores após os anos 2000, como Cláudio Batalha, Michael Hall e Luigi Biondi. Nas palavras de Edilene Toledo, em seu livro *Travessias Revolucionárias*, ela demonstra as tendências contraditórias no seio da militância anarquista em São Paulo: “*Aqui fica clara a existência de três tendências entre os anarquistas de São Paulo. Aqueles que como Oreste Ristori, que vimos declarar ser contrário a qualquer tipo de sindicato e que exprimem suas ideias nos jornais La Battaglia. Depois temos os anarquistas inspirados nas ideias de Malatesta, que aceitava a entrada nos sindicatos, porque reconhecem como um espaço privilegiado para difundir as ideias anarquistas, como é o caso do jornal A Terra Livre. E, finalmente, temos aqueles (...) que abraçam na prática do sindicalismo revolucionário, aceitam a ideia da neutralidade política do sindicato e fazem parte das ligas e federações junto com sindicalistas revolucionários puros. Esse parece ser a concepção do jornal La Lotta Proletaria, encabeçada pelo militante italiano Giulio Sorelli*”. Cf. TOLEDO. **Travessias Revolucionárias**. Pg. 298-299. Malatesta pregava a participação anarquista nos sindicatos, assim como em outras associações: assim, ele poderia ser considerado organizacionista, ou anarcocomunista, nas palavras de Edilene Toledo. A posição de Malatesta a esse respeito foi se modificando ao longo da sua vida. No fim do XIX, e começo do XX o militante era muito mais simpático aos sindicatos, mas sempre naquela perspectiva de ação direta e de juntar as organizações de classe com outras de outro tipo. Quando os anarquistas sindicalistas são fagocitados pelo projeto autonomista do sindicalismo revolucionário, Malatesta foi

A tentativa, proposta pela militância dentro do jornal *O Amigo do Povo*, era sempre a presença dos anarquistas nas sociedades de resistência (sindicato) e seu esforço para presidilá-las, e, com isso, deter o avanço de outras correntes socialistas. Visavam a greve geral; mas não a greve reivindicativa, pouco funcional, e que priorizava apenas ganhos temporários para o trabalhador. A greve deveria ser uma escola de dignidade e luta, que desencadearia a greve revolucionária, libertadora, alvo maior da militância anarquista⁶⁰.

O sindicato se tornaria, graças em parte pelos anarquistas e pelos sindicalistas revolucionários, centros de livre discussão e receptáculo das grandes publicações trabalhadoras que chegavam do Brasil e das regiões operárias do mundo como França, Espanha, Estados Unidos e Argentina. A pauta das discussões eram sempre as mesmas: como o trabalhador, sendo o único elemento protagonista de sua emancipação econômica e social, deveria garantir meios de ação para chegar aos objetivos propostos⁶¹.

O jornal *O Amigo do Povo*, ainda duraria até 1904, sempre tendo problemas em sua publicação devido à falta de recursos financeiros, já que, como aconteceria com o jornal *A Terra Livre*, o periódico dependia exclusivamente de doações dos leitores para a sustentação da obra de propaganda. Mas sua importância para o cenário das publicações anarquistas em São Paulo marcou o movimento anarquista como um sendo um marco inicial nas publicações que surgiriam posteriormente, como é o caso do segundo grande jornal anarquista paulistano: o *La Battaglia*.

Segundo o pesquisador Luigi Biondi⁶², o periódico *La Battaglia*, jornal anarquista escrito em língua italiana e publicado em São Paulo, foi fundado pelo anarquista toscano Oreste Ristori⁶³, em junho de 1904. Juntou-se em outubro, para formar um grupo redator inicial, outros importantes militantes anarquistas italianos, recém chegados ao Brasil naquela primeira década do século XX: Alessandro Cerchai, que participara também da concepção do jornal *O Amigo do Povo*; Angelo Bandoni, redator em momentos mais esparsos da vida do periódico; e Luigi

muito crítico disso; considerava os sindicatos importantes, mas não se podia reduzir a luta e o movimento à participação anarquista neles. Cf. TOLEDO, *op. cit.*; BIONDI, *op. cit.*; HALL, *op. cit.*

⁶⁰ TOLEDO, *Op. cit.* Pg. 97.

⁶¹ *Id ibid*, *Op. cit.* Pg. 101.

⁶² BIONDI, Luigi. Anarquistas italianos em São Paulo. O grupo do jornal anarquista “La Battaglia” e sua visão da sociedade brasileira: o embate entre imaginários libertários e etnocêntricos. **Cadernos AEL**. Campinas, n.8-9, 1998.

⁶³ Maiores informações sobre o militante anarquista Oreste Ristori será mostrado no capítulo 3 dessa dissertação, pois o militante tem papel fundamental na criação e divulgação da rede social que envolvia o jornal *A Terra Livre* desde o momento de sua concepção, em 1905.

‘Gigi’ Damiani, correspondente, na época no Paraná, mas que mudaria para São Paulo em 1909, assumindo a direção do jornal a partir de 1912⁶⁴.

Ainda segundo o pesquisador, a importância desse jornal para o contexto anarquista de São Paulo, reside no fato de ele ter sido publicado ininterruptamente todas as semanas, durante nove anos, até agosto de 1913, embora tivesse mudado de nome, em setembro de 1913 para *La Barricata*⁶⁵. Era o jornal anarquista de maior circulação no país. Contava com uma tiragem de 5000 exemplares semanais; em grande parte esse sucesso se dava porque o periódico se tornou um amplo espaço de discussão entre as várias tendências libertárias presentes na cidade, e com os grupos socialistas e sindicalistas italianos. Era, efetivamente, um dos grandes porta-vozes da comunidade italiana operária moradora do estado de São Paulo, talvez até do Brasil.

A estratégia de propaganda do jornal concentrou-se, sobretudo nas críticas às duras condições de vida e de trabalho das classes populares italianas no estado de São Paulo, seja no campo seja na cidade. Em particular, concentrou-se em fazer campanha contra a imigração para o Brasil, alertando os camponeses interessados sobre as duras condições de trabalho nas fazendas, bem como as promessas falsas realizadas pelo governo brasileiro e pelas agências de imigração especializadas em captar mão de obra na Itália⁶⁶.

Principal responsável pelo sucesso do jornal foi o militante anarquista Oreste Ristori. Além de ser o diretor do jornal, Ristori se especializou em realizar viagens de propaganda para o interior do estado, coletando quantias em dinheiro advindas de doações e informações sobre as condições de trabalho dos trabalhadores nas fábricas e fazendas do interior. Para além disso, realizava constantes conferências entre os trabalhadores onde dissertava sobre a doutrina anarquista, os métodos para a ação direta dos trabalhadores e a conscientização dos mesmos para a educação libertária, através da leitura dos jornais, opúsculos e folhetos anarquistas, produzidos na capital e levados por Ristori para a distribuição entre os trabalhadores⁶⁷.

Alvo principal das críticas recaía sobre o tratamento que a oligarquia cafeeira paulista dava ao imigrante e às condições de trabalho na fazenda. A crítica ainda deitava-se sobre o Estado e sua morosidade em resolver contendas apresentadas pelos trabalhadores frente aos seus patrões. Para o jornal, a presença das oligarquias e as imensas concessões feitas pelo Estado para a manutenção das políticas de incentivo à produção de café “*transformavam o Brasil, segundo os anarquistas italianos, em um país feudal ou semi-feudal.*”⁶⁸ Uma amostra

⁶⁴ BIONDI, *op. cit.* Pg. 118.

⁶⁵ *Id ibid, op. cit.* Pg. 118.

⁶⁶ *Id ibid, op. cit.* Pg. 119.

⁶⁷ *Id ibid, op. cit.* Pg. 119.

⁶⁸ *Id ibid, op. cit.* Pg. 125.

das questões tratadas pelo jornal pode ser vista neste excerto, retirado de uma edição já de 1912, mas que pode evidenciar o peso das críticas e a capacidade do jornal em mobilizar a comunidade italiana para seus problemas, oferecendo soluções drásticas e mobilização das massas exploradas pela indústria e fazenda:

(...) O estado de São Paulo, tradicionalmente clerical e escravista, pode tolerar uma república que consente a ela seguir a suas tradições (...) Não faltam brasileiros que veem clara a situação. O que falta é a vontade de reagir e agir. Estamos no país da indolência... o brasileiro aborígene é objeto de museu... é a fera que se esconde na floresta. Fera, entretanto, o fizeram os conquistadores e os jesuítas. O brasileiro de aclimatação é um bastardo da civilização do alémmar. (...) O clima completa a obra, e nos dá o perfeito tipo nacional, que desdenha o trabalho e despreza o trabalhador. E como o trabalhador é sempre estrangeiro, réu de dois delitos, ele merece o duplo desprezo⁶⁹.

Essa constatação, de que o brasileiro é um povo atrasado intelectualmente e a presença da imigração seria benéfica para a dinamização do movimento operário brasileiro tinha grande importância nas páginas do jornal, evidenciando, segundo o pesquisador Luigi Biondi, o caráter etnocêntrico que o jornal dava à imigração italiana e à divulgação do anarquismo nas fileiras trabalhadoras brasileiras. Para o autor:

Os temas etnocêntricos, posto que talvez exagerados no fogo da polêmica (sobre a expulsão dos imigrantes, dado pela lei Adolpho Gordo), tendiam a apresentar uma contraposição entre o mundo europeu, representado pelos trabalhadores imigrantes, filhos do progresso industrial, e o brasileiro, herdeiro do feudalismo. Essa construção ideológica positivista levava os anarquistas italianos a divisarem os operários, principalmente os de São Paulo, como prisioneiros dessa velha sociedade que não os integrava e que, afinal, não permitia o desenvolvimento da luta de classe: questão social, segundo os anarquistas italianos, limitada aos trabalhadores estrangeiros que não alcançava os trabalhadores brasileiros.⁷⁰

O jornal, ao longo das suas publicações, tratará de outros assuntos envolvendo os trabalhadores, tal qual aconteceria com o jornal *A Terra Livre*. Temas como o sorteio militar, a Lei Adolpho Gordo, que expulsaria todo imigrante detido pela polícia em situação de crime contra a ordem social, o anticlericalismo, o antipatriotismo, a não participação do trabalhador nas eleições, entre outros assuntos.

⁶⁹ O gordo e os magros. *La Barricata*, nº381. Dezembro de 1912. Cf. *Id ibid*, *op. cit.* Pg. 126.

⁷⁰ BIONDI, *op. cit.* Pg. 139-140.

Os dois jornais, inclusive, seriam contemporâneos e dividiriam a militância anarquista no estado de São Paulo e a abordagem dos temas caros aos trabalhadores durante o período de publicação de ambos os periódicos. Talvez pelo peso dado ao etnocentrismo pelo jornal *La Battaglia*, o jornal *A Terra Livre* acabara de despontando como grande porta-voz dos outros setores dos trabalhadores brasileiros, bem como da imigração espanhola e portuguesa, principalmente quando este se instalou no Rio de Janeiro. Tal fato pode ser constatado no trabalho do pesquisador Alexandre Godoy. Segundo o autor:

Foram os grupos orientados pela estratégia de massas (do qual faz parte o grupo editor do jornal *A Terra Livre*, grifo meu) que constituíram as redes mais densas de colaboração. A aproximação entre os grupos das cidades de São Paulo e Rio de Janeiro deu-se sob dois aspectos (...). Em primeiro lugar, a origem étnica e a comunhão linguística; em segundo lugar, a orientação deliberada dos grupos insurrecionalistas para a realização de ações de difusão e de mobilização entre os núcleos de colonos nas fazendas de café⁷¹.

A Terra Livre dividiu com o *La Battaglia* a atuação militante nas cidades do interior de São Paulo. Devido ao sucesso maior do jornal *La Battaglia* na classe operária, este detinha um maior protagonismo, em grande parte devido a atuação de seu diretor, Oreste Ristori e à construção de uma rede de militantes muito densa, capilar, no interior do estado. Segundo dados coletados pelo pesquisador Alexandre Godoy⁷², o jornal *A Terra Livre* foi protagonista em nove das onze cidades em que funcionou como canal de comunicação entre ativistas e simpatizantes. O *La Battaglia*, por sua vez, foi regularmente acessado como canal de comunicação em 38 cidades do interior do estado de São Paulo.

Para melhor entendermos o surgimento do jornal *A Terra Livre* no contexto da militância anarquista em São Paulo, bem como dar conta do embate intelectual entre os jornais anarquistas presentes na cidade de São Paulo, é preciso realizar uma pequena biografia sobre a trajetória dos militantes que fundaram o jornal anarquista: Neno Vasco e Edgard Leuenroth. A trajetória pode dar conta dos contextos sociais e econômicos em que os militantes estariam

⁷¹ GODOY, *op. cit.* Pg. 197-198.

⁷² O pesquisador levantou todos os dados acerca do trabalho de militância dos grupos anarquistas em São Paulo. Durante os anos de 1904 e 1908, período semelhante ao recorte temporal desta pesquisa, a militância anarquista somava 40 indivíduos, segundo dados do pesquisador. Houve ainda uma estabilização da base social do movimento em São Paulo, mesmo com a diversidade das ocupações de seus ativistas. Operários e artesãos qualificados (tipógrafos, chapeleiros, carpinteiros e sapateiros), operários sem especialização empregados em diversos ramos (tecelagem, ferrovias, limpeza pública e, agora, construção civil) e jornalistas e escritores conservaram-se como as categorias encontradas. Cf. GODOY, *op. cit.* Pg. 190.

envolvidos, bem como as experiências trazidas pelas trajetórias dos personagens no momento da decisão de fundar um periódico anarquista, em língua portuguesa.

1.3 Neno Vasco: o jornalismo como objeto de militância política e educação libertária

1.3.1 A saída de Neno Vasco de Portugal e sua viagem ao Brasil

Sem dúvida alguma uma das grandes personalidades do movimento operário brasileiro, responsável pela concepção e redação de jornais operários e revistas libertárias, é o advogado libertário Neno Vasco, pseudônimo dado a Gregório Naziazeno Moreira de Queiroz Vasconcelos. O libertário foi um dos fundadores do jornal *O Amigo do Povo*, co-fundador do jornal *A Terra Livre* ao lado de Edgard Leuenroth, e criador da revista libertária *Aurora*. Além disso, Neno Vasco se tornou notório na escrita de peças de teatro de sucesso no público operário, como a famosa *O Pecado da Simonia* e a *Greve dos Inquilinos*.

O menino Gregório nasceu dia 09 de maio de 1878, na cidade de Panafiel, em Portugal. Nasceria na rua Formosa, antiga rua da Piedade de Cima, uma das mais importantes do centro de Panafiel, onde ficava o sobrado de negócios da família Vasconcelos. Seus pais eram o comerciante Vitorino Queiróz da Costa e Vasconcelos e sua mãe dona Margarida Rodrigues Moreira⁷³. Ainda menino, Neno deixa Portugal devido à morte prematura de sua mãe, que sofria de males decorrentes de sua saúde debilitada. O seu pai, casando-se por uma segunda vez, não demorou para que buscasse uma nova oportunidade na antiga colônia portuguesa. Assim, por volta de 1887, Gregório prepara-se para uma nova vida, saindo de Panafiel e vindo a instalar-se no Rio de Janeiro, onde ficaria até o fim de sua formação secundária, obrigando-o a retornar à Portugal para iniciar os estudos em Direito, na faculdade de Coimbra.

A trajetória de Neno Vasco dentro do movimento anarquista brasileiro se inicia em 1901, data do seu retorno ao Brasil, após o término de sua formação em Direito. Segundo o autor de sua biografia Alexandre Samis⁷⁴, a disseminação de uma epidemia de peste bubônica na cidade do Porto, em Portugal, local de sua morada, somada à saudade da presença de seu pai, radicado em São Paulo, fez Neno Vasco escolher pela mudança para o Brasil. Além disso, achava o Brasil um local atrativo, pois, “*o Brasil era uma república, nova e por ser constituída,*

⁷³ SAMIS, Alexandre Ribeiro. **Minha pátria é o mundo inteiro: Neno Vasco, o anarquismo e as estratégias sindicais nas primeiras décadas do século XX.** Tese de doutorado - Universidade Federal Fluminense, 2009. Pg. 17-18.

⁷⁴ *Id ibid, op. cit.* Pg. 77.

necessitando o concurso intelectual de homens que, como ele, possuíam ‘ideais sublimes’”⁷⁵. Alexandre Samis tece um breve comentário sobre as condições impostas à Neno Vasco que incentivaram sua vinda ao Brasil:

Era não exatamente nas mesmas circunstâncias dos milhares de europeus paupérrimos que atravessavam o Atlântico, um ‘fazer a América’. A seu modo, e com ilusões próprias, alheias é certo à sobrevivência física imediata, pensava em levar consigo na bagagem, ferramentas para ajudar a operar a transformação na terra que assistiu parte de sua infância. (...) Ele tinha que saldar, também, compromissos com o pai, e, para maior estímulo, algumas notícias indicavam alvissareiras perspectivas para o anarquismo em São Paulo⁷⁶.

Neno, assim como muitos imigrantes, buscava na sua viagem para o Brasil, estreitar os laços libertários que ligavam Brasil e Portugal. O transnacionalismo, que inflamava várias tendências oposicionistas à monarquia vigente em Portugal, liderada pelo rei D. Carlos, também arrebatou o anarquismo presente em Portugal, que encontrava nesse movimento social o reduto mais estável e promissor⁷⁷. É Alexandre Samis que nos fala desse momento de Neno Vasco:

Sua experiência no jornal libertário português *O Mundo*, acabara por sensibilizá-lo para as diferenças entre o pensamento republicano e o anarquista, que, apesar de pontos convergentes, distinguiam-se muito nos objetivos. Manifestavam-se também de formas diferentes, compartilhavam é certo, muitas táticas e mesmos princípios, mas, no plano ético. Neno via apenas no anarquismo valor absoluto. (...) Em Portugal, as várias tendências anarquistas presentes nos jornais foram fundamentadas para a demarcação e a organização do anarquismo no país, ou, antes, representaram pontos de partida, sem os quais dificilmente teriam se firmado nos meios operários os libertários, como Neno Vasco, dos fins do oitocentos.⁷⁸

No ano em que Neno sai do país (1901), ao longo de todo ele, acotovelaram-se nos portos de Lisboa e Porto mais de 20.600 imigrantes, segundo dados coletados pelo libertário João Freire, em sua pequena biografia de Neno Vasco presente no prefácio escrito para o livro de Neno, lançado em 1921, sob o nome *Concepção Anarquista do Sindicato*⁷⁹. Dado as imperícias dos dados estatísticos apresentados pela monarquia na época, é provável que o

⁷⁵ *Id ibid, op. cit.* Pg. 78.

⁷⁶ *Id ibid, op. cit.* Pg. 78-79.

⁷⁷ *Id ibid, op. cit.* Pg. 81.

⁷⁸ *Id ibid, op. cit.* Pg. 82.

⁷⁹ VASCO, Neno. **Concepção anarquista do sindicalismo**. Lisboa: Edições Afrontamento, 1984.

número de imigrantes seria muito maior, em grande parte por conta dos milhares de imigrantes ilegais que se amontoavam nos vapores em direção ao porto de Santos, no Brasil. Na mesma época, emigravam para o Brasil, ingleses, alemães, italianos e outros que, assim como os portugueses, tinham o desejo de melhor sorte e a busca de vida nova.

A chegada a Santos trouxe muitas impressões a Neno Vasco sobre a efervescência que tomara o Brasil desde a explosão da economia cafeeira em meados do oitocentos. O país estava diferente, dinamizado, dado a sua última presença no Brasil, em seu tempo de infância, quando morava ainda com o seu pai no Rio de Janeiro⁸⁰. Por toda as partes eram visíveis os sinais de obras em andamento. O porto estava em processo de expansão. Ao que indicava, era o café, o produto que financiava aquelas diversas empreitadas pelo porto. A Santos colonial não resistira ao avanço do capitalismo, os interesses da força exportadora do café colocavam fim ao colonialismo antes reinante naquela pacata cidade litorânea⁸¹.

E o imigrante passara a fazer parte daquela nova paisagem de Santos. A cidade estava abarrotada de italianos, alemães, espanhóis, portugueses, entre outros imigrantes, a maioria esperando autorização do governo brasileiro para seguirem viagem, primeiro à Hospedaria do Imigrante, em São Paulo, logo após às fazendas de produção de café no interior do estado. Somado a essa grande parcela imigrantes, ainda havia outros trabalhadores que ficaram em Santos, atraídos pelo trabalho em expansão no porto. Essa realidade, evidente, não era suportada pela infraestrutura presente na cidade. E diversas alternativas foram improvisadas para abrigar todo esse contingente a espera de sua partida. A autora Maria Lúcia Gitahy nos faz um breve relato sobre as condições de moradia oferecidas ao imigrante naquele momento em Santos:

(...) os cortiços construídos às pressas, para albergar a numerosa imigração (...) pontuavam as zonas mais centrais da cidade (...), surgindo nos pátios e nos quintais dos prédios, de qualquer forma, de qualquer tamanho, compostos de cubículos desasseados e acanhados, feitos de tábuas de caixotes e folhas de zinco. Sem água ou esgoto, abafados e insalubres, não por acaso encontravam-se nas áreas de maior incidência de pestes da cidade⁸².

Assim como a maioria dos imigrantes ali presentes, Neno Vasco aguardava a liberação dos papéis para sua entrada no país. Enquanto aguardava, não deixava de perceber as condições insalubres de trabalhos enfrentadas pela comunidade trabalhadora do porto, bem como a

⁸⁰ SAMIS, *op. cit.* Pg. 60.

⁸¹ *Id ibid, op. cit.* Pg. 86.

⁸² GITAHY, Maria Lucia Caira. **Ventos do Mar: Trabalhadores do Porto, Movimento Operário e Cultura Urbana em Santos, 1889-1914.** São Paulo: UNESP, 1992. Pg. 27.

proliferação de idiomas presentes nas filas de expedição do governo brasileiro. Eram italianos, em sua maioria. Para o libertário, este fenômeno não poderia ser desprezado. Tantos trabalhadores falando um mesma língua era de seu total interesse. Tal situação, decerto, ele encontraria quando do encontro do seu pai, na cidade de São Paulo.

A viagem nas locomotivas da *São Paulo Railway*, percurso ferroviário que ligava a cidade de Santos à cidade de Jundiaí, construído, na ocasião, pelo capital inglês para escoar a produção de café do interior para o porto, fazia-se com certa demora, dado às dificuldades em vencer a serra que ligava o litoral ao planalto de Piratininga, onde situava-se a cidade de São Paulo. A viagem, para a maioria dos imigrantes, terminava na Hospedaria dos Imigrantes, situada no bairro do Brás, em São Paulo⁸³.

Dali, grande parte dos portugueses pobres ainda seguiam para as regiões no interior do estado de São Paulo, como Piracicaba, São José do Rio Preto, Araraquara, Campinas, entre outras cidades⁸⁴. Outra parte ficaria na capital paulistana, onde tentariam a sorte na incipiente atividade industrial que desenvolvera na cidade na virada do século XX. Muitos, assim como os italianos e espanhóis, se acomodariam nos cortiços erguidos nos bairros próximos às linha férrea e à Hospedaria do Imigrante, como os bairros do Brás, Mooca, Belém e Ipiranga; eram os bairros considerados “operários” de São Paulo, longe dos centros urbanos da elite cafeeira. Demarcando essa fronteira entre as duas realidades estavam as instalações *São Paulo Railway*, e as indústrias nos bairros da Luz e Água Branca. A estrada de ferro, os cortiços, a indústria, compunha a cartografia de uma São Paulo em expansão no início do século XX⁸⁵.

Logo após sua chegada em São Paulo, Neno tratou-se de imbuir sobre o movimento dos libertários presente em São Paulo. Os primeiros companheiros desse contato foram os italianos Giulio Sorelli, Gigi Damiani, Angelo Bandoni, Luigi Magrassi, Alessando Cerchiai, Tobia Boni, Augusto Donati, e os portugueses Ricardo Gonçalves e Benjamin Mota. Juntos, passaram a discutir a conjuntura específica do país, as relações de exploração estabelecidas entre patrões e empregados e a situação de exploração enfrentada pelo imigrante no trabalho das fazendas no interior. O anarquismo foi o terreno fértil para o desenvolvimento das análises de toda essa realidade e para o desenvolvimento de metas para a propaganda libertária e meios de ação⁸⁶. O resultado dessas reuniões fora a criação do jornal libertário, *O Amigo do Povo*, em 1902. Alexandre Samis nos faz relata esse momento:

⁸³ CARNEIRO, Maria Luiza Tucci; CROCI Federico; FRANZINA, Emilio (org.). **História do trabalho e histórias da imigração**: trabalhadores italianos e sindicatos no Brasil (séculos XIX e XX). São Paulo: Ed. USP: FAPESP, 2010.

⁸⁴ SAMIS, *op. cit.* Pg. 88.

⁸⁵ MORSE, *op. cit.* Pg. 238.

⁸⁶ SAMIS, *op. cit.* Pg. 89.

Neno Vasco e os demais anarquistas envolvidos, passariam a diminuir, tão logo concretizou-se a iniciativa, as barreiras e limites entre cada nacionalidade ali representada no grupo editorial. Estabeleceu-se muito depressa, entre italianos, espanhóis, brasileiros e o próprio Neno uma unidade que, embora apresentasse certa semelhança com outros grupos congêneres anarquistas espalhados pelo mundo, era ainda assim singular. A experiência única e compartilhada já se fazia a partir de histórias semelhantes na travessia do Atlântico. Eles haviam cruzado o oceano, deixando família, amigos e lembranças do continente europeu implicando em uma ruptura de variados desdobramentos nos planos social, físico e psicológico⁸⁷.

A ação em torno de *O Amigo do Povo* apresentava além disso outro caráter: uma pauta de consenso mínimo entre os imigrantes e os nacionais anarquistas seria melhor esboçada no jornal, uma “cultura compartilhada”, um esboço do que se tornaria uma particularidade do anarquismo brasileiro. A regra estabelecia pela multiplicidade na formação dos grupos anarquistas e não o contrário. O internacionalismo era traço marcante na doutrina desenvolvida pelos grupos e exaustivamente escrita nos jornais anarquistas daquele momento⁸⁸. A prova desse movimento é a redação do periódico em diversas línguas, com textos em língua portuguesa, em sua maioria, mas também alguns artigos escritos em espanhol e italiano. Para Alexandre Samis, essa estratégia “*objetivava incluir o trabalhador nacional nesse esforço de construção coletiva de um sentido real do internacionalismo*”⁸⁹.

A última das 63 edições de *O Amigo do Povo*, sairia no ano de 1904. O jornal fechava às portas, à Rua Bento Pires nº35, no seu terceiro ano de circulação. As dívidas, a falta de subscrições que pudessem fazer frente às significativas despesas, não permitiram a continuidade do periódico. Mas, Neno Vasco não iria desistir tão fácil de seus meios de ação direta através da propaganda libertária. A alternativa encontrada por ele fora o planejamento de um novo periódico, esse com um direcionamento mais sindicalista, que evidenciasse ainda mais a realidade da classe trabalhadora em sua luta contra a exploração dos patrões. É ainda o autor Alexandre Samis que nos traz a realidade desse momento da vida de Neno Vasco:

Neno percebia que era fundamental um jornal ágil e identificado com as premissas classistas do anarquismo, em colaboração com indivíduos dispostos a levarem para dentro do sindicato as propostas radicais compartilhadas por libertários que, como ele, viam na luta de classes o melhor meio de divulgar o ideal. No dia 30 de dezembro de 1905, saía em São Paulo, o primeiro número de *A Terra Livre*. (...) Mais uma vez era Neno Vasco o responsável pela correspondência, endereçada à Rua Santa Cruz da Figueira nº1; alguns

⁸⁷ *Id ibid, op. cit.* Pg. 89.

⁸⁸ GODOY, *op. cit.* Pg. 126; SAMIS, *op. cit.* Pg. 90.

⁸⁹ SAMIS, *op. cit.* Pg. 97.

números depois a redação mudaria para a Rua Maria Domitila nº88, também no bairro do Brás⁹⁰.

Para a administração do periódico foi convidado o jovem libertário Edgar Leuenroth, recentemente convertido ao anarquismo pelos companheiros Ricardo Gonçalves e Benjamin Mota. Leuenroth, apesar de jovem, já detinha uma certa experiência na confecção de jornais, já que fora administrador de dois pequenos periódicos que circulavam pelo Brás: o *Boi* e a *Folha do Brás*. A trajetória de Leuenroth será melhor descrita logo à frente ainda neste capítulo. O mapa abaixo pode demonstrar a movimentação dos libertários pelos bairros operários, evidenciando a ocupação dos lugares públicos e a apropriação de uma recente cultura libertária que começaria a dominar as ruas e vielas destes bairros.

Pelo mapa abaixo é possível percebermos a criação dos bairros operários longe do centro urbano de São Paulo, como a Mooca, o Cambuci e o Brás. Podemos observar, também, a apropriação destes logradouros pela comunidade operária e o uso do espaço público da cidade. Temos, por exemplo, na Avenida Rangel Pestana, um importante centro de concentração dos trabalhadores, já que era uma avenida que concentrava o comércio de bairro. Próximo à avenida se localizavam as redações do jornal *A Terra Livre*, bem como de outros jornais operários que circulavam na cidade naquele momento. Percebemos, também, a ocupação de outros bairros com a criação de bibliotecas e centros de estudos, como o caso no bairro do Cambuci, como a direção do libertário italiano Atílio Gallo.

⁹⁰ SAMIS, *op. cit.* Pg. 98.

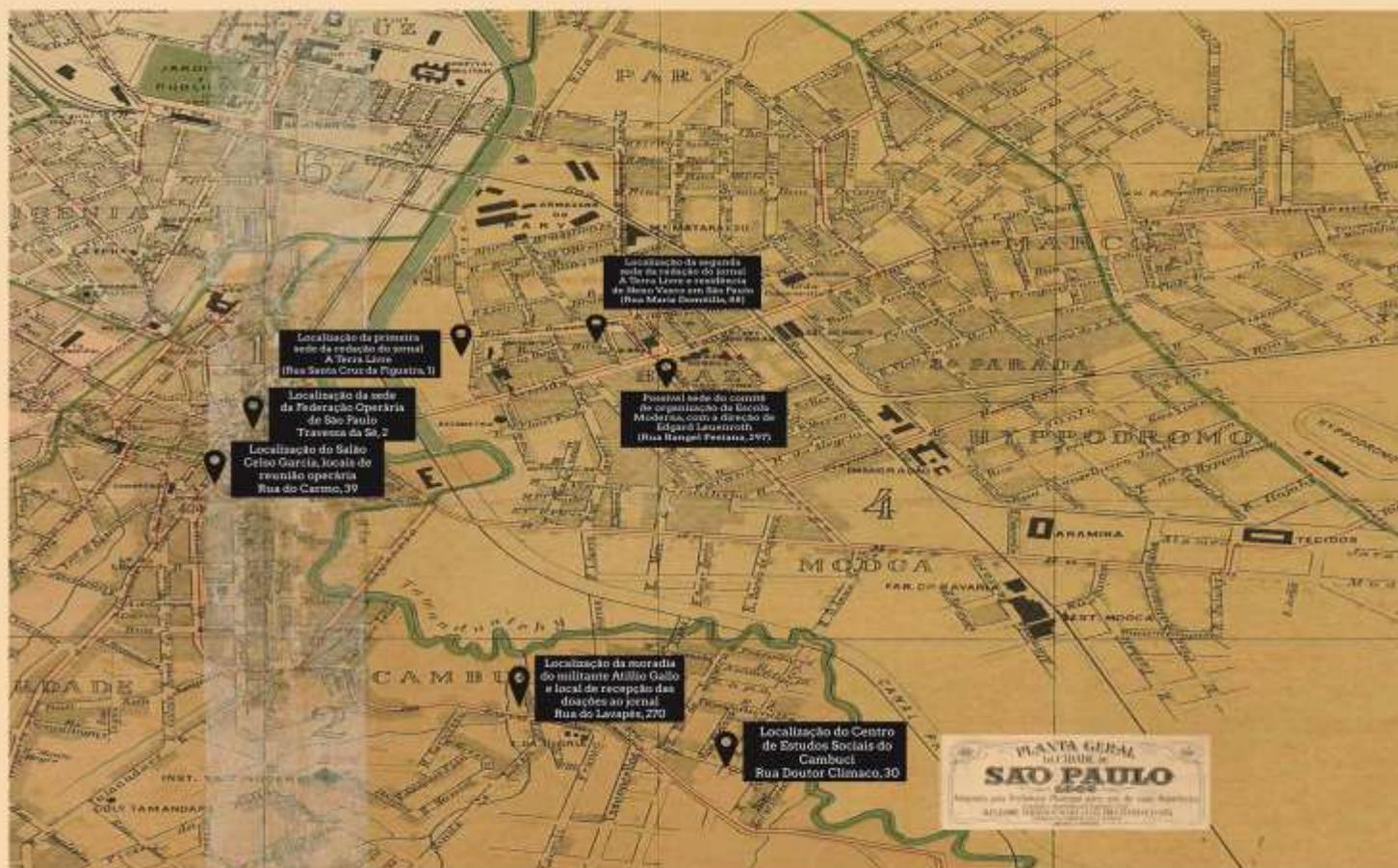


Figura 1 - Locais de reunião dos libertários e das redações dos jornais nos bairros operários de São Paulo

Os eventos que se sucederam após o lançamento do jornal *A Terra Livre* estarão melhor explicados nos capítulos a frente em nossa dissertação. Sobre o ano de 1905 ainda nos cabe fazer uma consideração sobre o trabalho de Neno Vasco em sua intensa busca por melhorias da propaganda libertária. Pensando em intensificar a educação dos trabalhadores nas teorias acerca do anarquismo, Neno põe em prática seu projeto de uma revista libertária. Desse projeto surge, em fevereiro de 1905, a revista *Aurora*.

A revista mensal *Aurora*, localizada ainda no mesmo da antiga redação do jornal *O Amigo do Povo*, vinha, segundo o entendimento do libertário, preencher uma lacuna importante. A revista trazia, em sua proposta editorial, a possibilidade da tradução de textos teóricos mais densos, e mesmo artigos de intelectuais brasileiros inseridos dentro do mundo operário.

Neno Vasco acreditava que mesmo presente dentro do mundo operário, denunciando as condições enfrentadas pelos trabalhadores, ele não deveria se distanciar do plano teórico discutido pelos intelectuais anarquistas proeminentes na França, Espanha e Itália. Em uma revista, a proposta de divulgação de colunas destinadas exclusivamente a textos de grandes nomes, poderia ajudar o militante a ampliar seus conhecimentos e passar em revista algumas das teorias socialistas em vigência naquele momento no mundo operário. A revista durou apenas um ano, sendo lançado seu último número em janeiro de 1906.

Após inúmeras tentativas frustradas em captar recursos, fazendo apelos constantes dentro das páginas da revista e até dentro do jornal *A Terra Livre*, os custos envolvidos na confecção da revista minaram sua vida e anteciparam o fim desse projeto de propaganda. Com o fim da revista, os esforços de Neno Vasco se concentraram na redação das colunas do jornal *A Terra Livre*.

Outro fator importante que determinou os esforços doutrinários de Neno Vasco foi a aproximação do jornal *A Terra Livre* com o movimento anarquista presente na cidade do Rio de Janeiro, representada aqui pelo grupo de afinidade *Novo Rumo*, que se concentrava em publicar um jornal homônimo, ainda em 1905.

A militância anarquista estava presente no Rio de Janeiro desde a virada do século XIX, mas teve sua participação maior nos acontecimentos que culminaram uma conjuntura grevista em 1903, com início da paralisação das atividades da indústria têxtil carioca, ramo de atividade industrial mais contundente do estado. Os anarquistas tiveram o protagonismo dividido com alguns socialistas e futuros sindicalistas revolucionários, que lograram êxito em envolver as associações de classes de diversas profissões⁹¹. Os resultados das greves não foram

⁹¹ SAMIS, *op. cit.* Pg. 109.

satisfatórios, mas serviu para consolidar a organização anarquista que culminaria na formação do grupo de afinidade *Novo Rumo*, que cuidaria das atividades de organização de um jornal, opúsculos e folhetins, grupos de teatro e de conferência.

Neno Vasco, escrevendo para as páginas do jornal *A Terra Livre*, engrossava o coro de apoiadores do movimento anarquista no Rio de Janeiro, publicando, sempre que possível, notícias, cartas, textos doutrinários, colunas especializadas no movimento operário do Rio de Janeiro, além de apoio incondicional ao jornal *Novo Rumo*, impresso na capital carioca. É ainda Alexandre Samis que nos relata esse momento de aproximação entre os grupos de afinidade dos dois jornais em questão:

O micro-clima ideológico que já vinha há muito se desenhado deveria auxiliar no sentido de uma ação conjunta e eficaz. Para tanto, os grupos *A Terra Livre*, de São Paulo, e *Novo Rumo*, do Rio de Janeiro, decidiram que o periódico que se publicava em São Paulo deveria ser transferido para o Rio de Janeiro, até que a Confederação Operária Brasileira fosse efetivamente fundada e seu jornal, *A Voz do Trabalhador*, viesse a circular normalmente. Dessa forma, o *A Terra Livre*, que gozava de algum prestígio, passou a ser editado no Rio de Janeiro, sob a administração do espanhol José Romero, a partir de abril de 1907⁹².

A mudança da redação do jornal obrigou Neno Vasco a migrar para o Rio de Janeiro e acompanhar de perto a garantia da periodicidade do jornal. Na ocasião, já casado com Mercedes Moscoso, irmã do militante e amigo Manuel Moscoso. Neno Vasco ficaria na carioca até fins de 1908, quando decidira voltar à São Paulo para a ocasião do nascimento de seu primeiro filho, Ciro.

Abaixo, no mapa ilustrativo, podemos mapear a ocupação dos militantes anarquistas no centro da capital carioca, onde é possível perceber os locais de reunião e agitação operária. Pelo mapa podemos observar que mesmo morando nos subúrbios da capital, os operários ocupavam o centro da cidade, se organizando em locais próximos à Praça da República, onde se localizava o Centro Galego, local de grande concentração operária no Rio de Janeiro e à rua Sete de Setembro, logradouro próximo ao Centro Galego e servia também, como centro de reuniões já que as redações dos dois jornais se instalaram neste mesmo endereço:

⁹² SAMIS, *op.cit.* Pg. 119.



Figura 2 - Mapa ilustrativo acerca dos locais de redação dos jornais anarquistas e dos centros de reunião operária no Rio de Janeiro

Neno Vasco ainda participaria ativamente na redação do jornal *A Terra Livre*, até o ano de 1910, quando por problemas familiares e financeiros, deixaria a redação e a administração do jornal para os amigos militantes Manuel Moscoso e Lucas Mascolo, que embarcaria nesse empreitada até o fim das atividades do jornal, ainda em 1910.

A perda do seu terceiro, Dino, acometido pela meningite, provocou em Neno um desejo irremediável de deixar de lado a militância em favor de sua saúde e da saúde de seus familiares. Afastou-se por algum tempo da militância e o desejo de voltar à sua terra, Portugal, cresceria em seu íntimo. Os acontecimentos em Portugal, que culminariam na queda da monarquia, animaram o militante a retornar à militância em Portugal, sem deixar de lado os laços que criara aqui no Brasil com seus companheiros anarquistas⁹³. Então, em 1911, decide voltar à sua terra natal colocando fim aos 10 anos de militância ativa no Brasil.

Mas seu trabalho doutrinário não cessara naquele momento. Edgard Leuenroth, na época administrador do periódico anticlerical *A Lanterna*, convencera Neno Vasco a continuar a enviar cartas de Portugal, que seriam amplamente divulgadas em seu jornal. Neno, assim, não perderia seu vínculo com o Brasil e ainda continuaria a obter recursos financeiros para o sustento de sua família, agora maior com o nascimento de sua segunda filha, Ondina⁹⁴.

Neno Vasco, morreria em 1921, vítima da tuberculose, doença que também vitimou sua esposa e alguns filhos. Até essa presente data, o militante continuou assíduo em enviar cartas para o Brasil, contendo obras doutrinárias sobre o anarquismo e o sindicalismo, escrevendo livros e colhendo informações que ajudassem a divulgar o ideário anarquista pelo mundo. Pela sua importância, Neno Vasco se tornou um dos maiores anarquistas portugueses do seu tempo, sendo reverenciado por gerações de militantes, tanto brasileiros quanto lusos.

1.4 Edgard Leuenroth: jornalismo, memória e militância anarquista

Edgard Frederico Leuenroth, paulista, nascido na cidade de Mogi Mirim, em 31 de outubro de 1881, era filho de mãe brasileira e pai alemão. Seu pai, Waldemar Eugênio Leuenroth, era médico e faleceu prematuramente, quando a criança ainda tinha cinco anos de

⁹³ SAMIS, *op. cit.* Pg. 143.

⁹⁴ *Id ibid, op. cit.* Pg. 144.

idade⁹⁵. Sua mãe, Valéria de Oliveira Brito, de linhagem nobre, era sobrinha do Visconde do Rio Claro. Dado às condições difíceis enfrentadas pela extensa família, a mãe se vê obrigada a mudar sua residência para a cidade de São Paulo, vendendo o casarão antigo, herdado da avó, localizado na zona rural de Mogi Mirim e instalando-se no bairro do Brás. As difíceis condições financeiras fizeram Edgard, ainda menino, a deixar o grupo escolar, localizado à rua do Carmo, para começar no mercado de trabalho. Segundo o próprio Edgard:

Ao deixar o curso escolar, em princípio, empreguei-me como menino de escritório, para limpeza, para recados, etc., do corretor de títulos Leônidas Moreira, na rua do comércio, hoje Álvares Penteado. Ali ouvi, pela primeira vez, discutir-se sobre socialismo, em consequência da presença de um homem que participou dos iniciais movimentos dessa ideologia em nosso meio: era o militante Esteván Estrela. Deixando essa ocupação, passando de emprego e emprego, cheguei à aprendizagem do ofício de tipógrafo nas oficinas da Companhia Industrial na rua 25 de Março. Dessa oficina passei a trabalhar no *'Commercio de São Paulo'*, como tirador de provas, de escova em mãos, onde iniciei meu contato com a vida jornalística⁹⁶.

O contato com o trabalho jornalístico instigou o jovem Leuenroth e o fez perceber da importância do meio de comunicação como expressão de uma cultura letrada que, paulatinamente, vinha surgindo nas grandes cidades brasileiras. A experiência jornalística de Edgard vai-se constituindo no calor do seu cotidiano profissional, na sua presença nas oficinas do jornal *O Commercio de São Paulo*, onde teve contato com outros tipógrafos, profissionais manuais, enfim, companheiros que, no dia-a-dia do trabalho árduo, revelavam ao jovem os passos para a construção de sua personalidade libertária.

Em 1897, Leuenroth, ainda com 16 anos, inicia-se na produção jornalística, em parceria com Armando Cruz, amigo com mais experiência no ramo, onde assinava como gerente do periódico⁹⁷. O jornal em questão era uma publicação quinzenal denominada *O Boi*. Sua redação era localizada na rua Maria Domitila, nº 12, mesma rua, onde, anos depois, Neno Vasco instalaria a redação do jornal *A Terra Livre*. O periódico *O Boi* era uma pequena folha dedicada à literatura, cultura e cotidiano do bairro do Brás. Já nos seus primeiros números, os redatores citam uma passagem do escritor Victor Hugo sobre a importância da imprensa, e, em suma,

⁹⁵ CATTALO, Pedro. **Traços biográficos de um homem extraordinário**. *Dealbar*. Ed. nº 17. Dez. de 1968. Cf. BATALHA, Cláudio (org.) *Dicionário do movimento operário: Rio de Janeiro do século XIX aos 1920 (militantes e organizações)*. São Paulo: Ed. Fundação Perseu Abramo, 2009.

⁹⁶ CATTALO, Pedro. *Dealbar*. Ed. nº 17. Dez. de 1968.

⁹⁷ *O Boi*, Ed. nº 3. Ago. de 1897.

reflete os já adiantados passos de Leuenroth rumo ao seu desejo de manter no protagonismo o papel da imprensa em nossa sociedade:

A imprensa é a voz do mundo. Onde há a luz está a providência. Quem reprime o pensamento atenta contra o homem. Falar, escrever, imprimir e publicar... são círculos sucessivos à inteligência activa; são essas as ondas sonoras do pensamento.

De todos os círculos, de todos esses esplendores do espírito humano, o mais largo é o da imprensa. (...) Onde a imprensa livre é interceptada, pode-se dizer que a nutrição do gênero humano está interrompida.

A missão do nosso tempo é mandar os velhos fundamentos da sociedade, criar a verdadeira ordem e colocarem em toda a realidade no lugar das ficções. (...) No século presente, sem a liberdade da imprensa, não há salvação. Sem a imprensa, noite profunda. A imprensa é o dedo indicador: o auxiliar do patriota⁹⁸.

As condições para a impressão desse material não era as melhores. A tipografia, improvisada em cavaletes era digno de comentários dos militantes mais próximos de Leuenroth, dado seu empenho em montar um primeiro jornal com seus próprios recursos financeiros. A pesquisadora Yara Maria Khory⁹⁹, em sua renomada biografia sobre Edgard Leuenroth, que conta com diversas entrevistas, cartas pessoais, depoimentos dos irmãos e amigos militantes, nos relata uma memória do amigo de Edgard, o militante Afonso Schmidt, na ocasião da compra de uma tipografia que Leuenroth usaria para imprimir seu jornal *O Boi*, e, provavelmente, a adaptaria para a utilização de projetos futuros como outros jornais no qual participou como administrador e redator. Nas palavras de Afonso Schmidt:

Certo dia, aquele mocinho magro subiu a ladeira do Carmo, atual Avenida Rangel Pestana, para ver uma minúscula tipografia, daquelas que outrora, depois dos fracassos jornalísticos, andavam de mão em mão, até se perderem no interior de algum estabelecimento (...) Eram dois cavaletes, algumas caixas de tipo 8 e 10, uma pequena Minerva (gênero espreme-limão), tipos avulsos de fantasia, tudo isso empastelado, coberto de poeira e teias de aranha. Depois de examinar esse restolho comprou-o por dez reis de mel coado e fê-lo

⁹⁸ **O Boi**, Ed. nº 5. Set. de 1897. Cabe aqui uma ressalva: decidimos manter a escrita original dos artigos de acordo com a norma ortográfica vigente no país naquele determinado momento. Essa decisão é importante, pois sugestões sobre a ortografia das palavras iriam ser propostas por Neno Vasco dentro do jornal *A Terra Livre*, como alternativa para facilitar a escrita da língua portuguesa. Maiores informações sobre este tema será descrito mais a frente em nossa dissertação.

⁹⁹ KHOURY, Yara Maria A. **Edgar Leuenroth: uma voz libertária**: Imprensa, memória e militância anarcosindicalista. São Paulo: Tese de Doutorado em Sociologia, USP, 1988. Outro texto que podemos citar sobre a trajetória de Leuenroth descrita por Yara Khoury pode ser resgatado no livro *A Formação das Tradições*, a saber: KHOURY, Yara Maria Aun. Edgard Leuenroth, anarquismo e as esquerdas no Brasil. In: FERREIRA, Jorge; REIS, Daniel Aarão (orgs.). **A formação das tradições, 1889-1945**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007. Pp. 113-130.

transportar para um casebre na Rua Maria Domitila, número 12, uma ruazinha estreita e pobre que esgueira entre a rua do Brás e a rua do Gazômetro¹⁰⁰.

Logo após sua primeira experiência com o jornal *O Boi*, Edgard Leuenroth irá tentar dinamizar-se no mercado jornalísticos lançando-se em uma nova empreitada mais profissional, ainda em parceria com o redator e companheiro Arlindo Cruz. Dessa parceria surge um novo jornal, em 18 de julho de 1897, denominado *A Folha do Bráz*. Era um periódico de bairro, “*metamorfoseado do antigo jornal O Boi*”¹⁰¹, com notícias do cotidiano das ruas, poesias, crônicas e propagandas dos anunciantes do bairro. Evidentemente, já há uma linguagem retórica forte que demonstraria o caráter libertário de Leuenroth nos longos anos de militância anarquista. Em ocasião da comemoração do terceiro ano de publicação do jornal, podemos observar a redação do periódico e sua preocupação em manter uma distância independente dos fatos, batendo-se pela verdade, justiça e “*contra a ignorância, que atravessamos os impreteritos no meio do escarneos de uns, do ódio de outros e da admiração de muitos*”¹⁰². Nas palavras dos redatores:

Batendo nos lealmente pela verdade e pela justiça numa época em que o vilipêndio tem empolgado tudo, temos sido uns temerários, que outra coisa não almejamos, mais do que o progresso da nossa Pátria, a regalia e a civilização de nossos irmãos?

Conscienciosamente temos cumprido o nosso dever de jornalistas independentes, á relatando os factos com imparcialidade, censurando a incorreção, esmagando o impudonor, chicoteando com azourrage da justiça as faces da politicagem pouco seria e acusando(sic) delictos que necessitam severos castigos.

É certo que temos errado também. Mas esses erros são desculpáveis, tanto mais, quando os praticamos com o único intuito de evitar maior mal¹⁰³.

Para a pesquisadora Yara Khoury, o jornal *A Folha do Bráz* define-se como um órgão que procura manter a imparcialidade e a objetividade próprias dos indivíduos honestos que procuram defender o bem comum e a liberdade de todos. Reage a muitas questões que, no entender dos redatores, oprimem e aprisionam a humanidade; nesse sentido, condena o exército e a vida militar como expressões de relações autoritárias e constrangedoras nas sociedades capitalistas, denuncia a organização política vigente e a “falsidade do voto”, buscando também

¹⁰⁰ KHOURY, *Op. cit.* Pg. 34.

¹⁰¹ CATTALO, Pedro. *Dealbar*. Ed. nº 17. Dez. de 1968.

¹⁰² *A Folha do Bráz*, Ed. nº 77. Jul. de 1899.

¹⁰³ *A Folha do Bráz*, Ed. nº 77. Jul. de 1899.

mobilizar a população dos bairros proletários, sobretudo do Brás, na luta por moradias mais higiênicas e sadias, problema que o próprio Edgard Leuenroth sentia na pele desde de sua vinda do interior¹⁰⁴.

Segundo os pequenos testemunhos biográficos deixados pelo anarquista, a *Folha do Brás* continuou crescendo, devido em grande parte ao alto apreço dos leitores e a confiança dos anunciantes, “consequindo a colaboração de muita gente que hoje tem atuação de destaque nos meios das letras de forma como, por exemplo, os jornalistas Mário Sette e Lélis Vieira”¹⁰⁵.

Daquele momento, com o fim da publicação em 1901, a atividade jornalística de Edgard Leuenroth jamais sofreu descontinuidade, até o momento de sua morte, sendo constantemente requisitado como revisor, colaborador, redator, secretário, redator-chefe, diretor, editor e gerente. É claro não podemos deixar de mencionar sua importância como arquivista do movimento operário brasileiro, ofício que rendeu ao militante notório conhecimento e arquivo de quase toda a atividade libertária do Brasil e do mundo, gerando um extenso arquivo que hoje pode ser consultado no centro de pesquisa da UNICAMP, no arquivo que leva seu nome: *Arquivo Edgard Leuenroth*.

Segundo relatos extraídos do jornal *Dealbar*, lançado em 1968 em luto pela morte de Edgard Leuenroth, a militância anarquista do libertário começou muito cedo, em 1903, quando ele ainda tinha 22 anos. Nas páginas dedicadas à sua biografia o jornal relata:

A dedicação à vida associativa e à militância vem desde quando era tipógrafo, tendo se iniciado no Centro Tipográfico de São Paulo, do qual foi membro fundador em 1903, e que, um ano depois, ainda, em grande parte por sua iniciativa, foi substituído pela União dos Trabalhadores Gráficos, que, passando por várias fases, chegou até ao atual Sindicato dos Gráficos. Tomou depois, parte ativa, como fundador e militante, em todas as organizações dos gráficos da imprensa que se sucederam, aqui e no Rio de Janeiro, embora a sua permanência, na capital da República, tenha sido breve¹⁰⁶.

O início de sua militância, segundo relatos de Yara Khoury, dá-se nos núcleos anticlericais e de livre pensadores, que nucleavam sobre o jornal *A Lanterna*, lançado em 1901 pelo militante e grande amigo Benjamin Mota¹⁰⁷. O periódico era órgão oficial da Liga Anticlerical de São Paulo e Edgard conhece Benjamin Mota em reuniões dessa Liga. Os laços

¹⁰⁴ KHOURY, *op. cit.* Pg. 36-37.

¹⁰⁵ SIMÕES, Vivaldo. **Um homem chamado Edgard Leuenroth**. *Dealbar*. Ed. nº 17. Dez. de 1968.

¹⁰⁶ *Id ibid*, *Dealbar*. Ed. nº 17. Dez. de 1968.

¹⁰⁷ KHOURY, *op. cit.* Pg. 38.

se estreitam, e os dois iniciam participações intensas em muitas campanhas pelo livre pensamento e pelo anticlericalismo. Nesse mesmo momento, Leuenroth conhece outro militante Everardo Dias, maçom, livre-pensador e editor de periódicos, um dos proprietários de *A Lanterna*, em 1901.

Paralelo à sua entrada na Liga Anticlerical, Edgard começa a frequentar o círculo socialista 1º de Maio, parte da Federação do Estado de São Paulo do Partido Socialista Brasileiro, que integrou até 1904¹⁰⁸. Dentro dos quadros do círculo, o libertário conhece o militante Ricardo Gonçalves, grande responsável por lhe apresentar as primeiras obras teóricas sobre o anarquismo. Já sensibilizado pelas obras de Kropotkin e Malatesta, logo Edgard abandona o socialismo para se tornar um libertário anarquista, fato que o acompanharia até o fim da sua vida.

Outro fato importante, digno de nota, que culminaria na criação e dinamização do jornal *A Terra Livre*, é a mudança de Leuenroth para o Rio de Janeiro, em 1905, na ocasião para trabalhar nas tipografias dos jornais *A Imprensa* e do periódico lusitano *Portugal Moderno*¹⁰⁹. A vida em outro estado não hesitou em aceitar o convite de Neno Vasco para administrar um novo jornal anarquista em São Paulo. Leuenroth não só aceitara o convite de Administrador como passara a assinar, com nomes de pseudônimos, temendo sua demissão dos referidos jornais, algumas publicações dentro do jornal *A Terra Livre*. Os nomes adotados por Leuenroth para escrever ao jornal eram Demócrito e Palmiro Leão, ou, simplesmente, Leão¹¹⁰.

A presença de Leuenroth no Rio de Janeiro pode ter facilitado a aproximação dos grupos anarquistas da *Terra Livre* e do jornal *Novo Rumo*, dado à amizade de Neno, e a presença de outros companheiros como Luigi Magrassi e Manuel Moscoso, dentro do grupo *Novo Rumo*. Infelizmente, os estudos sobre a presença de Leuenroth e seu papel na agitação anarquista no Rio de Janeiro são escassos e carecem de fontes fidedignas de sua participação¹¹¹.

Sabe-se, em 1906, da participação ativa de Leuenroth na organização, como delegado designado da sessão da Federação Operária do Estado de São Paulo, do 1º Congresso Operário Brasileiro, realizado no Centro Galego, no Rio de Janeiro. Segundo Edilene Toledo, o 1º COB,

¹⁰⁸ KHOURY, *op. cit.* Pg. 40. Cf. BIONDI, *Classe e nação...*, pg. 157.

¹⁰⁹ **Dealbar**. Ed. nº 17. Dez. de 1968.

¹¹⁰ KHOURY, *op. cit.* Pg. 40.

¹¹¹ Podemos, averiguando algumas fontes extraídas de jornais e documentos, tentar traçar a sua participação no movimento anarquista carioca, dado sua ocupação em trabalhos de tipografia na cidade, o seu casamento, a criação dos primeiros filhos, todos em solo carioca, entre 1904 e 1910, segundo relato extraído do Dicionário do movimento operário do Rio de Janeiro, organizado pelo pesquisador Cláudio Batalha. Cf. BATALHA, Cláudio. *Op. cit.* Pg. 89.

foi o grande responsável pela entrada da concepção do sindicalismo revolucionário no Brasil, em grande parte trazida pela inspiração da Confederação Geral do Trabalho francesa¹¹².

Ainda no ano de 1906, Edgard Leuenroth contrai matrimônio com Aurora da Costa Resis, com quem viveria a vida toda e teriam quatro filhos: Nilo, Nair, Germinal e Anteu. Talvez, por conta da instabilidade financeira na capital carioca e a chegada dos filhos, Edgard opta por voltar à São Paulo em 1908, agora para publicar um jornal próprio *A Folha do Povo*. Nessa ocasião, em abril do mesmo ano, o militante participa da organização do 2º Congresso Operário de São Paulo, como representante da União dos Trabalhadores Gráficos. Mais uma vez, em uma moção vitoriosa, Edgard admitia que: “*o operariado se organizasse em sociedades de resistência econômica, deixando de fora a luta político-partidária e as doutrinas políticas e religiosas nos moldes daquilo que sustentava o sindicalismo revolucionário*”¹¹³.

A partir de 1908, a administração do jornal *A Terra Livre* é deixada de lado em nome de outros planos mais ambiciosos dentro da militância anarquista e anticlerical para Leuenroth. Em 1909, ele associa-se com o amigo Benjamim Mota para a publicação semanal do jornal *A Lanterna*; Leuenroth tomaria frente do jornal até 1916¹¹⁴. Logo após esse período, em 1917, o militante inicia, talvez, sua maior empreitada à frente do jornal *A Plebe*, um dos maiores periódicos operários a rodar no Brasil na primeira metade do século XX.

Fatalmente, teríamos ainda muito a falar sobre a participação de Leuenroth dentro do movimento anarquista em São Paulo, porém as limitações em nosso recorte temporal nos limitam a focar sua militância em um momento ainda de juventude de Edgard. Porém, é certo afirmar que as considerações aqui levantadas são de suma importância para traçar o caráter que o militante teria para com a atividade jornalística do mesmo, foco de nossa preocupação nesse trabalho. Sendo assim, nos preocuparemos em demonstrar a importância da continuidade e do crescimento da própria doutrina do anarquismo no Brasil, mesclando à formação de Leuenroth como jornalista fundamental do movimento operário brasileiro, fato esse que será disposto nas próximas páginas desta dissertação.

¹¹² “A CGT (*Confédération Générale du Travail*) francesa era a única organização sindicalista revolucionária com uma hegemonia real, era a organização sindical mais importante do país e era a principal fonte de inspiração para os sindicalistas em várias partes do mundo e também do Brasil. Os delegados reunidos no Congresso Operário Brasileiro de 1906 tinham enviado ‘(...) ao operariado francês a mais ardente expressão de suas simpatias e solidariedade, mostrando-o como o modelo de atividade e iniciativa do trabalhador do Brasil.’ Neno Vasco, em um artigo no jornal *A Voz do Trabalhador*, tinha afirmado que ‘a sociedade de resistência mais perfeita e mais completa, embora não sem defeitos, é o sindicato francês, aderente à CGT. É puramente de resistência, facilitando a entrada a todos, procurando agrupar o maior número, mas sem por isso deixar de agir constantemente”. Cf. TOLEDO, Travessias Revolucionárias. Pg. 35.

¹¹³Disponível em: <http://cpdoc.fgv.br/sites/default/files/verbetes/primeirarepublica/LEUENROTH,%20Edgard.pdf>. Acesso em 19 de dezembro de 2016.

¹¹⁴ KHOURY, op. cit. Pg. 46.

Para o militante anarquista, o jornal adquire suma importância para a propaganda libertária e de educação para a luta no dia-a-dia do trabalhador. O anarquista, numa concepção de aproximação da cultura ácrata ao povo, privilegia alguns instrumentos como o jornal, o opúsculo, o folheto, a escola, os centros de cultura e literatura social, algumas festividades, além, é claro do sindicato e da greve para atingir a grande população¹¹⁵.

O jornal atua decisivamente no processo auto-educativo; como meio de comunicação ágil e pouco dispendioso para o militante. O periódico é usado como um dos principais órgãos de militância e revela dados abundantes sobre essa experiência complexa dos seus agentes, onde a ação profissional e militante se misturam. Mesmo quando não se consideram jornalistas, os militantes assim os tornam, pois são porta-vozes de uma realidade do operariado relegada em outros setores da sociedade¹¹⁶.

É através dos periódicos que a militância informa e forma as ideias sobre a situação da classe trabalhadora, as experiências revolucionárias no mundo, acontecimentos e reflexões sobre o movimento operário nacional e internacional; discutem questões de organização e método, recomendam leituras, publicam folhetins, crônicas, poesias; divulgam peças teatrais e festas de arrecadação de fundos para a manutenção das ações de propaganda, além de organizar os trabalhadores para as mobilizações, paralisações, comícios e greves. Em suma, o jornal é um organizador tácito e ideológico do cotidiano operário.

Na maioria das vezes, a atividade jornalística dos anarquistas, assim como aconteceu como Edgard Leuenroth durante toda a sua trajetória enquanto criador, administrador e redator de jornais operários, foi totalmente voluntária – esse era um dos lemas mais importantes da atividade jornalística de um anarquista – a propaganda era uma missão, assim deveria ser feita ser quaisquer ambições ou desvios de conduta.

O jornal deve ser produzido, redigido, impresso e distribuído pessoalmente, ou por encomendas enviadas ao interior, pois nem todas as bancas aceitavam vendê-los, na maior parte por medo das represálias policiais. Os recursos, como será melhor desenvolvido no capítulo 3 dessa dissertação, advinha totalmente de recursos captados pelos próprios trabalhadores, através das subscrições voluntárias. Sem esse recurso, o jornal não poderia existir. Por esse motivo leem-se, em muitas páginas de vários jornais de tendências distintas, constantes chamadas e lembretes para a busca de subscrição voluntária e de assinaturas¹¹⁷.

¹¹⁵ KHOURY, op. cit. Pg. 83; MARTÍN-BARBERO, Jesús. **Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia.** Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 1997.

¹¹⁶ LEAL. *Op. cit.* Pg. 79.

¹¹⁷ KHOURY, op. cit. Pg. 84.

O processo de construção de um jornalista militante é intenso e criado nas trincheiras de feitura desses jornais. No nosso caso, temos a transformação de Edgard Leuenroth em trabalhador de ofícios manuais, um tipógrafo, em um representante do jornalismo militante brasileiro.

Das páginas iniciadas em *O Boi*, em 1897, Edgard construiu seu discurso libertário ultrapassando as páginas de um jornal de bairro, e chegando a todo o Brasil e ao exterior com jornais de peso político como *A Terra Livre*, em 1906, *A Lanterna*, em 1909, e *A Plebe*, em 1917. Como sempre, a construção de seu discurso passou pelo crivo de outros jornalistas mais experientes que moldaram a teoria anarquista do ácrata durante a sua vida. Nomes como Benjamim Mota, Neno Vasco, Giulio Sorelli, no âmbito brasileiro e dos grandes teóricos anarquistas como Piotr Kropotkin e Errico Malatesta, no âmbito internacional. Todos tiveram sua parcela na formação da doutrina de Leuenroth sobre o anarquismo, principalmente na participação ou não dos anarquistas nas frentes de resistência (sindicatos), na busca por um sociedade livre da opressão capitalista e nas formas em como atingir esses objetivos¹¹⁸.

A ideia principal na formação de um jornalista militante tem-se sempre no entorno da criação de sua rede social, formada por uma série de companheiros que na caminhada militante constroem uma rede de colaboradores que ajudarão a compor o jornal como um todo.

Em nosso caso, do jornal *A Terra Livre*, a rede se iniciou apenas com duas pessoas, cada um em estado diferente: Neno Vasco, residente na época em São Paulo, e Edgard Leuenroth, residindo no Rio de Janeiro. É necessário salientar que a participação de Leuenroth, mesmo jovem, foi de suma importância como administrador do periódico, devido a sua vasta experiência nas atividades de tipografia. Por esse motivo, ele conhecia as facilidades para tentar imprimir um jornal num menor custo possível para os colaboradores, haja vista que a impressão

¹¹⁸ Todas essas inquietações sobre a posição do Anarquismo frente às mudanças ocorridas na primeira metade do século XX, foram compiladas pelo próprio Edgard Leuenroth em um livro denominado "Anarquismo: roteiro de libertação social." Nele o libertário, através de recortes recolhidos em centenas de jornais libertários que o mesmo recolhera durante toda a sua vida de arquivista do movimento operário internacional, traça as motivações do Anarquismo para a atingir a libertação social do povo sofrido. O livro é repleto de pequenas teorias que ajudam o leitor a entender a doutrina e a buscar meios para atingir sua própria libertação. Lançado em 1963, é prefaciado por um importante militante alemão e amigo pessoal de Leuenroth, Agustin Souchy. No prefácio, Agustin nos mostra: "O livro de Edgard Leuenroth não pretende apresentar um quadro completo da doutrina anarquista em suas diferentes e variadas facetas. Expõe-nos apenas certos aspectos ideológicos, juntamente com algumas ideias de pensadores anarquistas do passado e do presente. O leitor tem, assim, a oportunidade de conhecer um movimento que não visa conquistar o poder político, mas que tem o abnegado, ingrato e, ao mesmo tempo, sublime fim de ajudar o homem a despertar na consciência de si mesmo (...). A soma dos indivíduos conscientes de si mesmo será o mais seguro sustentáculo da liberdade para todos. (...) Os anarquistas não esperam a salvação provida de determinadas soluções violentas, mas também não se fiam em novos salvadores". Cf. LEUENROTH, Edgar. **Anarquismo, roteiro da libertação social**: antologia da doutrina, crítica, história, informações. Rio de Janeiro: Mundo Livre, 1963.

de um periódico não demandava grandes somas financeiras em um primeiro momento, apenas os custos com a compra do papel jornal, gastos com a tipografia, impressão e distribuição ao interior dos estados. A participação de Edgard resultou numa primeira edição com uma tiragem média de 4000 exemplares, de grande expressão para um jornal em seu primeiro número¹¹⁹.

Efetivamente, essa rede de colaboradores foi crescendo em demanda por informações e necessidade de ajuda ao periódico, chegando a amigos militantes da cidade de São Paulo e do Rio de Janeiro, e também do interior destes estados de outros como Minas Gerais, Paraná e Rio de Grande do Sul. É perceptível que a penetração de um jornal operário é rápida e necessária para a continuidade do mesmo. Sendo assim, a participação dos primeiros organizadores acaba se tornando coadjuvante devido ao crescimento dessa rede social. Mas, não podemos deixar de evidenciar a importância dos mesmos para a formação desse jornal.

Nos próximos capítulos, procuramos “dissecar” o jornal *A Terra Livre*, buscando mostrar a você, leitor, como o trabalho inicial de Neno Vasco e Edgard Leuenroth tornou-se uma empreitada feita a muitas mãos, enfrentando grandes dificuldades de impressão, luta e circulação para continuar ativo nos meios operários paulistas e cariocas. Essa empreitada geraria intensos frutos, mais de 75 edições durante toda a vida do periódico, entre 1905 e 1910, com algumas interrupções em 1909.

¹¹⁹ **A Terra Livre**. Ed. nº 2 e 3. Jan de 1906.

CAPÍTULO 2: Folheando a imprensa: jornalismo, produção técnica e editoração do jornal A Terra Livre

2.1 O jornal: um panorama sobre o periodismo em São Paulo e Rio de Janeiro

Na primeira página do jornal representativo da Confederação Operária Brasileira, *A Voz do Trabalhador*, lançado em 15 de julho de 1908, está estampada uma coluna onde o redator expõe a nova realidade dos jornais, ditos “comerciais”. Com o nome “a imprensa e a mentalidade popular”, na coluna ele diz:

A imprensa burguesa(sic) exerce, sem dúvida, uma grande influência sobre o povo. Ela pode ser um importante factor(sic) na cultura e na formação da sua mentalidade. Mas como está mercantilizada, como o seu fim é exclusivamente(sic) o lucro, a sua influência não pode ser mais prejudicial e execrável.

O redator ainda lamenta sobre a novo comportamento de leitura do público destes jornais:

O povo quer narrativas fantásticas e horripilantes de scenas(sic) de sangue, suicídios, assassinatos, roubos, adultérios (...), palpites do jogo do bicho... Há quem precisa de intermediários para a satisfação de vícios e caprichos corruptores? Pois ella(sic) torna-sealconviteira, segundo a frase do ar.¹²⁰

Não é de se admirar que um jornal operário fale tão mal dessa nova imprensa que surge ao fim do século XIX e se espalha pelos grandes centros urbanos. Os jornais, antes representantes das aspirações políticas dos seus diretores, agora se convertem em grandes empresas geradoras de lucros para seus acionistas. Fazer jornalismo no Brasil, assim como já acontecera em outras partes do mundo, tornou-se um negócio bastante lucrativo.

A autora Heloisa de Faria Cruz, em seu livro sobre a ascensão da cultura do impresso na cidade de São Paulo, traça uma análise sobre esses novos dispositivos de informação - os jornais diários. Para ela:

(O jornal diário) sinaliza que o processo de conquista e expansão da cultura imprensa sobre terrenos sociais anteriormente alijados dos circuitos da cultura letrada não se configurou enquanto terreno de mera homogeneização cultural. Assim, também aponta para a crescente articulação do periodismo ao mercado e às práticas mercantis. Por outro

¹²⁰ IVAN. **Nota Vermelha.** *A Voz do Trabalhador*. Ed. Nº 2. Julho de 1908.

lado, identificando a mentalidade popular enquanto alvo e objeto de disputa, formula a questão central na discussão sobre a importância da imprensa na formação do povo.¹²¹

Os jornais transformaram em empreendimentos culturais; mais do que isso, em “*prática social constitutiva e instituinte dos modos de viver e pensar a cidade*”¹²². Numa perspectiva histórica - alicerçada por Heloísa Faria Cruz - pensa-se essa nova imprensa diária como um espaço privilegiado onde percebemos a constituição do espaço urbano e de afirmação de construção de lugares, sociabilidades e práticas culturais da cidade¹²³.

A autora Maria Helena Capelato faz uma introdução sobre essa nova configuração dos jornais na virada do século XIX para o século XX:

No Brasil, esse tipo de imprensa (jornais diários com características comerciais) surgiu nas últimas décadas do século XIX. Nesse período, ocorreram, na sociedade brasileira, transformações importantes em várias esferas: econômica, política e social. A imprensa norte-americana, que atribuía grande importância à informação dos fatos cotidianos, serviu de modelo para a modernização do jornalismo brasileiro: os periódicos assumiram um novo formato devido à introdução de um maquinário moderno (...) e à valorização da informação estimulada pela vinda de agências internacionais de notícias (Havas, Reuters, Associated Press, etc.).¹²⁴

Em São Paulo, apenas na virada do século XIX para o XX, temos o crescimento e circulação de diversos tipos de jornais. Estima-se que foram impressos mais de 600 publicações paulistanas, de diferentes espectros e vinculações políticas¹²⁵. Os jornais diários também vão surgir de maneira exponencial, tendo o *Correio Paulistano* (1854); *Diário de São Paulo* (1865); *A Província de São Paulo* (que posteriormente passara a denominar-se *O Estado de São Paulo*, 1875); *O Diário Popular* (1884); *A Plateia* (1888)¹²⁶. Em se tratando do Rio de Janeiro temos ainda outros grandes periódicos como o *Jornal do Commercio* (1827); a *Gazeta de Notícias* (1875); o *Paiz* (1884); o *Jornal do Brazil* (1891); o *Correio da Manhã* (1901); e o *Commercio do Brazil* (1904)¹²⁷.

¹²¹ CRUZ, Heloísa Faria. **São Paulo em papel e tinta: periodismo e vida urbana, 1890-1915**. São Paulo: Arquivo Público do Estado de São Paulo, 2013. Pg. 11-12.

¹²² *Id ibid. Op. cit.* Pg. 13.

¹²³ *Id ibid. Op. cit.* Pg. 13.

¹²⁴ CAPELATO, Maria Helena. A imprensa como fonte e objeto de estudo para o historiador. In: PRADO, Maria Lígia Coelho; VILLAÇA, Mariana (org.). **Histórias das Américas: fontes e abordagens historiográficas**. São Paulo: Humanitas. CAPES, 2015. Pg. 118.

¹²⁵ CRUZ, Heloísa Faria. *Op. cit.* Pg. 53.

¹²⁶ *Id ibid. Op. cit.* Pg. 54.

¹²⁷ RENDA, Arthur José Vitorino. **Máquinas e Operários: mudança técnica e sindicalismo gráfico (São Paulo e Rio de Janeiro, 1858-1912)**. São Paulo: Ed. Annablume. FAPESP, 2000. Pg. 51.

Temos ainda que ressaltar que a maioria destes jornais profissionalizou a sua administração, sendo tratados, a partir de então, como empresas geradoras de lucros e, diante disso, passaram a apresentar uma dinâmica organizacional distinta. Com a profissionalização da administração destes jornais, a redação foi desmembrada da produção/impressão dos mesmos. Grandes oficinas de tipografia foram incorporadas aos periódicos, sempre com o objetivo de aumentar a tiragem e dinamizar o processo produtivo¹²⁸.

Paralelo a esse movimento, seguia a modernização dos processos de produção dos jornais e a mecanização das tipografias. Um dos grandes pesquisadores brasileiros sobre a evolução do processo jornalístico, Juarez Bahia, retrata os avanços tecnológicos surgidos no século XIX e que influenciaram diretamente a produção jornalística pelo mundo. Para ele, a introdução de diversas máquinas e técnicas de impressão vão revolucionar o trabalho jornalístico:

Entre 1798 e 1885 vão surgindo a introdução sucessiva de aperfeiçoamentos técnicos à impressão como a invenção da máquina de papel, por Louis Robert, em 1798; a invenção da prensa mecânica por Frederico Köning, em 1812; a invenção da prensa rotativa por Marinoni, em 1850; a invenção do linotipo, por Mergenthaer, em 1885.¹²⁹

Todas estas tecnologias foram paulatinamente sendo introduzidas nos setores gráficos de Rio de Janeiro e São Paulo, chegando aos jornais diários e mudando o panorama econômico dos periódicos. A partir do ano de 1900, a tiragem dos jornais que buscaram na tecnologia da prensa rotativa uma alternativa para o aumento da tiragem, tiveram bastante êxito, tendo o exemplo mais bem sucedido pelo *Estado de São Paulo*, que de 4 mil exemplares em 1888 passa a uma tiragem diária de 35 mil exemplares por volta de 1913, acompanhando o salto populacional da cidade¹³⁰.

Para além da introdução da tecnologia da prensa rotativa, temos a adoção do linotipo, em troca da mão de obra humana dos tipógrafos na composição das páginas do jornal. A despeito do aparecimento das máquinas de compor linotipo¹³¹, o processo de composição destes

¹²⁸ RENDA, Arthur José Vitorino. *Op. cit.* Pg. 57.

¹²⁹ BAHIA, Juarez. **Jornal, história e técnica**. 3ª ed. São Paulo: Ed. Ibrasa, 1972. Pg. 46.

¹³⁰ CRUZ, Heloisa Faria. *Op. cit.* Pg. 53.

¹³¹ Arthur Vitorino apresenta uma definição do funcionamento das máquinas de compor, denominadas Linotipo: “são máquinas em que linhas são fundidas em só bloco. Em todas elas há um teclado semelhante ao da máquina de escrever, o qual, porém, está em comunicação com as matrizes. Nestas máquinas, acionado o teclado por um operador, automaticamente as matrizes vão colocar-se uma ao lado das outras, formando linhas. A própria

jornais ainda continuava manual e dependia exclusivamente dos trabalhadores tipógrafos¹³². A importância dos mesmos para o setor gráfico e para o jornalismo operário já fora discutido no primeiro capítulo desta dissertação.

A partir de 1903, os jornais passam a adquirir as máquinas de compor e modernizar, também, o setor de composição passando de 1200 tipos por hora, numa composição manual, para mais de 10 mil tipos do hora, numa máquina Linotipo ou Monotipo¹³³. A vinda destas máquinas, evidentemente, foi um choque para a classe tipográfica, que passou a mobilizar-se e reivindicar novas formas de pagamento de salários e alterações de jornadas de trabalho¹³⁴.

Todas estas mudanças possibilitaram às empresas jornalísticas a alternativa de se vender como uma mercadoria, onde o maior produto produzido por elas eram a informação. E para isso, era preciso, alterar completamente a forma do discurso jornalístico; o jornal de cunho político deixa de ser imprescindível e no lugar toma-se o jornal de cunho informativo, noticioso. As opiniões deixaram de ser ponto de vista principal e foram realocadas para colunas específicas. A autora Marialva Barbosa relata as principais mudanças de conteúdo nos periódicos:

Ao pensar as mudanças gráficas e editoriais - nas quais se destaca a inclusão de grandes ilustrações e fotografias, a criação de manchetes de página, a diminuição do formato dos periódicos; de novas fórmulas editoriais, com a introdução de entrevistas, o destaque às reportagens (...); o isolamento dos textos opinativos dos informativos; (...) Esse novo jornalismo significou não só a conquista de mais leituras, como também a introdução de uma nova leitura¹³⁵.

As inovações técnicas permitiram a reprodução de ilustrações e fotos e maior rapidez no processo de produção. Do ponto de vista editorial, mudam o teor das notícias publicadas e a forma como eram distribuídas nas páginas. A valorização do caráter imparcial do periódico

*máquina funde então, numa vez, a linha composta pelas matrizes e, feito isso, volta as ditas matrizes aos seus lugares no magazine.” Cf. RENDA, Arthur Vitorino. *Op. cit.* Pg. 237.*

¹³² O serviço do compositor tipográfico era completamente manual, com ritmo livre, e não obedecia uma ordem rígida de sucessão. O trabalho consistia, basicamente, em compor palavra por palavra, linha por linha, juntando essas em uma chapa de metal guarnecida em três lados por uma alça à guisa de colunas, das quais se formam as páginas dos livros e jornais. Cf. *Id ibid. Op. cit.* Pg. 236.

¹³³ É a autora Dúnya Azevedo que nos traz maiores informações sobre a evolução dos processos de composição: “No processo de composição manual, os tipógrafos retiravam os tipos das caixas para compor as linhas, processo que se fazia à velocidade de 1.200 a 1.500 caracteres por hora. A composição mecânica em linotipo agilizou consideravelmente o processo, passando a ser compostos de 6 mil a 9 mil caracteres por hora”. Cf. AZEVEDO, Dúnya. A evolução técnica e as transformações gráficas nos jornais brasileiros. **Revista Mediação**. Belo Horizonte, vol. 9, n. 9, jun/dez. de 2009. Pg. 85.

¹³⁴ RENDA, Arthur José Vitorino. *Op. cit.* Pg. 68.

¹³⁵ BARBOSA, Marialva. Imprensa, poder e público: os diários do Rio de Janeiro (1880-1920). **Revista Brasileira de Comunicação**. São Paulo, vol. XX, nº 2, pp. 87-102. Jul/dez 1997.

levou à criação de colunas fixas para a informação e para a opinião, ao mesmo tempo em que se privilegiou a edição de notícias informativas em detrimento da opinião¹³⁶.

As grandes empresas jornalísticas também se esforçavam para alterar a forma como o leitor percebia o seu jornal. Através das intensas inserções de informações que transformam, em grande medida, o caráter das instituições de poder, o jornal passa a ser considerado como grande representante e “*formador da opinião pública*”¹³⁷. Maria Helena Capelato ainda nos acrescenta sobre esse fato:

Quando os jornais se transformaram em empresas, passaram a produzir uma mercadoria específica: a “mercadoria política”. Essa dupla identidade (comercial e política) acabou permitindo que a “grande imprensa”, instituição pública, continuasse interferindo na política em nome da “opinião pública” e, na condição de instituição privada, atuasse como empresa comercial geradora de lucro. Essa dupla inserção permitiu que os donos de jornais justificassem suas opiniões e intervenções políticas como representativas da “opinião pública”¹³⁸.

Mas o que realmente seria a “opinião pública”? O sociólogo Jesús Martín-Barbero traça uma evolução histórica do conceito de opinião pública, alicerçando este conceito ao campo da psicologia social, surgida ao fim do século XIX para tentar explicar, entre outros assuntos, as mudanças sociais presentes na cultura do povo desde os acontecimentos da *Comuna de Paris*.

Para ele, as crenças populares sofreram um deslocamento fundamental: em lugar de ter como espaço de compreensão de seu estatuto social o religioso, as crenças se recolocam no espaço da “comunicação”, de sua circulação na imprensa. A massa é convertida em *público* e as crenças, em *opinião*¹³⁹. O novo objetivo da psicologia social, segundo ele, será o estudo do público como efeito psicológico da difusão da opinião, isto é, aquela coletividade “*cuja adesão é só mental. É a única possível em uma sociedade reduzida a massa, a um conglomerado de indivíduos isolados e dispersos.*”¹⁴⁰

A representação dessa opinião pública era construída, em grande medida, pelo jornalista, que representaria a voz da opinião pública, o seu arauto. O jornalista era, naquele momento, uma classe social ainda em ascensão, juntamente com os jornais diários. Então, em se tratando do Brasil, quem eram esses jornalistas? Marialva Barbosa responde:

¹³⁶ MARIALVA BARBOSA. *Op. cit.* Pg. 90.

¹³⁷ CAPELATO, Maria Helena. *Op. cit.* Pg. 122.

¹³⁸ *Id ibid.* *Op. cit.* Pg. 122.

¹³⁹ MARTÍN-BARBERO, Jesús. **Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia.** Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 1997. Pg. 51.

¹⁴⁰ *Id ibid.* *Op. cit.* Pg. 51.

(...) oriundo em grande número das faculdades de Direito, esse profissional que irá ocupar cargos de prestígio ou simplesmente ser redator e repórter nos jornais diários, fazia a maioria das vezes da profissão patamar para alcançar posições políticas ou situações de estabilidade financeira, participando da burocracia estatal.¹⁴¹

Cooptados pela classe dominante desse campo econômico e social – os donos dos jornais - esses profissionais produziam uma mensagem visando a criação de um consenso, cujo fim último era perpetuar a dominação de classe e pacificar “a grande massa”, criando uma nova configuração de percepção dos jornais por parte dos leitores.

Na contramão dos jornais diários estavam os periódicos produzidos pela classe operária e dedicados à crítica político-econômica e à leitura e informação dos operários das condições de trabalho e luta por melhorias destas condições. Quando se fala em imprensa operária, imediatamente se imagina uma imprensa produzida por operários. Isto se considerada pelo ponto de vista do emissor; mas, do ponto de vista do receptor, é aquela imprensa que se dirige, prioritariamente, ao público operário. Do ponto de vista da mensagem (conteúdo), pode-se também considerar como imprensa operária aquela cuja temática básica são os problemas dessa classe social. Maria Nazareth Ferreira, em seu importante livro sobre a imprensa operária no Brasil dá o seu parecer sobre as características deste tipo de periodismo:

O veículo de comunicação da classe trabalhadora (...) não tem proprietário, e sua mensagem não é uma mercadoria a ser consumida; seu conteúdo é resultado do conjunto de informações, preocupações, propostas, etc. e produzido pela coletividade e para ela mesma. O jornal é um instrumento de informação, conscientização e mobilização; o receptor não é um elemento passivo, mas alguém que tem interesses comuns e participa da mesma forma de organização.¹⁴²

As razões mais ressaltadas para fazer imprensa pelos operários era a possibilidade de avaliar, julgar, comentar, interpretar e opinar; em suma, de poder elaborar sentidos para as próprias ações e para as dos outros, difundir projetos e perspectivas próprias ao grupo ou intervir em assuntos considerados de interesse coletivo, público. Laura Antunes Maciel, em seu artigo “*Imprensa de trabalhadores, feita por trabalhadores, para trabalhadores?*” disserta sobre a importância para o militante operário em fazer um jornal:

¹⁴¹ MARIALVA BARBOSA. *Op. cit.* Pg. 91.

¹⁴² FERREIRA, Maria Nazareth. *Op. cit.* Pg. 6.

Nesse sentido, a intensa militância dos trabalhadores na criação de periódicos pode indicar esforços para ter acesso à palavra impressa como forma de intervir e enunciar uma interpretação, elaborar sentidos para as experiências vividas e para constituir um espaço alternativo no qual pudessem trazer à discussão pública acontecimentos ou opiniões dominantes apresentadas no jornalismo diário como universais.¹⁴³

A imprensa trouxe a responsabilidade sobre a palavra escrita, o símbolo impresso; possibilitou o embate de ideias num suporte palpável. Ela fez com que a palavra escrita fosse habitualmente prova e testemunha. Também a partir desse conteúdo impresso se firmaram laços ou se travaram embates; o trabalhador militante passa a se reconhecer também no texto e na imagem, capaz de lhe suscitar uma experiência sensível relacionada ao seu compêndio de vivências no mundo do trabalho. O jornal possibilitou identificação, resistência, crítica; suscitou, sobretudo, opinião.

É importante salientar a relação entre os meios de comunicação e a classe operária, bem como a forma como os trabalhadores usaram a imprensa para divulgar suas ideologias, à medida que os meios de comunicação cristalizam a memória histórica do movimento operário. A imprensa operária foi também expressão de todo um grupo e não é possível estudá-la isolada do contexto histórico, social, econômico e cultural.

As diferenças entre este tipo de imprensa e o jornalismo diário, preocupado em reter o excepcional ou a informação fresca que já se constituíam como elementos fundamentais da notícia, também merecem ser registradas. Essa distinção também pautava a atuação de periódicos com um perfil mais reformista ou socialista voltados para o debate sobre temas de interesse dos assalariados de modo geral¹⁴⁴.

A compreensão de que a imprensa diária defendia interesses opostos aos dos trabalhadores, e que muitas vezes ela servia aos patrões ou jornalistas para atacarem e desqualificarem as folhas e organizações populares, bem como as suas reivindicações, cristalizando a hegemonia dominante dessa classe, ganha expressão por meio de críticas e denúncias contra jornais, colunas ou jornalistas específicos.

Esse fato pode ser evidenciado pela denúncia feita no jornal *A Voz do Trabalhador*¹⁴⁵ e em diversas ocasiões no jornal *A Terra Livre*¹⁴⁶.

¹⁴³ MACIEL, Laura Antunes. Imprensa de trabalhadores, feita por trabalhadores, para trabalhadores? **Revista História & Perspectivas**. Uberlândia, nº 38, pg. 89-135, julho/dezembro de 2008. Pg 115.

¹⁴⁴ *Id ibid. Op. cit.* Pg. 116.

¹⁴⁵ **A Voz do Trabalhador**. Ed. Nº 2. Julho de 1908.

¹⁴⁶ A título de exemplo escolhemos uma passagem retirada da edição nº 11 de junho de 1906: “*O Comercio de São Paulo descobriu nossa atividade, dizendo a propósito dum livro do advogado Evaristo de Moraes, ‘Apontamentos de Direito Operário’, no qual o jornal fala, ‘o autor parece ter dito em vista apontar*

Pode-se dizer, com as palavras de Rogério Nascimento sobre os jornais anarquistas do início do século XX e sobre as características desses escritos, que “*os impressos operários são campo de experimentos, de instauração de sociabilidades em processo de liberação como também de elaboração e sociabilização de saberes. Essas duas dimensões estão fortemente marcadas pela coletividade*”¹⁴⁷.

Para melhor compreensão das diferenças entre os dois tipos de impressos – o jornal diário e a imprensa operária – é necessário fazer observações sobre o processo de criação e circulação dessa imprensa feita por trabalhadores. Sobre este processo que trataremos daqui em diante no texto.

2.2 O Jornal operário: limitações e alternativas de produção e circulação pela cidade

Mas como eram confeccionado, geralmente, estes jornais operários? O protagonismo da impressão e distribuição dos jornais ficava, inicialmente, por conta das empresas especializadas em realizar trabalhos gráficos, e, em grande medida, trabalhos tipográficos. Grandes tipografias começaram a surgir em São Paulo e no Rio de Janeiro, seguindo a grande movimentação em torno da gênese destes novos jornais, sejam eles diários, de bairro ou operário.

Ainda é Heloísa Faria Cruz que nos relata a nova realidade destes novos empreendimentos gráficos, sobretudo na cidade de São Paulo:

Firmando-se enquanto ambientes letrados da cidade, as tipografias e/ou casas editoras passam a assumir, na maioria das vezes de forma simultânea, a edição, impressão e distribuição desses jornais e revistas. Das grandes seções de obras e oficinas gráficas dos jornais da imprensa diária, da atuante tipografia de Jorge Seckler & Cia, fundada em 1862, da importante tipografia King à vapor da rua da Imperatriz, da Typografia a Vapor Rosenhein & Meyer, da Typografia Vanorden & Comp., mas também de pequenas tipografias do Brás, sai uma enorme variedade de periódicos¹⁴⁸.

principalmente aos legisladores brasileiros o caminho a seguir a fim de evitar a luta de classes e a exploração do socialista anárquico’. Que espécie de exploração será a nossa? A propaganda só nos dá despesas e nos tira tempo. (...) A nossa exploração só nos pode render o afastamento, a calúnia, as perseguições do patrão, dos jornais e do governo.” Cf. A Terra Livre. Ed nº 11. Junho de 1906.

¹⁴⁷NASCIMENTO, Rogério Humberto Zeferino. **Indisciplina**: experimentos libertários e emergências de saberes libertário no Brasil. Tese de Doutorado - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2009.

¹⁴⁸ CRUZ, Heloisa Faria. *Op. cit.* Pg. 60.

Para além desses empreendimentos, ainda havia a participação de pequenas tipografias e redações de jornais localizadas nos subúrbios das cidades. Heloísa de Faria Cruz nos evidencia as táticas organizativas dos militantes para a confecção de um periódico:

Pequenos grupos, formados por 2 ou 3 pessoas, com “seus escritórios e redações” adaptados em suas próprias casas, bares, escolas, sindicatos e associações diversas, tornam-se responsáveis pela edição de inúmeros periódicos que constituíram porção significativa do que seria a imprensa periódica e leitura corrente do operariado, e no âmbito geral, das pessoas moradores dos “subúrbios” no período.¹⁴⁹

Nos bairros afastados do centro econômico das grandes cidades, pequenas tipografias também foram responsáveis pelo processo de montagem e impressão dos jornais, sobretudo os impressos operários. O trabalho era realizado, em grande parte, de maneira manual e dependia da mão de obra dos tipógrafos e compositores, sendo estes grandes protagonistas da imprensa operária que surge neste momento. Em contraposição às grandes tipografias, o autor Leandro Climaco Mendonça, em sua pesquisa, traça um panorama sobre o ambiente das pequenas tipografias instaladas nos subúrbios da cidade do Rio de Janeiro. O autor chama a imprensa feita nestes bairros de “imprensa suburbana” e engloba tanto os jornais informativos de bairro, os jornais de sindicatos e os jornais operários em geral. Ele disserta:

Era comum para diversos proprietários de periódicos a utilização do maquinário de composição e impressão dos jornais no estabelecimento de um comércio de impressão e encadernação nos bairros. Praticamente todos trabalhavam com esse tipo de serviço, amplamente anunciado nas áreas destinadas à propaganda de suas folhas. A necessidade de imprimir teses, estatutos, relatórios, diplomas, cartões, jornais ou revistas, de pequeno ou grande porte, poderia ser solucionada através dos serviços tipográficos de empresas instaladas nos subúrbios, um poderoso indicativo do expressivo aumento das relações mercantis também nos espaços mais afastados do centro urbano da capital carioca.¹⁵⁰

Os jornais eram de feitura simples e confeccionados seguindo os padrões apresentados pelas tipografias e as deficiências técnicas em torno dos tipos de papel-jornal e bitola das prensas mecânicas.

¹⁴⁹ *Id ibid. Op. cit.* Pg. 60.

¹⁵⁰ MENDONÇA, Leandro Climaco. **Nas margens**: experiências de suburbanos com periodismo no Rio de Janeiro, 1880-1920. Dissertação de mestrado. Universidade Federal Fluminense. 2011. Pg. 55-56.

Heloísa Faria Cruz, remonta as características dos jornais e das revistas, que no caso do movimento operário, também era um recurso de comunicação muito útil, sobretudo para a propaganda de fundamentos teóricos ligados ao Anarquismo, Socialismo ou Sindicalismo:

Num modelo quase único, as folhas impressas em 4 páginas e diagramadas de 2 a 4 colunas, tamanho ofício e mais raramente tabloide, as revistas em tamanhos minúsculos, variando entre 8 e 20 páginas. De financiamento relativamente barato e feitura extremamente simples, essas publicações democratizaram o acesso à cultura impressa. Parecendo aos nossos olhos produtos "quase caseiros", incorporam ao universo da imprensa periódica falas e interesses sociais. Sem dúvida foram veículos de difusão da cultura impressa em São Paulo.¹⁵¹

Os periódicos apresentavam um recurso limitado em seu número de páginas e nos recursos de prensagem. Geralmente impresso em 2 ou 4 páginas, as tipografias aproveitavam as medidas do papel jornal geralmente vendido no Brasil naquela época¹⁵². Os periódicos, contavam com uma medida de página aproximado de 32 cm de largura, num formato denominado "ofício". Também se imprimia em 4 páginas, tomando a área de impressão completa do papel, aproximando-se da medida de 65 cm de largura. Tinham-se ainda as limitações da largura apresentadas pelas prensas mecânicas, seja de madeira, seja de metal, das tipografias da época.

Os recursos visuais no início do período tipográfico eram poucos, e restringiam-se a filetes, variações na tipografia (fontes), algumas ilustrações e, posteriormente, fotografias de baixa qualidade, ou uso de litografias. A autora Dúnia Azevedo conceitua o processo de litografia, processo este que seria os mais utilizado para reproduzir charges ou fotografias referentes ao mundo operário:

A litografia beneficiou a proliferação das publicações ilustradas. Descoberta por Aloys Senefelder em 1796, a litografia teve grande influência na publicação de livros, jornais e revistas, além de permitir o desenvolvimento do cartaz. O processo se desenvolveu a partir da descoberta da propriedade que têm as pedras calcárias de Solenhofen (região próxima a Munique) de rejeitar a tinta oleosa quando ainda úmidas. Torna-se possível, então, o desenho livre diretamente sobre a pedra (nesse caso o desenho era invertido) ou no papel de transporte para ser impresso na pedra e posteriormente impresso no papel definitivo. A litografia chegou ao Brasil pouco tempo depois de ter sido

¹⁵¹ CRUZ, Heloisa Faria. *Op. cit.* Pg. 60.

¹⁵² FREIRE, Eduardo Nunes. O design no jornal impresso diário. Do tipográfico ao digital. **Revista Galáxia**, São Paulo, n. 18, p.291-310, dez. 2009.

introduzida definitivamente na Europa: na França (1814), na Espanha (1819) e em Portugal (1824).¹⁵³

O redator pouco interferia no processo de diagramação, no desenho das páginas ou na escolha da imagem que ia ilustrar o texto. Este era um serviço gráfico do tipógrafo. Era este profissional que decidia sobre todos os atributos visuais que seriam apresentados na versão final do periódico. O redator, na maioria das vezes, só veria o resultado do trabalho quando o jornal já estava impresso. Talvez, por esse motivo os jornais da época apresentavam tantos erros de grafia e informações imprecisas, em grande parte devido a erros provocados pela montagem dos jornais na tipografia.

Ainda sobre as limitações apresentadas no momento de confecção dos periódicos, temos o artigo de Eduardo Freire Nunes, sobre a evolução do design dos jornais impressos. No artigo o pesquisador disserta que o distanciamento entre o jornalista e o tipógrafo parece que se arraigou profundamente, e ainda hoje existem jornalistas que consideram as duas atividades como bastantes diversas: de um lado, o jornalista e seus textos verbais; do outro, o diagramador e seus engendramentos para que o texto e as imagens caibam na página¹⁵⁴.

Nos jornais confeccionados pelos militantes operários também se percebe essa relação ou distanciamento. Geralmente, os textos que seriam expostos nos periódicos eram redigidos à mão ou em máquinas de escrever e só então enviados às tipografias, onde o jornal era montado nas mesas de composição e levados às prensas mecânicas para a impressão, quase artesanal, no papel jornal.

O autor ainda faz referências aos principais diferenciais apresentados pelas tipografias para incrementar o design dos jornais impressos. A saber:

O artifício mais eficaz e mais utilizado na diferenciação e na atração do olhar neste período da produção jornalística era a tipografia. O uso de tipografias diferentes chegava a ser exagerado em função da falta de outros recursos para diferenciação dos conteúdos, bem como de outras limitações técnicas típicas do processo de impressão, como a falta de letras de uma mesma fonte. Os tipos móveis eram comprados com um número restrito de caracteres (certa quantidade de “a”, outros tantos “e”, “s” etc.) e de tamanhos de letras. O tipógrafo compunha as páginas com os caracteres na rama (mesa de composição). Os caracteres, após a impressão do material, seriam reutilizados em outras páginas. Dependendo da quantidade de páginas compostas ao mesmo tempo, isso limitava a construção de frases, obrigando o tipógrafo a variar as fontes à medida que iam acabando as opções. Isso se dava mais nos títulos, pois os artigos podiam ser compostos nas linotipos. Portanto, a mistura de fontes e

¹⁵³ AZEVEDO, Dúnya. *Op. cit.* Pg. 82.

¹⁵⁴ FREIRE, Eduardo Nunes. *Op. cit.* Pg. 296.

tamanhos, tão típica da época, não se dava apenas por gosto do tipógrafo, mas também por limitações da própria técnica¹⁵⁵.

Em grande parte, a preocupação sempre retornava ao dilema do “espaço”, no qual os textos deveriam ocupar o máximo de espaço possível dentro das margens de impressão. O autor Eduardo Nunes ainda nos fala que uso de diferentes tipos de fontes não tinha o objetivo de causar qualquer forma de impacto ou mapeamento de leitura; o objetivo, simplesmente era pautado pelas limitações técnicas apresentadas pela tipografia que contraiu o serviço de montagem e impressão do dito periódico. Sobre a diagramação:

Nessa fase, a tipografia ainda não era reconhecida como uma forma de modalização do discurso pela diferenciação das tonalidades das letras (variação de peso e estrutura). O processo de significação pela tipografia nos jornais ainda era precário, uma vez que não era costume estabelecer invariantes que levassem a uma inferência do sentido pelo uso deste ou daquele tipo. A diagramação era linear, verticalizada, ou seja, o texto começava na coluna mais à esquerda, descia e recomeçava no alto da coluna seguinte e assim por diante. A disposição dos elementos predominante era a simétrica. Em geral as seções não eram fixas e não existia fragmentação do texto, na forma de peças explicativas, ou matérias coordenadas, por exemplo. Os textos começavam na primeira página e seguiam linearmente, de cima a baixo, página a página.¹⁵⁶

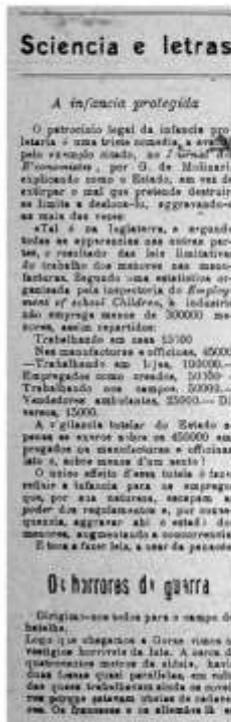
Como exemplo das limitações e dos recursos utilizados para a atração dos leitores podemos citar aqui alguns periódicos que circularam em São Paulo na primeira década do século XX.

Nas imagens abaixo podemos ver nitidamente a falta de recursos que as tipografias tinham no momento da composição do jornal. O resultado é uma mistura de tipo de fontes que caracterizavam os jornais lançados até meados dos anos de 1930. Com o barateamento dos custos das tecnologias de impressão, os jornais foram ganhando novos contornos e o design dos jornais operários foram se aproximando dos grandes jornais diários circulantes tanto no Rio de Janeiro, quanto em São Paulo:

¹⁵⁵ *Id ibid. Op. cit. Pg. 297.*

¹⁵⁶ *Id ibid. Op. cit. Pg. 298.*

Diferenciação de fontes tipográficas



Diferenciação de fontes tipográficas

Diferenciação de fontes tipográficas

Jornal O Amigo do Povo (1902)

Figura 3 – Exemplos de diferenciação de fontes tipográficas. Jornal O Amigo do Povo (1902)

Diferenciação de fontes tipográficas



Diferenciação de fontes tipográficas

Jornal O Trabalhador Graphico (1905)

Figura 4 – Exemplos de diferenciação de fontes tipográficas. Jornal O Trabalhador Graphico (1905).

Como exemplo dos modelos de diagramação dos jornais, tomamos outros periódicos produzidos pelos jornalistas do mundo operário:



Figura 5 - Exemplo dos modelos de diagramação dos jornais operários. Jornal A Voz do Trabalhador (1908)

O primeiro modelo, o jornal *A Voz do Trabalhador*, foi lançado na cidade do Rio de Janeiro no ano de 1908.

O leitor pode perceber que a diagramação do jornal segue num sentido linear de leitura, seguindo da esquerda para direita, de cima para baixo, sem quaisquer diferenciações, no que tange o design do mesmo. O texto é disposto em quatro colunas, num modelo padrão de diagramação. Neste exemplo ainda temos o uso de recursos tipográficos (fontes) apenas nos títulos dos artigos e a única presença de elementos de diferenciação é a presença de fontes de tamanhos diferentes para diferenciar um artigo do outro.

Como outro modelo para explicarmos as formas de apresentação de um jornal operário temos o jornal *Novo Rumo*, lançado também no Rio de Janeiro no ano de 1906. Este jornal, posteriormente juntou forças para melhorar a divulgação do jornal *A Terra Livre*, abrindo mão de sua circulação e ajudando financeiramente a impressão do periódico paulista.

O jornal *Novo Rumo* contava com mesmo ritmo de diagramação que os outros, mostrando que as opções escolhidas pelas tipografias não variavam de um jornal para o outro. Eram essencialmente semelhantes; os recursos utilizados apenas se diferenciavam pelo uso de fontes disponíveis e pela tentativa de aproveitar ao máximo o espaço de impressão, já que os custos de confecção dos jornais eram dispendiosos e a organização dos trabalhadores para levantar recursos, mediante subscrição voluntária, gerava um grande esforço por parte dos militantes. Maiores detalhes sobre as formas de financiamento destes jornais podem ser conferidas no capítulo 3 desta dissertação.

Abaixo está um exemplo extraído da primeira edição do jornal, lançada em janeiro de 1906, na capital carioca.

NOVO RUMO

Do pela Sciencia e Progresso e Favela Social

Correspondente:
Rua do Hospício, 210 — Rio de Janeiro-Brasil.

Imp. Imp. Imp.
Soc. Químico-Sênica
Amsterdã

Breda Administrativa e Literaria
Alfredo Vasquez

Os evolucionistas, chegando enfim ao período realista da que pretendem realizar na próxima revolução, não outra coisa a fazer mais do que amolhar descarnadamente, lançando-se na revirva sem fim, sem breche.

ESSEM NÍTICA.

O Estado é sempre um poder autoritário que subordina tudo o que se encontra ao seu programa e assim se organiza. Isso acontece com a igreja, com o Estado, com a família, com a sociedade, com a economia, com a política, com a cultura, com a arte, com a ciência, com a indústria e com a agricultura.

SINCRETISM.

NOVO RUMO

Não somos partidários d'uma nova philosophia. Jamais, para fazer triumpfar nossos bellos princípios, recorreremos aos processos empregados pelo catolismo artificialmente contra o qual, diariamente e sem soléculas de continuidade, arremos golpes casados. Os espartanos com que se nosaram, dissimulam e alioçam a fundo hypocrita das relações que ali velam e nutrem a existencia vegetativa da sociedade capitalista, não os repudiamos. Nossa linguagem deve ser sobre e franca, honesta e pura, tal como require a natureza das doutrinas que procuramos difundir e que para não por peccado a dignificação do individuo e por fim a redempção integral do Homem. Não somos dogmáticos, sem religião; e nunca invocamos essa intolancia que foi o segredo venenoso dos que, batidos pelo progresso da intelligencia e feitos pelo espirito de rebeldia dos livres pensadores, fugiram a responsabilidade de seu apostolado e se pertenderam a inspiração dos espiritos e a conquista das corações pela mentira e pelo subterfugio que são os caracteristicos da infallibilidade.

As formulas scientificas, todos o sabem, representam expressões que entram no meio de resolver todas as questões d'uma mesma ordem.

Ora, as questões que se relacionam com a vida do mundo burguez podem ser classificadas em tres categorias distintas: mas correlativas: economica, moral e social. É a Anarchia que é o ponto de intersecção das esperanças de todos os desiludidos do passado e do presente, que é o limite máximo de todas as aspirações, a Anarchia é a formula simples, clara, e justa de todas as questões que as pesquisas de nosse tempo tiveram ao orden do dia. Somos anarquistas. Nosso methodo politico é da iniciativa individual, da acção directa. Nosso fim é a destruição do Estado, ome poder centralizador que para por cima das sociedades como uma espada de Damocles e que tem por base a justiça organizada que se chama justiça. Repudiamos, pois, a lei e o código porque este, na phrase correcta de Kropotkin, é a crystallização do passado e não foi elaborado para entrar o desenvolvimento do futuro.

Nossa categoia social é aquella que tende para o estabelecimento de numerosas nações, de livre accordo do accão mutua, da solidariedade, deca lei interna que garante os progressos das diferentes especies animales e que, no seio da humanidade, tem operado estas maravilhas com que

a sciencia, a industria e a arte glorificam o nosso seculo. Defendemos a igualdade, mas não se trata de uma igualdade ficticia, inconsequente e absurda de que falas osos adversarios intolericantes, cujos odiosos intuitos e feticheiros machucados tem por objecto nos apontarem ao mundo como uma seila de utopias que andam a andar com impossiveis. Sabemos perfeitamente que na natureza não ha duas coisas iguais e, como pretendemos viver a vida natural, repelimos a igualdade absoluta e pretendemos implantar apenas uma sociedade: esta harmonia depende da variedade dos componentes. «No mundo organico e social, fala Lillienfeld, o progresso é caracterizado por uma diferenciação cada vez maior das partes e por uma integração cada vez mais completa sob os tres pontos de vista physiologico, morphologico e sociologico.»

Economicamente são encontrados outra solução que não seja o consumismo, mas um consumismo factural onde occupassem esses factos como que tanto terrore infundem nos que ainda não se acostumaram com o criterio independente. Nossas tendências não se tornam continuas, por consequente, eaduzadas, microscopadas nesta expressão: «de cada um segundo as suas forças, à cada um segundo suas necessidades.»

Se os nossos adversarios demonstraram a inconsequencia das nossas doutrinas, se são subterfugios e não subtilezas, abandonando este immenso campo de aspirações laboriosas e calculadamente embriagadas para levarem a ducação as almas ingenuas, conseguiram provar, com o bom senso a razão e a logica, que as nossas idéas não poderão sair do dominio do pensamento para o campo da realidade pratica: confessaremos, sem hesitação e sem remangimentos, a nossa impotencia e a impossibilidade de nossa acção. E, cativos de termos cumprido um grande dever d'uma época em que as theorias se chocam e se contradizem, renunciamos ao nosso apostolado certos de que, levados pelo horror à impossibilidade, teriamos alguma coisa mais que satisfazer as funções vegetativas. Não nos venham porém falar nas excellencias do Estado, na missão catholica da Igreja, nas vantagens das associações beneficentes, e nem nos queiram enganar com as promessas d'uma nova forma governamental. A infancia deitas monstruosas instituições assignala nossos primitivos passos para o embastamento, para a escravidão e para o despotismo. A experiencia dos seculos tem sido longa e dolorosa! Estamos fatis de soffrir! E não desejamos, com a mesma persistencia, perpetuar o regime do roubo e do crime, da prostituição e da injustiça. Precisamos de ar, de luz, de justiça, de liberdade... e si poderemos satisfazer a essas imperprimidas necessidades quando, desentrançados das incertezas e alternativas do presente, tivermos inaugurado o império da ANARCHIA.

É nas cabeças e nos corações que as transformações tem que realizar-se antes de tenderem as mãos e de se mudarem em phenomenos historicos.

RIVER NÍTICA.

Nós e a imprensa

A imprensa, theoreticalmente, devia servir de facto conductor na senda do progresso, de meio de permuta intellectual entre os individuos e as massas, de propaganda das verdades e investigações que cada um em particular aporta no crystal da sua intelligencia.

Não se trata, porém, em afirmar que a imprensa figura como pedestal dos caracteres, como acacia de vicio e como tremulo que alista a marcha da sociedade.

D'ouso procede tão extranho phenomeno facil é a demonstração de sua oçiosidade. A differença capital, irreductivel, no modo de apreciar a imprensa está no ponto de vista em que nos colocamos.

Como provam os factos, ella não se limita, na presente época, com outro fim senão o de fazer argucios, ganhar dinheiro, enganar. Com grito e artil e através de muito rapazi à casa do povo, caca-se em bem do interesse da commuidade. Quem tem que produzir quantias grandes, vende-se os interessados compellidos a sacrificarem a bolsa ou a vida, isto é, a saltarem a maquia exigida ou se verem expostos ao descrédito e ao abalo.

Só se precisa recordar exemplos? Qualquer dos assumptos que occupam intensamente a attenção publica da enxada, a casa incomparáveis defensas do povo, a alguns assaltos habitados, se qual muito ha a odiar a fúria e a astúcia com que evitam o clamor de «pega-ladrão».

Um jornal entre nós significa a intervenção de um agente lançado em todas as peripetias da vida social e individual; é uma especie de barreira em que se cobra o pedagio ou o direito ao transito a preços infindos.

Desde que os predicaes de sinceridade, interesse do espirito, coherencia, dedicação à causa publica não entram em equação, só resta explorar o lado mercantil, ao beneficio do bolso. E é que todos fazem.

A defesa do povo, da lei, do direito e da justiça são bellas hypobolias, que mancarem a realidade e que ainda cabem ao espirito do comércio, alheios aos segredos do officio.

Quiseraes vobros os jornalistas ou, antes, os commentarios da imprensa, descompensar conscienciosamente o programma que alardeiam, ficariam as moças e breve teriam de suspender a publicação. O povo é composto de analfabetos ou, se ha excepções, prefere se o genero actualizado, factalmente, grotescamente emocional: incutir-lhe outras goitas, preparar-lhe a educação excede à competencia de noveleiros profissionais. acções de lucros immediatos e momentos.

De sorte que o povo imprime a sua feição ao jornal, que, por sua vez, torna o partido que pode da justificação que representa. No fundo de todas as questões, tenha se a certeza d'isto, rende o leucorae sentido, a satisfação de fim reprovados e inalteráveis.

Em a configuração pratica e real do nosso jornalismo, que ha de durar enquanto se mantiverem entrelaçados os variados interesses que agitam a sociedade e enquanto prevalecerem

os mesmos habitos hereditarios, os mesmos principios de conduta, as opiniões correntes, etc. A mudança ou o desenvolvimento destes factores é tão difficil como seria o entranhamento de especies heterogeneas.

Que haja um jornal que proclame o nivelamento das verdades e a perseguição aos acoites e parias, a distribuição egualitaria das riquezas, a extinção da propriedade, o abstracção e a consagração de quaisquer ajudas religiosas, indubitavelmente se regerá a grita contra o treloçado campo. A autoridade declarada fora da lei e as represalias não se fazem esperar. Os apóstos de anarchia, apocriphos de immediato, se probo, assosado são os inimigos semes duras.

A perpetuacão e a cobardia, que formam a funda ou a base de todo espirito intolericante e snobismo, coactam a pocha contra o diabolico impudente a mais cruel vingança, como para evitar pelo horror e pela perspectiva do castigo que haja imitadores.

Entretanto, todos reconhecem no seu intimo que a actual sociedade encerra a tyrannia; todos veem que justiça, direito, distincção de grupos, regalias de posto e de tratamento tratam-se sempre, clamores e análogos tempos, tudo leva a escravidão, depois, infelicitar o maior numero em proveito de poucos.

Em qualquer conversa familiar cada individuo declara-se um pessimista, descrente da possibilidade de subtrahir ao seu tempo hereditario e a idea da realidade: ou de prolar o seu auxilio à obra da propria regeneração.

Em a sociedade em synthese, heperiora, intolericante, e snobismo factural, de um lado; obscuro, usurpação, rapinagem legalizada, pelo outro, ate que a morte possa terao a tão ardidas creações, que, além de tudo, trancam a possibilidade de renca de poder constante e regabefe na eternidade: por meio de crises e de respostas.

O trabalhador, o desiludido, o homem humilde e d'alto de livre tena, porém, ao seu alcance o meio de libertar-se do castigo geral ou, quando menos, de gozar das panas alegrias de ver compartilhadas as suas idéas e de retemporar-se em suas convicções. Ao paleo haver mais negro destino sem pelo supplicio para as victimas das desigualdades sociais do que o viver ao isolamento e ao abandono.

A lei de solidariedade entre companheiros de infortuna mitiga os agruras da vida, infunde alento e prepara os animos para a grande e infallivel destina.

Muitos pensadores d'ado um grande passo e prebaciono u seu dever inderredor: como, se não, n'algum centro de sua captação, o qual lha facilis remedios com caso de morte e o funeral quando morrem.

E por este modo de proceder que se tem privilegiado a desorganização, o despendio de forças, a dissidencia precoce e a absoluta steria do grande exercicio dos proletarios.

A tão anarchica organização de grupos, sem vinculo de nenhuma especie de programma mais transcendente, alheios a vantagens basicas e secundarias, é uma das les-

Figura 6 - Exemplo dos modelos de diagramação dos jornais operários. Jornal O Novo Rumo (1906).

Estes exemplos podem evidenciar ainda mais o caráter transitório da produção jornalística do operariado brasileiro. Como pôde-se perceber, por se tratarem de veículos de propaganda e agitação sindical, esses jornais não dispunham de recursos suficientes para garantir um espaço fixo e habitual para a publicação de imagens, nem para investirem em recursos estilísticos para melhorar a aparência do jornal. Talvez, nem pensavam nesse aspecto; imagens e recursos gráficos raramente eram vistos em meio aos textos longos e de letras minúsculas que ocupavam todo o espaço disponível nas folhas de tamanho A3. O que era importante para esses militantes era a propaganda pela palavra escrita, a informação através de uma narrativa densa a mobilização das condições precárias enfrentadas pelos trabalhadores dentro dos locais de trabalho e no dia a dia, para a mobilização, ocupação dos espaços urbanos e luta contra a classe dominante¹⁵⁷.

Para a autora Laura Antunes, analisar a imprensa operária, tomando como paralelo a imprensa diária, mercantilista, evidencia a força desta imprensa na articulação de propostas e projetos elaborados pela cultura letrada dominante, sua capacidade para absorver demandas e mobilizar aspirações dos habitantes da cidade. Ao mesmo tempo, essa imprensa reafirma os lugares legítimos para a crítica e resistência alternativa a ela, presente nos jornais operários.

Sendo assim, estes periódicos confeccionados por trabalhadores tornam-se mais importantes quando pensamos quais foram as alternativas propostas pelos redatores na luta destes para ganhar espaços privilegiados na cultura letrada das grandes cidades¹⁵⁸. Não se trata apenas de jornais feitos por trabalhadores, para trabalhadores apenas. O seu espectro era muito maior, atingindo outras regiões das cidades.

Não é possível delimitar os leitores desses periódicos apenas àqueles trabalhadores a quem se dirigiam de modo mais direto e enfático. Não dá também para supor que o conjunto dos trabalhadores de um mesmo ofício ou categoria profissional se identificasse automaticamente com o seu órgão de classe – ainda que eles fossem o público alvo das investidas dos redatores – que procuravam se constituir como intermediários entre estes e a sociedade mais ampla. É possível observar indícios de dificuldades neste sentido, dada a frequência com que os jornais alteram e ampliam conteúdos, cobram mais união ou buscam estratégias para ampliar e/ou manter leitores¹⁵⁹.

¹⁵⁷ PEIXOTO, Maitê. A partilha da experiência visual vivenciada nas páginas do jornal A Plebe. **Revista Latino-Americana de História**. Vol.2, nº7. Setembro de 2013. Pg. 318.

¹⁵⁸ MACIEL, Laura Antunes. *Op. cit.* Pg. 117.

¹⁵⁹ *Id ibid.* *Op. cit.* Pg. 124.

Nas próximas páginas, trataremos de estudar as estratégias tomadas pelos redatores do jornal *A Terra Livre*, em sua luta para dinamizar a leitura de suas páginas pelo seu público, sobretudo os trabalhadores. Várias alternativas são sugeridas e colocadas em prática, sempre com o objetivo de trazer um maior número de leitores, e, por consequência, o número de financiadores das próximas edições do jornal. Todas estas estratégias serão descritas nas próximas páginas.

2.3 O Jornal *A Terra Livre*: estratégias de impressão e circulação

Para realizarmos esta análise devemos, primeiramente, separar os conteúdos do jornal; analisar, ponto a ponto, cada atributo que compõe a essência do periódico. O nome do jornal, títulos, colunas específicas, o expediente, tudo pode ser analisado com o objetivo de mapear¹⁶⁰ o impresso, tratando o mesmo como se este fosse um dispositivo.

Chamaremos de *dispositivo*, a conceituação criada pelo pesquisador Maurice Mouillaud para designar “*os lugares materiais ou imateriais nos quais se inscrevem os textos (despachos de agência, jornais, livro, rádio, televisão, etc.)*”¹⁶¹. O dispositivo tem uma forma que é sua especificidade, em particular, um modo de estruturação do espaço e do tempo. Cada dispositivo possui um conjunto de atributos que o caracteriza e o diferencia dos outros dispositivos; um jornal tem sua própria forma de escrita e conteúdo, e é essa sua forma específica que o difere dos outros jornais, sejam estes contemporâneos ou não.

Tomaremos como ponto de partida a análise do dispositivo, jornal *A Terra Livre*, dividindo-o entre uma descrição do jornal em sua materialidade de papel, seu formato, sua diagramação, etc., tomando esta primeira parte como *suporte*¹⁶², sob uma perspectiva, percebida pelo autor Roger Chartier, que a melhor compreensão de uma análise sobre o objeto de leitura é também, debruçando-se sobre a análise do suporte onde o texto está inserido¹⁶³.

Num segundo momento trataremos de analisar os *conteúdos*, isto é, as principais colunas e assuntos que foram escritos pelos redatores do jornal e que fizeram parte da trajetória de

¹⁶⁰ MOUILLIAUD, Maurice. Da forma ao sentido. In: MOUILLIAUD, Maurice; PORTO, Sérgio Dayrell (org.). **O jornal: da forma ao sentido**. 3ª ed. Brasília: Ed. Universidade de Brasília, 2012.

¹⁶¹ *Id ibid. Da forma ao sentido. Op. cit.* Pg. 52;

¹⁶² Essa denominação é sugerida por Maurice Mauillaud como padrão de análise de jornais diários pelo mundo. Tomaremos também essa organização proposta. Cf. *Id ibid. Op. cit.* Pg. 47.

¹⁶³ Chartier nos ensina: [...] que não existe texto fora do suporte que permite sua leitura (ou da escuta), fora da circunstância na qual é lido (ou ouvido). Portanto, os textos não podem ser estudados à parte de seu suporte e de seu contexto de leitura. Cf. CHARTIER, Roger; e CAVALLLO, Guglielmo. (Org.) **História da leitura no mundo ocidental**. Vol. 1. São Paulo: Ática, 1998. (Coleção Múltiplas Escritas).

publicação do jornal em estudo. A união destes dois recursos – suporte e conteúdo – temos a totalização do que é chamado de dispositivo.

2.3.1 Suporte



Figura 7 - Modelo de uma edição do Jornal A Terra Livre em 1916.

Na figura temos um exemplar do jornal *A Terra Livre*. Esta edição data de 17 de fevereiro de 1906; é seu primeiro ano de publicação, tendo iniciado suas atividades em 01 de dezembro de 1905, logo após o fim da publicação do jornal *O Amigo do Povo*¹⁶⁴.

Em um primeiro momento o jornal era lançado quinzenalmente. Apesar de inúmeras tentativas de lançá-lo semanalmente, esse fato apenas pôde ser concretizado com a união de forças dos grupos de propaganda anarquista *A Terra Livre*, situado em São Paulo, e o grupo *Novo Rumo*, situado no Rio de Janeiro, possuidor também de um jornal anarquista, homônimo, e que cessara suas publicações devido a problemas financeiros.

O jornal contava com uma tiragem média de 3000 exemplares; esse número pôde ser extraído pela pesquisa nas prestações de contas divulgadas sempre ao fim do jornal com o nome “Munições Para a Terra Livre”¹⁶⁵. Na edição número 09, de 15 de maio de 1906, há esta prestação de contas das duas edições lançadas naquele determinado mês: uma em ocasião das comemorações do Primeiro de Maio e outra lançada na segunda quinzena do mês, como era feito normalmente. Na edição comemorativa, o jornal saía com uma tiragem de 4000 exemplares, a um custo de 118\$000 réis totais¹⁶⁶. Na segunda edição do mês, os custos de produção foram 80\$000 réis totais, para uma tiragem de 3000 exemplares. Para um jornal operário era uma tiragem significativa, bastante aproximada dos jornais comerciais que circulavam na capital paulista naquele momento. Claro, uma tiragem significativa como esta tinha um objetivo conciso: chegar ao maior número de operários possível em todo o território nacional e até no exterior.

Nesta mesma edição, há um editorial onde os redatores expõem à classe operária o desejo de publicarem o jornal semanalmente. O editorial acaba nos revelando detalhes importantes sobre o expediente do jornal e as formas de organização da parte administrativa para que o periódico pudesse sair da melhor forma possível, dado às dificuldades em levantar os recursos para a impressão e circulação do mesmo. Os redatores faziam a questão absoluta de relatar que o periódico não era uma empresa comercial, e como tal, dependia da doação financeira dos trabalhadores para sobreviver. No editorial temos as pistas de como o jornal era organizado:

¹⁶⁴ Logo no primeiro número, Neno Vasco, o principal redator do periódico já anunciava o objetivo daquela folha: “O periódico que lhes apresentamos, vem defender as ideias que temos exposto no extinto *Amigo do Povo* e na revista *Aurora* e que não podemos repetir aqui miudamente. (...) Somos socialistas anarquistas. (...) Tomamos parte activa(sic) do movimento operário. O isolamento levar-nos-ia à esterilidade, ou reduziria o anarquismo a um simples movimento político, da extrema liberal a um torneio filosófico de diletantes em passeio pelos campos floridos da teoria”. Cf. **A Terra Livre**. Ed nº 1. Dezembro de 1905.

¹⁶⁵ Cf. **A Terra Livre**. Ed nº 2,3,4,5 de 1906.

¹⁶⁶ **A Terra Livre**. Ed. nº 9. Maio de 1906.

Esta pequena folha não é uma empresa mercantil ou jornalística, não é um instrumento de especulação individual ou um repositório de pequeninas vaidades. (...) Os camaradas sabem que este jornal vive das assinaturas e sobretudo da subscrição voluntária; não tem outros recursos. Para viver precisamos do dinheiro bastante para o papel, a impressão, a composição, uma pequena quantia para a renovação do tipo e o correio. (...) As despesas poderemos talvez fixá-las em 90\$000 por número. Serão, portanto, 360\$000 réis por mês para uma publicação semanal do jornal. Esperamos poder contar convosco.¹⁶⁷

Seguindo o raciocínio desenvolvido pelos redatores, e tomando como ponto de partida toda a série de gastos em cada edição durante o primeiro ano de publicação¹⁶⁸, podemos enumerar os gastos particulares que fazem parte de todo o processo de produção do jornal. Segundo os dados coletados pela prestação de contas, as despesas principais, em média, para a impressão do jornal eram:

DESCRIÇÃO DAS DESPESAS	VALOR
Impressão	20\$000
Papel	10\$000
Composição	50\$000
Renovação dos tipos	5\$000
Gastos com o correio	15\$000
TOTAL	100\$000

Tabela 1 – Descrição das despesas para a impressão de uma edição do jornal *A Terra Livre*

Pelo que se pôde perceber, os gastos variavam de acordo com o número de edições impressas e às variações dos preços do papel vendido no Brasil e nos gastos com a composição¹⁶⁹. Sobre o comércio do papel, Arthur Vitorino observa que as tipografias tinham muitas dificuldades em fixar o preço do papel, tendo em vista as dificuldades de importação do

¹⁶⁷ Publicação semanal de “A Terra Livre”. Cf. **A Terra Livre**. Ed. nº 9. Maio de 1906.

¹⁶⁸ As informações mais precisas sobre a vida econômica quando se refere a tiragem, valores gastos em cada produção, doações coletadas são encontrados mais comumente nas páginas do primeiro ano de publicação da folha. Nos outros anos, com a mudança na direção administrativa, as informações foram ficando mais esparsas até desaparecem por completo no último ano de publicação.

¹⁶⁹ Sobre este ponto não sabemos se os gastos com a tipografia eram pagos a tipógrafos contratados ou ao próprio Edgard Leuenroth, nessa época administrador do jornal e tipógrafo na oficina do Correio Paulistano, no qual fora demitido por conta de suas ideologias anarquistas. Como já descrito no primeiro capítulo, era sabido que Leuenroth havia comprado um prensa mecânica e a levado, supostamente, ao endereço no qual se residia a redação do Jornal A Terra Livre. Cf. CRUZ, Heloisa Faria. *Op. cit.* Pg. 90.

papel em branco impostas pelo governo brasileiro. O autor relata as principais dificuldades para se levantar os custos de produção de um jornal no Brasil:

Em relação ao custos de produção, a taxa aduaneira cobrada no Brasil para os papeis impressos era inferior aos papeis em branco, o que, naturalmente, encarecia a produção nacional de impressos, e estimulava o consumidor local a importar impressões mais baratas e esteticamente melhor acabadas das gráficas estrangeiras.¹⁷⁰

Sendo assim, a impressão do periódico sempre era uma tarefa incerta com relação aos custos de produção do mesmo. Mesmos os redatores expondo a tentativa de fixar um valor mínimo para a impressão (90\$000 réis), raramente essa quantia fechava nos caixas da administração. Na tabela 2, exposta abaixo, o leitor pode perceber a variação dos custos de produção para cada jornal, durante o primeiro ano de publicação. Em poucas edições os valores gastos aproximaram-se do teto sugerido pelos redatores. Obviamente, a tarefa se convertia num esforço maior para coletar doações em prol do impresso. Como em muitos casos os valores coletados não correspondiam às expectativas dos redatores, acabava-se resultando em déficits ao fechamento da edição e comprometia a saúde financeira do jornal. Os valores estão expostos abaixo:

EDIÇÃO	DESPESAS GERAIS
1	120\$800
2	147\$300
3	90\$000
4	90\$000
5	114\$500
6	89\$170
7	89\$170
8	113\$900
9	113\$900
10	95\$000
11	95\$000
12	105\$250
13	105\$250
14	134\$800
15	98\$600
16	103\$000
17	103\$500

¹⁷⁰ VITORINO, Arthur. *Op. cit.* Pg. 44.

18	100\$000
19	103\$000
20	102\$000
21	107\$850
22	107\$850
23	123\$100
24	120\$400
TOTAL ANUAL	2:573\$340

Tabela 2 Despesas anuais para impressão do jornal *A Terra Livre* (Ano 1 – 1906)

Se tomarmos em consideração a quantia doada ao longo deste primeiro ano, o leitor poderá perceber que o déficit é bastante acentuado. Mas uma outra análise tende a suavizar os números, pois a prestação de contas em cada edição tratava sempre do fluxo de caixa da administração, isto é, a relação entre entrada de doações, por meio da subscrição voluntária e a saída de dinheiro para cobrir despesas atrasadas e impressão e circulação da folha naquela dada edição. Se considerarmos a análise do fluxo de caixa, edição por edição, a situação do jornal tende a melhorar, mas não desconsidera ainda o rombo na passagem de um ano para o outro. Na tabela abaixo podemos observar o regime de doações:

EDIÇÃO	SUBSCRIÇÕES
1	70\$100
2	138\$900
3	46\$500
4	46\$950
5	95\$300
6	99\$670
7	99\$670
8	105\$650
9	105\$650
10	58\$000
11	58\$000
12	78\$800
13	78\$800
14	110\$600
15	98\$100
16	110\$700
17	98\$000
18	140\$800
19	40\$300
20	98\$300

21	98\$300
22	85\$800
23	89\$800
24	83\$900
TOTAL ANUAL	2:137\$040

Tabela 3 – Relação das doações recebidas pelo jornal *A Terra Livre* (Ano 1 – 1906)

Para melhor ilustrar a saúde financeira do jornal, mostramos um gráfico sobre a trajetória deste fluxo de caixa enfrentado pela administração durante o primeiro ano de publicação do impresso. Pode-se perceber, através de cada coluna do gráfico a trajetória em ascensão das despesas e a luta por mais doações para saldar os gastos deixados pelas impressões de cada edição. Vejamos:



Gráfico 1 - Relação entre receitas e despesas durante o primeiro ano de publicação do Jornal *A Terra Livre* (1906)

Uma vez descrito a situação dos redatores e suas dificuldades para imprimir cada edição do jornal, passamos para a parte gráfica do periódico. Na imagem do início do tópico deste capítulo, temos um exemplar da edição d'*A Terra Livre*. Como pode-se perceber, a publicação segue perfeitamente o modelo dos jornais operários e suburbanos que circulavam nas grandes cidades naquele presente momento: quatro páginas e tamanho denominado ofício (32,5 cm de largura por página, 65 cm de largura total).

No que tange à diagramação, o jornal apresenta-se uma diagramação linear e verticalizada, conforme os apontamentos do autor Eduardo Freire Nunes¹⁷¹: realizada em quatro colunas; modo de leitura linear, onde os textos se iniciam pela coluna mais à esquerda e se encaminhando até o fim da página, à direita; o jornal não utilizaria o recurso de imagens, inicialmente, dado o custo alto de impressão dessas imagens, segundo a autora Maitê Peixoto¹⁷².

Durante todo o tempo de circulação do periódico ele apresentou-se dessa forma citada acima. Em alguns números se acrescentou uma charge, feita em litografia, em outros aumentou-se tamanho das colunas e, por conseguinte, o tamanho da largura do jornal. No tocante, a estrutura de diagramação do jornal se manteria praticamente intacta com o passar dos anos de publicação, tendo poucos recursos de design a serem considerados; o que preocupava aos redatores era a disposição da maior quantidade de artigos que coubesse no espaço de impressão das páginas do jornal, todos estes dedicados ou à propaganda libertária ou à denúncia das péssimas condições enfrentadas pelos trabalhadores em seu cotidiano nas fábricas do Brasil; o design era preocupação da “grande imprensa”.

Nesta próxima figura procuramos mostrar como era disposto os atributos que constituíam a diagramação do jornal. É importante observar como a estatização dos elementos era marca importante de quase todos os jornais operários e suburbanos da época, dado às limitações operacionais que os tipógrafos e compositores enfrentavam na época. Tal situação foi-se alterando com o passar dos anos e dinamizando o design de todos os jornais, inclusive os jornais dos trabalhadores.

¹⁷¹ FREIRE, Eduardo Nunes. *Op. cit.* Pg. 296.

¹⁷² PEIXOTO, Maitê. *Op. cit.* Pg. 318.

Diagramação linear:
Início do processo de
leitura do jornal



Caminho de leitura
das páginas
do jornal



Fim do processo de leitura da página

Não é alterações que forçam o leitor a perceber
a trajetória de leitura idealizada pelo diagramador.
A leitura, assim como em um livro, é linear, da esquerda
para a direita, de cima para baixo.

Jornal A Terra Livre (1906)
Figura 8 - Processo de leitura do jornal A Terra Livre (1906)

- O nome do jornal



Realizar uma análise sobre o nome do jornal é uma tarefa complicada porque trata-se da apropriação das pessoas sobre os signos culturais envolvidos pela leitura de um jornal. Essa apropriação constrói o “território” no qual o jornal quer se estabelecer: na leitura das pessoas comuns nas ruas das cidades, e em outros locais do estado e do país. É parte da construção cultural dos leitores¹⁷³.

O nome é uma identidade; é o primeiro enunciado que um jornal oferece à visão no espaço e no tempo. Marca a diferença entre os outros jornais, uma posição militante, contra hegemônica, no qual o mesmo não quer se reduzir. Segundo o autor Maurice Mouillaud, o nome de um jornal sempre se refere a um duplo paradigma: no espaço, onde ele remete aos jornais que são seus concorrentes; no tempo, aos outros números da coleção¹⁷⁴. O nome de jornal preenche uma dupla função, aquela de designar, ao mesmo tempo, uma alteridade e uma identidade.

Em se tratando do jornal *A Terra Livre*, o nome passou a ser sinônimo de crítica política e militância dos operários. Marcava uma trincheira crítica quando se auto intitulava “periódico anarquista” ou “o homem livre sobre a terra livre”, ou “contra todas as mentiras, contra todas as injustiças”. Também marcava uma trincheira simbólica quando o nome era reproduzido no topo da primeira página, o que se pode considerar como grau zero da tipografia¹⁷⁵. O logotipo e a referência, opostos à reprodução normal do nome, opõem o suporte do papel ao território do jornal, abrem, assim, o seu território simbólico. Quem o lê, sabe do que está se tratando; o

¹⁷³ Aqui faço outra análise desta apropriação cultural citando Roger Chartier. O autor mostra que os mecanismos e as estruturas que determinam as relações sociais são um produto sempre instável e conflituoso das relações instauradas entre as percepções das pessoas sobre o mundo social. Então, temos que a cultura é a totalidade das relações que nela se encontram, as práticas que exprimem as representações do mundo. E os textos, a leitura, sendo elementos indissociáveis da cultura, pois objeto e prática desta, expressam-se de forma instável e conflituosa, sempre misturadas a outros usos sociais, em um processo de apropriação constante. Cf. CHARTIER, Roger. **Leituras e leitores na França do Antigo Regime**. Tradução Álvaro Lorencini. São Paulo: UNESP, 2003.

¹⁷⁴ MOUILLIAUD, Maurice. **A crítica do acontecimento ou o fato em questão**. *Op. cit.* Pg. 104.

¹⁷⁵ *Id ibid.* **A crítica do acontecimento ou o fato em questão**. *Op. cit.* Pg. 104.

logotipo também se transforma em um símbolo, que em suma, representava um sinônimo da cultura anarquista. Todos estes requisitos fazem do nome *A Terra Livre* um diferencial entre os outros jornais, torna-o único.

O logotipo pouco se alterou como o passar dos anos, permaneceu intacto como uma referência: era importante para o público leitor, ou até para quem desconhecesse o jornal, reconhecê-lo nos locais de venda em detrimento de outros exemplares, de outras coleções. Talvez o logotipo seria o único atributo de diferenciação e design devidamente reconhecidos no jornal. Sendo assim, sua permanência era uma posição simbólica, de militância, assim como os textos apresentados.

Para além da invariância do nome, o que se pode observar fora a mudança dos subtítulos que acompanhavam o nome do jornal, e das alterações dos endereços das redações e da coleção do periódico. No primeiro ano o nome não apresentava um subtítulo, apenas uma frase, como um slogan, que acompanharia durante quase todo o tempo de publicação: “o homem livre sobre a terra livre”, de autoria do escritor Goethe. A frase ecoaria como uma abertura ao diálogo com o leitor; mostrava a ele o posicionamento libertário no qual o jornal se inseria: todo homem deveria ser livre, numa terra sem exploração. Com a frase-slogan o nome do jornal se transformava em um envelope, pronto a ser aberto e descoberto pelo leitor.

Com o andamento das edições, os redatores passaram a se posicionar mais veemente ao público leitor, era necessário que o “envelope” contivesse uma mensagem militante; para isso os redatores acrescentaram ao nome de jornal o subtítulo “periódico anarquista”, talvez pelo desejo de diferenciação dos outros jornais que circulavam pela cidade. Aquele nome de jornal trazia um código libertário com ele. O periódico ainda traria subtítulos como “hebdomadário” para se referir a publicação semanal, fato importantíssimo para a imprensa operária, pois não era qualquer jornal suburbano que atingia uma circulação semanal; era uma vitória dos libertários anarquistas; ou “contra todas as mentiras, contra todas as injustiças” para enfatizar ainda mais o caráter de denúncia da realidade dos trabalhadores no Brasil e contra as frequentes denúncias das classes hegemônicas que acusavam o jornal de atentar contra a ordem pública. Abaixo o leitor pode observar a evolução do nome do jornal e dos subtítulos. Junto com as

informações de endereço da redação, data de publicação e número da coleção, compunham o envelope de apresentação do jornal ao leitor:



Ano 1 (1906)



Ano 2 (1907)



Ano 3 (1908)



Ano 4 (1910)

Figura 9 - Evolução do nome do jornal *A Terra Livre* ao passar dos anos

- **O uso de imagens**

O uso de imagens no jornal *A Terra Livre* se deu sobretudo em forma de charges. A autora Caroline Poletto, em seu trabalho sobre o uso de charges em publicações anarquistas e anticlericais no Brasil e na Argentina, traça um comentário muito pertinente sobre o uso das charges em jornais e a percepção do leitor ao interpretar tais imagens. Para ela:

A charge informa e opina sobre o seu tema por meio da representação de um "mundo às avessas", promovendo, através da própria inversão de valores sociais, uma visão mais nítida da realidade. A charge, portanto, cumpre um ritual ambivalente, porque conjuga elementos díspares, uma vez que aponta a ordem instruída pelo reverso de sua aparência séria. De forma que, é tendo consciência de que as charges são ambivalentes e díspares, que se pode analisá-las sem que haja prejuízo da sua intenção real.¹⁷⁶

As imagens veiculadas em um jornal operário geralmente funcionavam abrindo espaços de sociabilidade e interação que até então inexistiam na vida dos seus leitores. Em geral, discurso falado e impresso constituíam os principais mecanismos de comunicação e troca de ideias; a imagem é, portanto, um elemento novo. Em meio às disputas políticas e ideológicas, se almejava o alcance de unidades associativas do movimento; era preciso criar vínculos entre os sujeitos inseridos na dinâmica do trabalho, e as ilustrações e charges são colocadas nos jornais também com essa função, ainda que geralmente seu conjunto simbólico fosse capaz de ultrapassar as barreiras sindicais¹⁷⁷.

No jornal *A Terra Livre*, não acontecia diferente: o uso de charges representava uma nova forma de apresentação de um conteúdo onde o leitor não era obrigado a saber ler - ou ter discernimento sobre a língua portuguesa, fato contundente se considerarmos que grande parcela da população trabalhadora do estado de São Paulo era imigrante no início do século XX - para entender o objetivo do discurso impresso nas páginas do jornal. Abria uma nova forma de comunicação e interação entre o redator e o público leitor. As ilustrações, sobretudo, compunham “*um substrato sensível que propiciava não só as reflexões coletivas, o compartilhamento de ideias semelhantes, mas ao contrário, possibilitava as trocas de reflexões particulares por parte do leitor*”¹⁷⁸.

¹⁷⁶ POLLETO, Caroline. **Tão perto e tan lejos?** Caricaturas e contos na imprensa libertária e anticlerical de Porto Alegre e Buenos Aires (1897-1916). Dissertação de mestrado. Universidade do Vale do Rio dos Sinos. 2011.

¹⁷⁷ PEIXOTO, Maitê. *Op. cit.* Pg. 319.

¹⁷⁸ *Id ibid.* *Op. cit.* Pg. 320.

As imagens geralmente eram impressas utilizando o processo de litografia. Esse processo, por ser de feitura mais simples e menos dispendiosa, seria o maior artifício para a publicação das charges em absolutamente todo jornal operário no Brasil. Dificilmente algum outro jornal utilizaria outros recursos como a xilogravura, por exemplo. Maitê Peixoto evidencia a importância da litografia para o desenvolvimento do processo de composição de um jornal libertário:

A litografia era uma técnica que possibilitava a publicação de imagens nos jornais com baixo custo e fácil reprodução, sem a necessidade de manter uma grande equipe de trabalho. Levando-se em consideração a repressão feroz a essas associações (de trabalhadores), sobretudo através da destruição das sedes e de suas máquinas, os poucos recursos que detinham e a necessidade de manterem a circulação do periódico ao menos entre aqueles que contribuíssem financeiramente, esses fatores certamente influenciaram na escolha da técnica de produção e reprodução dessas imagens.¹⁷⁹

Em se tratando do objeto de estudo, o uso da litografia foi bastante esparso e não tomou muitas edições durante o seu tempo de publicação, talvez pelo fato dos custos de produção citados acima pela pesquisadora. Somente nos primeiros anos de publicação, sobretudo no primeiro, que observamos a ocorrência de charges.

Quase sempre as imagens envolviam acontecimentos mundiais (a chacina em uma mina de carvão na França, os acontecimentos na Rússia que antecederam a Revolução, etc.). As litografias eram “importadas” de outros jornais pelo mundo, sobretudo o jornal libertário francês *Les Temps Nouveaux*¹⁸⁰, grande fonte de notícias e inspiração do jornal *A Terra Livre*, traduzindo-se apenas as descrições informativas para a língua natal. É possível que os moldes para a cópia da técnica fossem trazidos para o Brasil juntamente com os exemplares do jornal. Tal movimentação era muito comum por parte dos jornais libertários ao redor do mundo e pôde ser percebida pela autora Caroline Pelatto, quando esta estudava a repetição das mesmas

¹⁷⁹ PEIXOTO, Maitê. *Op. cit.* Pg. 318.

¹⁸⁰ O jornal *Les Temps Nouveaux*, foi uma publicação anarquista surgida em Paris em 1895 e fundada pelo libertário e teórico anarquista Jean Grave. Contou uma tiragem inicial de 18 mil exemplares e logo se transformou numa das maiores publicações do movimento anarquista no mundo contando com artigos de grandes pensadores do movimento como Élisée Reclus, Piotr Kropotkine, Paul Delesalle, Errico Malatesta, entre outros. Tamanha era sua influência que os artigos escritos em suas páginas logo eram traduzidos em diversas línguas e espalhados por outros jornais libertários por todo o globo. No caso do jornal *A Terra Livre*, diversos artigos teóricos ou de caráter denunciativo foram traduzidos por Neno Vasco e impressos durante toda a vida do periódico.

charges em diferentes jornais pelo mundo e em ocasiões distintas¹⁸¹. Algumas charges publicadas pelo jornal *A Terra Livre* podem ser conferidas nesta próxima figura:



Edição nº 9 (1906)



Edição nº 11 (1906)



Edição nº 12 (1906)



Edição nº 29 (1907)

Figura 10 - Algumas charges expostas no jornal *A Terra Livre*

¹⁸¹ CAROLINE, Polleto. *Op. cit.*

2.3.2. Conteúdo

- **Os títulos dos artigos**

O primeiro ponto a ser tratado ao analisar os conteúdos de um jornal recai-se sobre os títulos dos artigos, as temáticas tratadas pelo jornal ao longo de uma mesma edição e em comparação com edições anteriores e posteriores. Os títulos são a marcação inicial da vida do jornal; ou, nas palavras de Maurice Mouillaud, são como uma inscrição, isto é, uma marca da articulação do jornal, a expressão de sua estrutura¹⁸².

Os títulos representam uma região-chave do jornal na medida em que articulam o caminho no qual o leitor percorre a leitura linear de uma página, em específico, e de página em página, até o término do jornal. E, em se tratando do jornal *A Terra Livre*, os títulos seguem uma estrutura fixa, como a de um livro, ordenando uma leitura estática dos conteúdos. Ainda para o autor Maurice Mouillaud, os títulos podem ser tratados como “títulos-referência” e sempre demandam um complemento, em nosso caso, sempre tem relação com a totalidade do artigo¹⁸³.

Num periódico os títulos sempre se referenciam aos artigos funcionando, efetivamente, como uma flecha, ordenando os caminhos onde o leitor deve percorrer nas páginas do jornal. São títulos de referência porque se relacionam e resumem o artigo; o leitor, através da leitura do título já sabe o que irá encontrar em sua leitura e, principalmente, como dialogar com as páginas do jornal.

A leitura dos títulos, assim como das colunas, referencia-se a uma narrativa do presente no qual está inserido o jornal e por isso as temáticas são um importante marco de uma história singular¹⁸⁴, construída a cada número lançado pelo jornal; e assim, construindo uma trajetória singular, marcando o movimento anarquista, de uma maneira restrita, e o próprio movimento operário como um todo, retratado em cada acontecimento relatado em um artigo, em cada discussão exposta por um redator, em cada denúncia dos desmandos dos patrões publicadas no jornal.

Os títulos são referência da história singular de um jornal e, em suma, remonta as trajetórias de cada homem e mulher envolvido na redação do periódico, e, num âmbito maior,

¹⁸² MOUILLAUD, Maurice. **O título e os títulos**. *Op. cit.* Pg. 115.

¹⁸³ *Id ibid.* **O título e os títulos**. *Op. cit.* Pg. 123.

¹⁸⁴ *Id ibid.* **O título e os títulos**. *Op. cit.* Pg. 132.

converte-se em uma continuidade direta entre a concepção de luta e ação direta presente no anarquismo e a própria concepção de cultura popular¹⁸⁵.

Os anarquistas pensam na ação política como uma atividade de articulação de diferentes frentes e modos de luta que o povo mesmo se dá. E o jornal, com seus títulos e artigos, é um dos modos de luta, um palco de conflitos, que canalizam o desejo dos anarquistas em transformar a educação libertária, através da leitura, como uma forma do povo tomar para si a sua própria cultura, num “fazer-se” que, no limite, delimitaria a própria consciência de classe, numa concepção brilhantemente estudada pelo autor E.P. Thompson¹⁸⁶.

Por alguns títulos publicados no jornal *A Terra Livre*, podemos observar essa preocupação dos libertários em tratar da movimentação política em torno dos espaços culturais e, em suma, marcando uma posição contra hegemônica em relação às movimentações realizadas pelos grandes jornais diários:

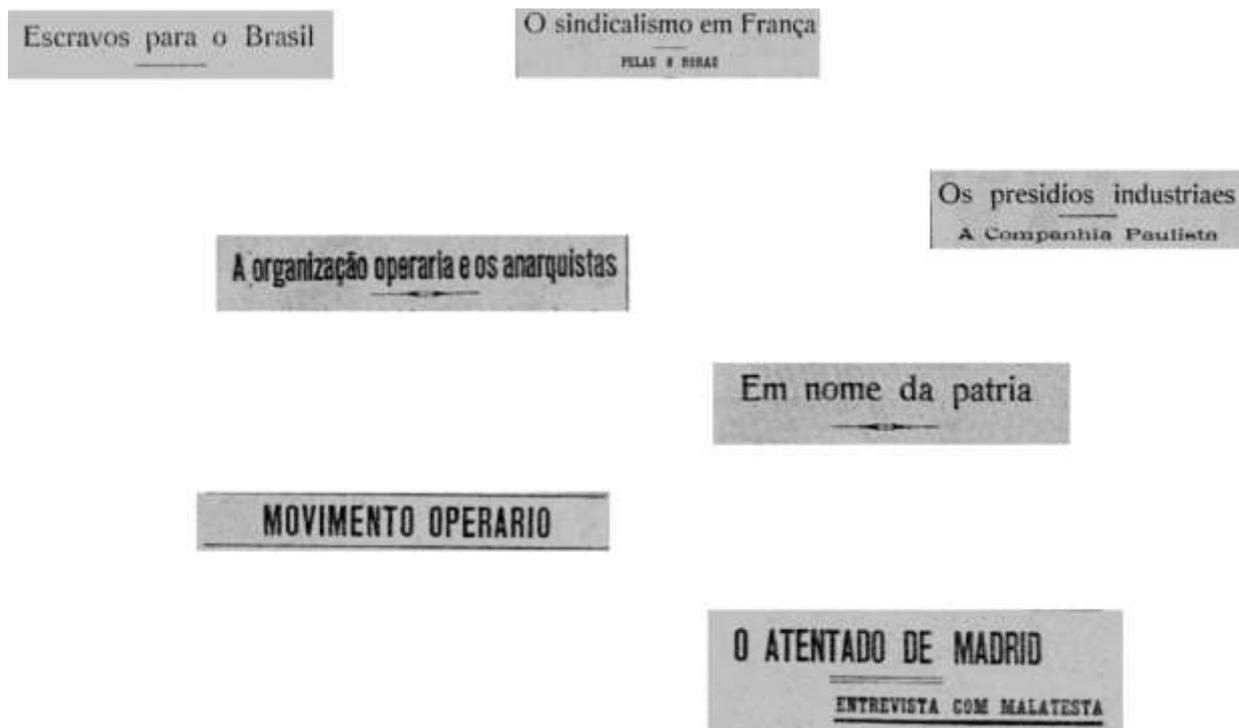


Figura 11 - Exemplos de alguns títulos de artigos publicados pelo jornal *A Terra Livre*

¹⁸⁵ MARTÍN-BARBERO, Jesús. *Op. cit.*. Pg. 33.

¹⁸⁶ THOMPSON, E.P. **A formação da classe operária**. Vol. 1: A árvore da liberdade. 6ª ed. São Paulo: Ed. Paz e Terra, 2011.

- **As principais colunas**

Durante todo o tempo de publicação do jornal *A Terra Livre*, o mesmo contou com algumas colunas fixas que se tornaram importantes instrumentos de informação. Estas colunas marcavam a forma como os redatores poderiam contribuir com o movimento operário, ora para realizar denúncias contra as fábricas que utilizavam da exploração da mão de obra como forma de lucro, ora para denunciar os desmandos de políticos e jornalistas contra a presença do povo em situações de ocupação dos espaços de sociabilidade dentro das cidades, ora para fomentar a organização operária em favor de seu posicionamento político.

Estas colunas demarcavam relações de luta pelos espaços culturais que atravessavam a estrutura do jornal e delimitavam o funcionamento de cada estrutura presente nestas colunas e sua relação com o seu conjunto¹⁸⁷. Em determinado momento a presença destas colunas marcavam um posicionamento explícito dos redatores mediante ao compromisso que o jornal detinha para com seus leitores. Sem a presença destas colunas, o jornal parecia “incompleto”.

Para uma melhor leitura crítica destas colunas, deve-se estar atento às condições materiais e aos processos colaborativos envolvidos no processo de escrita desta coluna. Para além disso, estas colunas, sendo um discurso jornalístico, é dirigida “*a uma pluralidade de leitores e de leituras, essa pluralidade pode ser considerada pelo menos como uma dupla recepção: pelo leitor cúmplice e pelos adversários.*”¹⁸⁸ Em nosso caso, torna-se um pouco difícil delimitarmos a recepção do jornal, tendo em vista o silêncio dos interlocutores com o passar do tempo.

Uma coluna de jornal, sobretudo uma coluna de opinião, articula-se com o contexto social fazendo referência (inevitavelmente seletiva) a eventos que se passam nesse contexto. Percebendo como essas seleções são realizadas, por um estudo do conteúdo destas colunas – e do jornal num âmbito mais generalista – conseguimos encontrar boa parte das lógicas e interações dos redatores com o público receptor¹⁸⁹. É na resposta dos redatores aos ataques realizados por pessoas, jornalistas e empresas que percebemos em quais espaços o jornal circulava e quais os públicos leitores, sejam trabalhadores ou adversários. A seguir, temos as principais colunas fixas publicadas no jornal e sua articulação com o movimento operário:

¹⁸⁷ BRAGA, José Luiz. Questões metodológicas na leitura de um jornal. In: MOUILLIAUD, Maurice; PORTO, Sérgio Dayrell (org.). **O jornal: da forma ao sentido**. Pg. 294.

¹⁸⁸ *Id ibid. Op. cit.* Pg. 296.

¹⁸⁹ *Id ibid Op. cit.* Pg. 300.

Do Brasil proletario

Esta foi a principal coluna do jornal, a única que sobreviveu a todos os anos de publicação e que possuía o maior fôlego de notícias. Tratava-se de uma coluna com o objetivo de mostrar as agitações dos trabalhadores pelo interior do estado de São Paulo, num primeiro momento, e, depois por todo o Brasil. É nesta coluna que podemos ver a real penetração do jornal nos trabalhadores do país; em algumas edições são publicados relatos que vêm de Minas Gerais, da Bahia, do Pará e Amazonas. Geralmente, as mobilizações são acompanhadas de denúncias dos patrões e gerentes e pedem providências e agitações por parte dos trabalhadores para botar fim aos desmandos capitalistas. Na coluna também mostra a organização dos trabalhadores em sindicatos de resistência em cada cidade e como os trabalhadores deveriam se organizar para adentrarem nestes sindicatos. É também desta coluna que vão aparecer os principais redatores do jornal, mostrando o protagonismo deles nas agitações em seus domicílios;

Os presídios industriaes

Outra coluna importante do jornal. Os “presídios industriais” mostram a realidade das fábricas e seu funcionamento interno, bem como, as diferentes formas de exploração da mão de obra, sobretudo a feminina e infantil. Nesta coluna os redatores procuram, através de denúncias anônimas de trabalhadores das fábricas, mostrar como é a real situação das condições sub-humanas das relações de trabalho no Brasil naquele momento. Essa coluna também foi importante, pois fora um dos primeiros lugares onde se mostrou a mobilização dos trabalhadores em favor da greve na Companhia Ferroviária São Paulo Railway (Santos-Jundiaí) e na Ferroviária Mogiana, que seria um dos grandes eventos de mobilização dos trabalhadores entre os anos de 1906-07. Nela também, pela primeira vez se iniciou a campanha pelo boicote dos produtos do moinho Matarazzo, campanha essa que se tornou um marco do boicote organizado promovido por trabalhadores.

MOVIMENTO OPERARIO

Essa coluna é um desdobramento da coluna “Do Brasil Proletário”, pois mostra as principais movimentações dos operários no sentido de sua organização. Como na outra coluna

não cabia tantas informações, esta foi criada apenas para mostrar as novas sociedades de resistência criadas pelo Brasil e como seria as formas de reunião, contribuição de fundos, eleição da mesa diretora, votação de estatutos, em suma, de todo processo de formação e organização dos sindicatos. Nesta coluna também, eram mostrados aqueles sindicatos que atentariam contra os desejos dos trabalhadores, alertando-os a resistirem às tentativas de impor alguma resolução que prejudicaria os mesmos. Um exemplo dessa ação, seria a organização da União dos Trabalhadores de Engenho de Dentro e a eleição do seu presidente, o trabalhador e jornalista Alberto Pinto Machado. Esta eleição fora muito criticada pela coluna que alegava que o presidente era um “reformista” e “politiqueiro”¹⁹⁰.

Girando pela cidade

Esta é uma coluna importante de crítica social. Demarcava a posição do jornal nas ruas da cidade ao relatar ao leitor os acontecimentos que envolvia alguns membros da cidade de São Paulo e do Rio de Janeiro. Para além disso, demarcava a condição de luta contra a tentativa das classes hegemônicas em controlar o espaço cultural das cidades. Nesta coluna eram criticadas as atitudes dos políticos, dos empresários e de outras pessoas que prejudicavam a vida comum dos trabalhadores, impondo a eles padrões de conduta, isolando-os em bairros longe do centro da cidade, aumentando a carestia na compra de produtos alimentícios, em suma, assuntos que envolviam o dia a dia da vida dos trabalhadores e que mereciam menção e crítica por parte dos redatores do jornal. Uma outra coluna de nome “Kaleidoscópio” iria substituir essa nos assuntos sobre a crítica social, mantendo o mesmo tom de denúncia e apontando soluções, em alguns casos, para os problemas das cidades e dos bairros onde residiam os trabalhadores.

Folheando a imprensa

Essa coluna relatava alguns assuntos que, ocasionalmente, apareciam em outros jornais e tinham relação direta com os trabalhadores. Os libertários sempre detinham um certo desprezo pela profissão do jornalista. Alegavam que o profissional se vendia ao capitalista e manipulava a informação para vender jornais; era um laçao do dono do jornal e quando este assunto era

¹⁹⁰ A Terra Livre. Ed nº 20. Nov. de 1906.

abordado, os libertários sempre faziam questão de dizer que estes não eram jornalistas¹⁹¹. Sabido disso, essa coluna era um espaço de crítica sobre a profissão jornalística e sobre as matérias veiculadas nos jornais diários e que atentavam contra os trabalhadores. Quase todos os jornais diários que circulavam em São Paulo e no Rio de Janeiro foram criticados em algum momento. Além do jornal como um todo ser criticado, jornalistas, colunistas, advogados, todos que escreviam matérias contra os operários eram duramente criticados. Porém, o espaço também era reservado para elogios quando a ocasião assim necessitasse. Em suma, era uma coluna que experimentava a crítica jornalística como forma de apreensão do formato de escrita do jornal em si.

Ecos das fazendas

Outra coluna de denúncia das duras condições enfrentadas pelos trabalhadores das grandes fazendas de café do interior de São Paulo. Como a maioria destes pequenos lavradores eram imigrantes, a grande temática seria pelas condições oferecidas ao imigrante quanto este saia de sua terra natal e as reais condições de trabalho aqui no Brasil. Em muitos momentos, as denúncias de trabalho análogo ao escravo, de exploração dos preços dos gêneros alimentícios, dos desmandos dos donos da fazenda em praticar atos de violência contra os colonos, das grandes jornadas de trabalho, entre outras coisas, fizeram parte das páginas desta coluna, se tornando uma vitrine para que outros imigrantes desistissem da tentativa de “ganhar a vida” nas fazendas do estado de São Paulo.

Cronica do Rio

Quando o jornal ainda era impresso na cidade de São Paulo, esta coluna se tornou uma das mais requisitadas, sobretudo no segundo ano de circulação da folha. Tratava-se de um espaço, geralmente escrito por *Frederico Bessa* ou *José Romero*, onde era mostrado os jogos políticos dos deputados, senadores e até do próprio presidente para assumir o controle das ações políticas do Estado brasileiro. Os redatores expunham as negociatas dos políticos, os jogos de sucessão, as tentativas de silenciar a imprensa operária e suburbana presentes na cidade do Rio, além de relatar as condições precárias dos bairros operários nos subúrbios e dos novos

¹⁹¹ A Terra Livre. Ed. nº 9. Maio de 1906.

aglomerados populacionais que surgiam nos morros entorno do centro político da cidade. Esta coluna é uma oportunidade interessante ao pesquisador para perceber as movimentações políticas e da sociedade carioca.

Crônica de S. Paulo

A partir do momento que a redação do jornal se mudou para o Rio de Janeiro, as pautas do periódico se voltaram para o cotidiano da capital carioca. Sendo assim, a coluna “Crônicas do Rio” deixara de aparecer, dando lugar a uma outra denominada “Crônica de São Paulo”, com um mesmo teor de informação da extinta, agora voltada à realidade da cidade de São Paulo. Em grande parte esta estratégia se deu em função ao grande número de leitores que ainda presentes em São Paulo que careciam de informações que não eram apresentadas nos grandes jornais diários, bem como as críticas às personalidades da vida paulistana.

Fabulas e parabras

Interessante coluna que fazia uso de parábolas e pequenas crônicas para desenvolver a teoria anarquista e deixá-la mais acessível ao grande público leitor que não estava tão imerso em grandes textos teóricos que eventualmente eram publicados na folha. A autora Cláudia Leal faz um breve comentário sobre a importância de textos, em prosa, para a educação libertária: *“sua função estava intimamente ligada à necessidade de composição de um texto bastante didático e, portanto, eficaz para a propaganda. Pretendia, em suma, alinhar literatura e propaganda”*¹⁹².

Registro d'entrada

Esta coluna tratava, como o próprio nome pode sugerir, da entrada de novas publicações anarquistas na biblioteca do jornal, bem como, o lançamento de novos jornais libertários, seja

¹⁹² LEAL. *Op. cit.* Pg. 109.

no Brasil, seja no exterior. Nesta coluna, pode-se perceber a evolução das publicações anarquistas e a forma como novos jornais iriam surgindo a cada edição, demonstrando a força que o Anarquismo detinha dentro das associações de trabalhadores pelo mundo.

Volta ao mundo

Esta última coluna nos mostra o movimento operário e das organizações trabalhadoras ao redor do mundo. Neste espaço também está exposto algum acontecimento político que possa afetar diretamente a vida do trabalhador no Brasil, como a iminência da Revolução na Rússia, os atentados aos reis da Espanha e Portugal, a organização dos trabalhadores na Confederação Geral do Trabalho francesa, as homenagens aos mártires de Chicago. O objetivo aqui é manter o leitor informado sobre os acontecimentos sob outras realidades daquelas que foram expostas nos grandes jornais e omitidas por algum motivo. Traz depoimentos de pessoas que observaram os acontecimentos e relataram sob uma ótica mais próxima ao trabalhador.

- **A escrita do jornal**

Deixamos para o final, mas não menos importante, a análise sobre a forma de escrita do jornal *A Terra Livre* e sua tentativa de diferenciação em relação a outros jornais contemporâneos a ele. Neno Vasco, principal idealizador e redator do periódico, sempre procurou desenvolver uma forma mais precisa de escrita ortográfica, buscando pela simplificação e pela sua autonomia no processo de escrita do jornal¹⁹³.

Apaixonado pela língua portuguesa e incomodado pelas normas de escritas em vigor pelo governo brasileiro que prejudicariam a ortografia mais fluida do idioma, Neno Vasco resolve abrir uma série de artigos propondo uma mudança na forma de escrita da língua portuguesa. Achava que os acadêmicos se preocupavam demais em “florear” a escrita e esquecer das inovações tecnológicas que assolavam a sociedade da época. Neno Vasco ainda achava que as inovações poderiam culminar numa nova forma de escrita, mais simplificada, que facilitaria o cotidiano de leitura das pessoas e contribuiria para um maior acesso do povo à cultura letrada brasileira.

Impulsionado por esse desejo de mudança, ele escreve um artigo, publicado na edição número 30, de abril de 1907, sobre a nova forma de escrita que ele adotaria dali para frente:

¹⁹³ SAMIS, *Op. cit.* Pg. 108.

Como transição para uma ortografia lógica em que cada letra tenha um só valor, a qual pouparia tanto tempo, na aquisição de um simples instrumento de transmitir o pensamento, mas que não empregamos já, sobretudo para não desviar a atenção do escopo essencial que nos preocupa, - nós adoptamos uma simplificação razoável e que tem a vantagem de se apoiar, com o rigor possível às nossas circunstâncias, num dicionário (o de Candido Figueiredo¹⁹⁴).¹⁹⁵

A partir desta data, os artigos publicados no jornal passariam a vir com mudanças ortográficas radicais, com o objetivo de simplificação e melhor transmissão dos ideais propostos pelos redatores. Exemplos como: *relijião*¹⁹⁶, *ezército*¹⁹⁷, *boicotajem*¹⁹⁸, passariam a ser cada vez mais recorrentes na redação dos artigos.

Já na edição de número 44, em agosto de 1907, os redatores buscam comentar as mudanças realizadas pela Academia de Letras brasileira no intuito de simplificar a ortografia. Neste artigo, o jornal parabeniza a iniciativa, porém ainda sugere outros pontos que devem ser observados pelos eruditos numa simplificação ainda mais precisa:

A Academia Brasileira aprovou ultimamente uma reforma ortográfica, no sentido duma simplificação bastante semelhante à que uzávamos. Sejam quais forem as nossas opiniões sôbre(sic) certos pontos, como temos enpenho em entrar num acordo tendente a pôr termo às ortografias em uzo, tão complicadas, não temos dúvida em seguir a opinião e iniciativa da Academia. A reforma aprovada viza-se apossimar-se da representação sônica da língua portugueza, não havendo, no entanto, ortoépia geral possível, fato êsse que impõe uma ortografia tolerante para qualquer prozódia lejítima do idioma¹⁹⁹.

O leitor pode perceber que a grafia das palavras segue uma métrica mais próxima da fonética, isto é, do som emitido quando as palavras são pronunciadas, do que da ortografia correta das mesmas. Talvez uma movimentação para aproximar dos leitores de outras etnias e suas dificuldades em entender os dígrafos presentes nos sons das palavras na língua portuguesa, ou simplesmente facilitar a grafia das mesmas. Tal fato pode ser evidenciado por essa declaração de Neno Vasco presente em uma outra edição:

¹⁹⁴ FIGUEIREDO, Cândido de. **Novo dicionário da língua portuguesa**. Portugal. 1913. Disponível em: <http://www.gutenberg.org/files/31552/31552-pdf.pdf>. Acesso em 13 de janeiro de 2016.

¹⁹⁵ Redação. Questão de ortografia. In: **A Terra Livre**. Ed. nº30. Abril de 1907. Pg. 04.

¹⁹⁶ **A Terra Livre**. Ed. nº38. Jun.1907.

¹⁹⁷ *Id ibid.* Ed. nº41. Jul.1907

¹⁹⁸ *Id ibid.* Ed. nº42. Jul.1907.

¹⁹⁹ *Id ibid.* Ed. nº44. Ago.1907.

Para os estrangeiros, para aqueles que, privados de cultura literária e clássica, estudam, aprendem por seu próprio esforço – os elementos populares, cada vez mais numerosos, que invadem o campo dos conhecimentos úteis e não têm tempo a perder com coisas secundárias; para as crianças; (...) A verdade é que uma escrita pouco conforme com a pronúncia acaba por influir sobre esta, o que provoca períodos intermédios de confusão²⁰⁰.

O jornal ainda continuou, ao decorrer das edições, a usar essa nova ortografia proposta por Neno Vasco. Em 1909, período em que o jornal esteve fora de circulação, o mesmo mudou de direção e Neno Vasco entregou a redação do jornal a outros militantes e retornou à Portugal. Nas mãos de outros redatores, a questão ortográfica acabara se tornando secundária, até o tema ser retomado pelo último administrador do jornal, o italiano *Lucas Mascolo*. Para o término das questões envolvidas à escolha ortográfica pelo jornal, temos um último artigo, assinado por *Lucas Mascolo*, onde este prega pelo fim do uso de recursos ortográficos que tendem a prejudicar a leitura por pessoas simples ou que não estejam familiarizados com a nossa língua. Em um tom mais inflamado que Neno Vasco, Lucas escreve o artigo:

Somos partidários de uma ortografia radicalmente fonética. Não gostamos de escrever o que pensamos com letras inúteis, ou que poderíamos pássar sem élas. Pronunciamos muito bem *ele*, sem dobrar a consoante; dizemos muito bem – *aparte* sem o *p* dobrado. O *tt* duplo, sôa tal como *t* simples. (...) Somos partidários da supressão de *g* com som de *j*. Para isso todas as letras deveriam adquirir valor absoluto: nenhuma letra deveria mudar de som. (...) O nosso sistema tornar-se-há um brinquedo para todas as pessoas que quizessem escrever. Porque, enquanto uma pessoa perde o juízo com regras sem importância, poderia aplicar-se a alguma coisa mais interessante²⁰¹.

Seja qual for a explicação, decisões como estas refletem na análise das formas de editoração que o jornal foi impresso com o passar dos anos; em vários momentos discutia-se sobre a forma de escrita, tomando diversos posicionamentos seja pela alteração, ou pela permanência das normas cultas. Essa mudança na ortografia foi sendo alterada em diversos momentos da vida do jornal e sempre fora pauta para discussões dos redatores. Estas decisões refletem, também, a tentativa dos redatores de estabelecer diálogos mais próximos com seus leitores, facilitando a redação do jornal para atender uma possível demanda por simplicidade que partia dos próprios leitores do periódico. Era uma comunicação de mão dupla inovadora

²⁰⁰ *Id ibid.* Ed. nº45. Set.1907.

²⁰¹ **A Terra Livre.** Ed. nº74. Out.1910.

para o seu tempo, sendo novamente reproduzida apenas no fim do século XX com a instauração da figura do *Ombudsman*, nas redações dos jornais diários.

CAPÍTULO 3: As munições para A Terra Livre: a rede social entre os produtores, subscritores e leitores do jornal A Terra Livre

3.1: O grupo de propaganda: pela educação libertária, nascia um jornal

*É preciso que a actividade dos nossos amigos não sofra quebra nem interrupção, que o seu apoio persista e fortaleça, que o nosso jornal não seja esquecido em nenhum momento.*²⁰²

Pelo texto citado acima, é notória a percepção que um dos grandes desafios em publicar um jornal libertário era buscar apoio para o financiamento das edições. Um jornal operário dependia exclusivamente de pessoas. E principalmente: da ação destas pessoas para que a obra de educação não morresse.

Um grupo de afinidade e de propaganda, desejosos em editar um jornal, precisava montar uma rede de contatos no intuito de viabilizar a circulação das edições a um maior número de leitores possíveis, em diversas regiões do país e, em contrapartida, aumentar o número de financiadores dos próximos números do periódico. Em suma, o jornal operário era um projeto coletivo, assim como a educação libertária. O grupo de propaganda sempre buscava este objetivo, conforme podemos evidenciar no texto da autora Edilene Toledo:

A ação mais difundida entre os anarquistas era, como dissemos, a do grupo de propaganda. De fato, a base da vida política do anarquismo no Brasil era a cooperação voluntária entre pequenos grupos distintos, espontaneamente constituídos. Não parece que esses grupos tivessem estrutura fixa. Provavelmente, os novos membros entravam por recomendação de algum antigo.²⁰³

A formação desses grupos, dessas redes de contato deu-se muito mais por necessidades sociais, e a identificação dos membros foi, na maioria das vezes, possibilitada pelo compartilhamento de critérios de avaliação e de julgamento estabelecidos não apenas por uma vivência anterior, mas, principalmente, por uma necessidade de ação conjunta no cotidiano operário. Estes fatos contribuíram para a formação das *fronteiras* sociais que reforçaram um

²⁰² Publicação semanal da Terra Livre. **A Terra Livre**. Ed. nº 9. Mai.1906

²⁰³ TOLEDO, Edilene. “Trazemos o novo mundo em nossos corações”: os anarquistas e o esforço de construção de uma cultura alternativa em São Paulo na Primeira República. **Anais do XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH**. São Paulo, julho 2011. Pg. 5.

mínimo de carácter identitário e na ideia de *pertencimento* entre os membros do grupo²⁰⁴. Dessa forma funcionavam os grupos de afinidade e propaganda. Em torno de um objetivo comum, as tarefas eram executadas levando os seus membros a estabelecerem laços políticos e afetivos que possuíam desdobramentos diversos. No interior destes grupos eram estabelecidos acordos tácitos e estratégias comuns para a otimização de esforços e reflexão sobre os meios a serem empregados em determinadas tarefas.²⁰⁵

A autora Antoniette Oliveira nos revela que os diversos grupos não eram organizados apenas como centros de discussão; muitos se especializavam em atividades concretas como a criação e a manutenção de escolas libertárias, a publicação de livros e opúsculos, por buscar e receber publicações estrangeiras e até a criação de centros de estudos sociais e bibliotecas, entre outras atribuições.²⁰⁶

Porém, um dos grandes movimentos que o grupo de propaganda fazia em prol da organização dos trabalhadores era a publicação de um jornal. O periódico sempre foi um dos pontos chave para que o grupo pudesse propagar suas ideias e seus métodos de combate ao patronato. E não foi diferente quando tratamos do grupo responsável pela criação do jornal *A Terra Livre*. A ideia inicial fora pela continuação de uma obra de propaganda já começada anteriormente pelo jornal *O Amigo do Povo*²⁰⁷. Bastava uma mobilização por parte dos editores, sobretudo Neno Vasco, para que o sonho da publicação de um novo jornal fosse desenvolvido novamente. Neste trecho inicial da primeira edição podemos perceber os traços de continuidade da obra de propaganda:

O periódico, que hoje apresentamos, vem defender as ideias que temos exposto no extinto *Amigo do Povo* e na *Revista Aurora*. Somos socialistas anarquistas. (...) A nossa tarefa mais urgente é a organização, no campo econômico e político, e a propaganda oral e escrita, a luta contra a ignorância. Além desses meios de acção (sic) direta, preconizamos a greve, a boicotagem, a sabotagem, a agitação da praça, o comício, a greve geral, por fim, a insurreição. Tomamos parte activa (sic) no movimento operário²⁰⁸.

²⁰⁴ GODOY, *Op. cit.*

²⁰⁵ TOLEDO, Edilene. *Op. cit.*

²⁰⁶ OLIVEIRA, Antoniette. **Despontar, (des)fazer-se, (re)viver...** a (des)continuidade das organizações anarquistas na Primeira República. Dissertação de mestrado – Universidade Federal de Uberlândia, 2001.

²⁰⁷ Uma breve explicação acerca da trajetória dos editores principais do jornal *A Terra Livre*, bem como sua atuação anterior em outras publicações e atos de propaganda foram contadas no capítulo 2 desta dissertação.

²⁰⁸ Generalidades. **A Terra Livre**. Ed. nº 1. Dez.1905.

Para Neno Vasco, a criação de um novo jornal significava a continuidade de sua obra, tenho em vista as inúmeras tentativas de sobrevivência feitas em prol do *Amigo do Povo*²⁰⁹ e a sua ocupação com a escrita de uma nova revista anarquista, a revista *Aurora*²¹⁰, publicada desde fevereiro de 1905. Para um escritor, um propagandista, o aumento do espectro de divulgação de sua obra converte-se num desafio de grande valor teórico, sobretudo para o militante anarquista²¹¹.

O autor Alexandre Samis, pesquisador responsável pela biografia do militante Neno Vasco, ainda nos relata o desenrolar dos fatos que culminaria na criação de um novo jornal em São Paulo:

A alternativa foi planejar outro periódico, para o ano seguinte (1905). Este talvez devesse ser ainda mais explicitamente sindicalista, deveria enfatizar assuntos relacionados às classes trabalhadoras. Neno percebia que era fundamental um jornal ágil e identificado com as premissas classistas do anarquismo, em colaboração com indivíduos dispostos a levarem para dentro do sindicato as propostas compartilhadas pelos libertários.²¹²

Outro aspecto importante, referindo-se às pessoas envolvidas no projeto, é a concepção de um jornal anarquista escrito totalmente em língua portuguesa. Com a extinção do jornal *O Amigo do Povo* havia ficado uma lacuna de jornais anarquistas escritos em português dentro da cidade de São Paulo. Se tomarmos conta do número de publicações anarquistas e socialistas escritas totalmente em italiano na capital paulista²¹³, esse hiato de publicações em língua

²⁰⁹ O autor Alexandre Samis, em sua biografia sobre Neno Vasco, nos esclarece as inúmeras tentativas de coibir a extinção do jornal *O Amigo do Povo*: “As dívidas, a falta de subscrições que pudessem fazer frente às significativas despesas, não permitiram a longevidade desejada pelos entusiásticos promotores. Haviam tentado de tudo: enviar pacotes fechados para o interior do estado e para o Rio de Janeiro, com valores consignados, mas em nada resultara. A alternativa foi extinguir a publicação do jornal.”. Cf. SAMIS, *Op. cit.* Pg. 101.

²¹⁰ No editorial da primeira edição da revista, Neno Vasco escreve: “Esta revista, defenderá, no campo econômico e moral, o socialismo. (...) No campo político, sob o ponto de vista da organização e do método, a revista defenderá a anarquia. É quanto basta. Fazer promessas e longos programas é inútil. O tempo dirá o valor desta pequena revista.”. **Revista Aurora**. Ed. nº1. Fev.1905.

²¹¹ A autora Cláudia Leal afirma que os militantes “tencionavam incentivar a leitura não apenas nos que desconheciam as ideias libertárias, nos ‘estranhos à anarquia’, mas também nos militantes e companheiros da ideia, que poderiam utilizar os textos e artigos para reforçar suas convicções ou mesmo como sugestões de abordagens de propaganda. Cf. LEAL. *Op. cit.*

²¹² SAMIS, *op. cit.* Pg. 101.

²¹³ O autor Ângelo Trento, em seu artigo sobre organização operária e a organização do tempo livre, demonstra que entre 1891 e 1914, os jornais em língua italiana de tendência proletária que apareceram na capital paulista foram mais de cinquenta. Esse fato, segundo ele, era a representação de uma grande maioria de trabalhadores italianos imigrados e uma situação marginalizada dos mesmos que obrigava ao imigrante com maior tradição política investir numa obra de propaganda. A língua, obviamente, não poderia deixar de ser o italiano que demonstrou ser de grande vitalidade, devido à grande longevidade de algumas publicações como os jornal anarquista *La Battaglia*, o socialista *Avanti!*, e o sindicalista *La Scure*. Cf. TRENTO, Angelo. Organização operária e organização do tempo livre. In: CARNEIRO, Maria Luiza Tucci; CROCI Federico; FRANZINA, Emilio (org.). **História**

portuguesa torna-se ainda maior. Não podemos afirmar com certeza se esta condição citada acima pode ter acelerado a criação do jornal *A Terra Livre*, mas é certo afirmar que os editores visavam aumentar o número de jornais anarquistas na capital, dada a efervescência do movimento anarquista entre os trabalhadores de São Paulo²¹⁴.

Dada às circunstâncias para a criação do jornal, o momento era de organização de um grupo com a objetivo de administrá-lo, além de buscar uma sede onde o mesmo pudesse ser editado e tipografado. O primeiro companheiro elencado para essa tarefa foi o camarada Edgar Leuenroth, que teve como função administrar o recebimento das listas de subscrição, organização do saldo financeiro e impressão do periódico. A escolha de Leuenroth deu-se, em grande parte, a sua experiência na administração de outros jornais populares, como *O Boi* e a *Folha do Bráz*, ambos criados e administrados por ele entre 1897 e 1902²¹⁵. A aproximação entre Neno e Leuenroth foi fruto do amadurecimento da concepção classista defendida por ambos²¹⁶. Já no primeiro número temos as atribuições de cada membro do grupo, que inicialmente era pequeno e, logo então, tornar-se-ia mais numeroso: “*O administrador do jornal é o camarada EDGARD LEUENROTH; mas para evitar perdas de tempo, a correspondência deve ser enviada a NENO VASCO, à Rua Santa Cruz da Figueira, 1 – São Paulo*”²¹⁷.

Uma vez organizada a equipe, o próximo passo seria o levantamento de recursos para a impressão do primeiro número. E para esse fim, apenas os dois administradores não conseguiriam levantar os recursos necessitados. Solicitaram o apoio de outros colegas que, posteriormente, seriam de grande ajuda na manutenção do jornal, tanto em São Paulo, quando da sua mudança da redação para o Rio de Janeiro.

Os camaradas elencados a ajudar foram o espanhol Manuel Moscoso²¹⁸, que residia na cidade do Rio de Janeiro²¹⁹, onde, em outubro de 1904, havia fundado com Carlos Dias o jornal

do trabalho e histórias da imigração: trabalhadores italianos e sindicatos no Brasil (séculos XIX e XX). São Paulo: Ed. USP: FAPESP, 2010. Pg. 238-239.

²¹⁴ Nos trabalhos de Luigi Biondi e Edilene Toledo, podemos verificar que no início do século as ideias anarquistas eram as que melhor representavam o ideal libertários dos trabalhadores, sobretudo os imigrantes. Cf. BIONDI, Luigi. Imigração italiana e movimento operário em São Paulo; TOLEDO, Edilene. O sindicalismo revolucionário no Brasil. In: CARNEIRO, *et. ali. Op. cit.*

²¹⁵ Cf. capítulo 1.

²¹⁶ Cf. SAMIS, *op. cit.* pg. 102.

²¹⁷ Expediente. **A Terra Livre**. Ed. nº 1. Dez.1905.

²¹⁸ Alexandre Samis define Moscoso como: “*gráfico malaguenho, antigo colaborador de O Amigo do Povo e muito próximo ideologicamente de Neno Vasco*”. Cf. SAMIS, *op. cit.* pg. 102.

²¹⁹ “Rio de Janeiro: Pode distribuir todos os folhetos. Moscoso está bem. Saúde”. Caixa de Correio. **A Terra livre**. Ed. nº 3. Fev.1906.

*O Libertário*²²⁰, e o espanhol Antônio Orellana²²¹, sapateiro, vendedor de livros e opúsculos anarquistas e colaborador do jornal *O Amigo do Povo*, também residindo em São Paulo, conforme relato descrito na seção *Munições para A Terra Livre*²²². Estava formado, assim, o primeiro núcleo do grupo de propaganda que seria intitulado, posteriormente, como grupo *A Terra Livre*²²³.

Em dezembro de 1905, surge, então, a primeira edição do jornal *A Terra Livre*. Era uma publicação em língua portuguesa que necessitava em São Paulo. Não era a única publicação em português, havia outros jornais no Rio de Janeiro²²⁴, por exemplo. Porém foi de suma importância sua criação naquele momento, dado a organização de diversos sindicatos²²⁵ na capital paulista e a agitação do movimento operário no Brasil como um todo.

Um projeto coletivo, capitaneado por Neno Vasco e Edgard Leuenroth. Mas, por ser coletivo, dependia do apoio de um grupo de pessoas dispostas a levar a propaganda dos ideais anarquistas a outras regiões industrializadas do interior de São Paulo e do Brasil. E mais, necessitava de um aporte financeiro conciso para sua longevidade; não queriam passar pelo mesmo problema vivido pelo *O Amigo do Povo*. Era preciso expandir a rede de colaboradores e financiadores. A partir daí urgiu-se criar uma lista de subscrições voluntárias que viabilizasse as outras edições. Começava aí o desenvolvimento do elo econômico responsável pela criação de uma rede social entre os leitores e o grupo de propaganda.

3.2. A subscrição voluntária: o elo econômico entre os leitores e o grupo de propaganda

A subscrição voluntária foi um dos maiores movimentos de solidariedade despertados dentro da comunidade operária brasileira nas primeiras décadas do século XX. Tratava-se de

²²⁰ BATALHA, *op. cit.* Pg. 109.

²²¹ Segundo entrevista dada a Alexandre Samis por Magda Botelho, sobrinha de Neno Vasco, havia um relato sobre o casamento das irmãs de Manuel Moscoso, Mercedes e Carmem, que contraíram matrimônio com Neno Vasco e Antônio Orellana, respectivamente. Cf. SAMIS, *op. cit.* pg. 105.

²²² "Lista de Antônio Orellana (São Paulo)". **A Terra Livre**. Ed. nº 2. Jan.1906.

²²³ SAMIS, *op. cit.* pg. 105.

²²⁴ Na capital carioca um jornal anarquista era publicado concomitante ao *A Terra Livre*, em 1905, denominado *Novo Rumo*. O grupo editor deste jornal seria de grande importância para a manutenção d' *A Terra Livre*, pois somariam forças com o grupo *A Terra Livre*, no intuito de perpetuar a publicação do jornal no momento da mudança da redação para o Rio de Janeiro.

²²⁵ Em 1906, ano de realização do Primeiro Congresso Operário no Rio de Janeiro, contava com 43 delegados representantes de 28 sindicatos de todo o Brasil e da Federação Operária de São Paulo, representando seis sindicatos, contando com 10 delegados. Destes delegados podemos elencar nomes que faziam parte do grupo de propaganda responsável pela publicação do jornal *A Terra Livre*: Giulio Sorelli, Edgard Leuenroth, Ulisses Martins, Carlos Dias, Manuel Moscoso, José Romero e Manuel Domingues de Almeida. Cf. TOLEDO, Edilene. *Op. cit.*

ajuda voluntária dos trabalhadores, instrumento de mobilização dos operários no sentido de manter uma obra de propaganda libertária acesa e difundida nas comunidades.

O objetivo de uma subscrição era simples: trabalhadores se organizam para financiar jornais, livros, opúsculos, através da doação de dinheiro. Para a autora Cláudia Leal, a subscrição voluntária “*era uma forma de aquisição bastante difundida, através da qual leitores enviavam quantias quaisquer para contribuir com a manutenção de um jornal e recebiam exemplares para venda ou doação.*”²²⁶

E como funcionava uma lista de subscrição? Companheiros já conhecidos no meio anarquista eram solicitados pelos editores, ou se prontificavam a montar uma lista de pessoas que possivelmente poderiam realizar doações em dinheiro ao jornal. Essas listas eram espalhadas pelos bairros operários, seja em São Paulo ou no interior, e os interessados assinavam estas listas e identificavam o valor a ser doado. O doador, com medo de sanções por parte dos patrões ou da polícia, não precisava assinar seu nome. Simplesmente colocava pseudônimos, iniciais ou mensagens de apoio ao jornal. Após a lista ser organizada e os valores devidamente coletados, o organizador a enviava pelo correio à redação do periódico. A lista de subscritos era normalmente publicada nas páginas finais dos jornais, estabelecendo um forte vínculo entre os leitores/financiadores e o jornal. No caso do jornal *A Terra Livre*²²⁷, a lista sempre era publicada no fim do periódico e atendia pelo nome de *Munições para A Terra Livre*.

Nesta coluna eram divulgados todos os doadores, organizados por listas especificadas pelo nome do organizador da mesma, a cidade de onde fora organizada e, a seguir, os nomes e pseudônimos de todos os doadores, com seus respectivos valores, conforme instrução divulgada na primeira edição²²⁸.

Para o jornal era uma obrigação publicar as listas de subscrição, pois configurava-se como uma prestação de contas dos valores doados, bem como uma forma de comunicação e aproximação do jornal para com o seu doador. Para o grupo editor do jornal, a subscrição era um instrumento de cumplicidade entre o grupo e os companheiros de ação. Caso pessoas de fora do movimento operário quisessem conhecer o jornal, seja para criticar ou adquirir novas

²²⁶ LEAL, *op. cit.* pg. 75.

²²⁷ Já na primeira edição, o grupo editor já relatava a forma de aquisição de fundos para a manutenção do jornal: “A TERRA LIVRE, que se publica por SUBSCRIÇÃO VOLUNTÁRIA, aceita também assinaturas nas seguintes condições: série de 25 números: 4\$000; série de 12 números: 2\$000; série de 6 números: 1\$000. Cf. **A Terra Livre**. Ed. nº 1. Dez.1905 (grifos originais).

²²⁸ “Os nomes ou pseudônimos dos subscritores voluntários serão publicados no logar (sic) competente; mas não assim os dos assinantes, a quem o administrador passará recibo, publicando só as importâncias recebidas. Cf. **A Terra Livre**. Ed. nº 1. Dez.1905.

teorias, estes precisavam utilizar o recurso da assinatura como forma de aquisição do jornal, conforme descrito numa das edições do mesmo:

Aos camaradas, aos simpatizantes, aos amigos sinceros de TERRA LIVRE, fazemos notas que devem sobretudo atender à SUBSCRIÇÃO VOLUNTÁRIA, porque a assinatura é mais para os estranhos, para os curiosos, do que para os camaradas que desejam colaborar eficazmente na nossa obra (grifos originais)²²⁹.

Se, por razão de falta de espaço, ou o tempo para a organização de todas as listas impedisse a publicação da seção, o fato era devidamente relatado para que não houvesse uma distorção das contas prestadas pelo jornal. A título de exemplo, podemos observar um outro trecho do jornal relatando tal fato:

No próximo número publicaremos a relação das quantias entradas para o presente e as listas dos camaradas. (...) Para sustentar uma obra como a nossa é necessário um esforço prolongado e pertinaz – e nós sem só com palavras fazemos o incitamento²³⁰.

Para Neno e Leuenroth, o objetivo inicial, já demonstrado nas primeiras edições, seria uma publicação que tivesse uma tiragem semanal, tal como o jornal *La Battaglia*²³¹, também impresso em São Paulo e publicado em italiano. Porém, para que o intuito tivesse êxito era necessário uma mobilização dos doadores. Mas, devido aos problemas financeiros gerados pelas faltas de doações, este sonho dos editores foi sendo adiado até a sua mudança da redação para o Rio de Janeiro, onde finalmente, por um curto período, a publicação finalmente se tornou semanal. O esforço dos editores pode ser conferido por trechos da terceira edição do jornal:

Este número da TERRA LIVRE devia ter saído há duas semanas; mas a falta de dinheiro – sempre de prever nos começos de uma publicação como a nossa – e outras circunstâncias ocasionaram o atraso. Não estamos descontentes pelo apoio já obtido, pelo contrário. (...) Mas não basta: urge um redobrar de esforços para alcançar a PUBLICAÇÃO SEMANAL DA TERRA LIVRE, que é de extrema necessidade no momento presente²³² (grifos originais).

²²⁹ **A Terra Livre**. Ed. nº 6. Mar.1906.

²³⁰ Munições para a Terra Livre. **A Terra Livre**. Ed. nº12. Jul.1906.

²³¹ O autor Luigi Biondi, em sua tese de láurea, nos relata que o jornal *La Battaglia*, fundado em 1904, tendo como colaboradores os anarquistas Gigi Damiani e Orestes Ristori, entre outros, contava com uma regularidade semanal e com uma tiragem de 5000 exemplares aproximadamente. Cf. BIONDI, Luigi. *Op. cit.*

²³² Aos companheiros. **A Terra Livre**. Ed. nº 3. Fev.1906.

REUNIÃO

Todos que fazem parte do grupo iniciador da TERRA LIVRE, bem como todos os que se encontram de acordo com a nossa propaganda, são convidados para uma reunião que se efectuará em nossa séde (sic), na próxima segunda-feira, 12 do corrente, às 7 horas da noite. Trata-se de procurar meios de assegurar a publicação regular de TERRA LIVRE²³³.

Sustentar uma obra era realmente um esforço pertinaz por parte do grupo editor. Nem sempre as listas atendiam aos valores que os editores necessitavam para a continuidade das edições do jornal. O resultado quase sempre era o mesmo: a publicação se entrelaçava em dívidas que acabavam estrangulando a regularidade do impresso. E motivos sobravam para agravar o problema: a falta de cobradores e colaboradores, o extravio de dinheiro e a falta de comprometimento por parte dos colegas operários:

Procuraremos arranjar agentes voluntários em outras localidades, tanto do interior como dos Estados. Aquelles que costumam encarregar de listas de subscrição poderiam escrever-nos, dizendo se aceitam ou não o encargo de agentes. A existência dum agente facilita muito o pagamento das assinaturas e quotas voluntárias²³⁴.

Já por várias vezes se tem extraviado dinheiro enviado à “Terra Livre”. Da última vez foi por falta de cuidado ou por preguiça do portador duma quantia mandada do Rio de Janeiro pelo companheiro Magrassi (Luigi)²³⁵.

Sob o ponto de vista econômico, a subscrição voluntária foi crucial para observarmos as movimentações por parte dos editores para a sobrevivência do periódico. As relações entre doações e assinaturas oscilavam vertiginosamente, enquanto as despesas, sempre crescendo de uma maneira mais estável, obrigavam Neno e Leuenroth a tomarem decisões drásticas, a título de exemplo, abandonando a ideia de uma publicação semanal da *Terra Livre*. Nos outros anos de publicação da folha anarquista, a situação ainda não se diferenciou, acentuando-se a oscilação das doações sobretudo quando o periódico se muda para o Rio de Janeiro. Os valores doados aumentam em quantidade, mas a regularidade é severamente comprometida, devido à decisão dos editores em tornar a publicação semanal por um curto intervalo de tempo entre maio e outubro de 1907, conforme mostraremos com mais detalhes posteriormente.

²³³ Aos companheiros. **A Terra Livre**. Ed. nº 3. Fev.1906.

²³⁴ Terra Livre no interior. **A Terra Livre**. Ed. nº13. Jul.1906.

²³⁵ *Id ibid*. **A Terra Livre**. Ed. nº13. Jul.1906.

Este primeiro gráfico nos mostra a oscilação dos valores doados em relação a cada publicação, ainda no primeiro ano de veiculação do periódico em São Paulo. O gráfico pode ser observado logo abaixo:



Gráfico 2 - Gráfico sobre as doações durante o primeiro ano de publicação (1906)

Nota-se um primeiro momento onde há uma intensa movimentação por parte dos doadores, talvez devido à novidade de um jornal anarquista na cidade de São Paulo. Logo após há uma queda brusca na arrecadação, fato esse citado pelos editores e demonstrado em páginas anteriores. Nas proximidades da data do Primeiro de Maio de 1906, há um aumento das doações, devido aos inúmeros pedidos realizados pelos editores por uma publicação especial que comemorasse a data tão aclamada pelos trabalhadores e que contemplasse alguns artigos sobre textos anarquistas que chegavam ao Brasil e deveriam ser publicados sob o pretexto da propaganda. O pedido de doações para a edição especial foi publicada em uma das edições:

Preparamos desde já um NÚMERO ESPECIAL d'a *Terra Livre* para o próximo PRIMEIRO DE MAIO. Como esse número nos dará um sensível aumento de despesa, pedimos aos companheiros que empreguem todos os esforços para engrossar a receita, activando a subscrição voluntária permanente. O número especial sairá pelo menos 15 dias antes do 1º de maio (grifos originais)²³⁶.

Há um outro aumento considerável no número de doações para o jornal, que marca o segundo semestre de 1906, dada às agitações pelo mundo, devido à prisão do anarquista

²³⁶ Número especial. **A Terra Livre**. Ed. nº 5. Mar.1906.

Francisco Ferrer y Guardia, acusado de ser um dos mentores do atentado em Madrid, ocorrido em 31 de maio de 1906, quando um anarquista espanhol Matteo Morral, companheiro de Ferrer, tentou assassinar o rei Alfonso XIII da Espanha, na ocasião de seu casamento²³⁷. A prisão de Francisco Ferrer causou uma comoção em todo mundo, dado sua importância na criação da Escola Livre²³⁸ ou Racionalista de cunho libertário e amplamente divulgada e implantada em vários países, inclusive no Brasil²³⁹, posteriormente. Neno Vasco, simpatizante da obra de Ferrer, tratou logo de denunciar a série de desmandos realizados pelo governo espanhol contra o anarquista:

É sabido que o atentado de Madrid forneceu aos inquisidores espanhóis o pretexto para a prisão de Francisco Ferrer e para o encerramento da “Escuela Moderna” que elle fundára e dirigia com grande dedicação e competência. (...) Contra estas infâmias levantou-se pelo mundo culto um clamor de protestos. (...) Contra esta tentativa de pura intolerância inquisitorial e católica é necessário formar uma forte corrente de opinião e agitação mundial²⁴⁰.

Todas as manifestações foram benéficas à propaganda anarquista, pois um grande número de leitores contribuíram para a continuidade das publicações de protesto no periódico. O resultado foi um aumento sensível de receita e supressão do déficit que esmagava o jornal a cada edição. O segundo gráfico abaixo nos mostrava evolução das despesas durante o primeiro ano de publicação. Nota-se que, apesar da oscilação das doações, as despesas apresentavam uma constância ascendente, obrigando os editores a novamente apelar aos leitores e colaboradores do periódico uma maior disposição na confecção de novas listas de subscrição em outras regiões do estado de São Paulo:

²³⁷ Samis, em sua bibliografia sobre Neno Vasco, nos discorre sobre o atentado: “Sobre a coluna de coches, soldados e palafreiros, um homem jovem arremessou da sacada do quarto piso (...) um artefato explosivo oculto por um ramalhete de rosas. A confusão que se seguiu acabou por permitir a fuga de Mateo Morral, anarquista e ex-bibliotecário da Escola Racionalista. Contabilizando o saldo de mais de 20 mortos não se encontra entre eles, o alvo principal, o rei Alfonso XIII. A repressão se abateu sobre as Escolas Racionalistas e grupos anarquistas, atingindo a principal expressão teórica do movimento pedagógico “progressista” espanhol, Francisco Ferrer y Guardia”. Cf. SAMIS, *op. cit.* pg. 132.

²³⁸ Francisco Foot Hardman, em seu livro “Nem pátria, nem patrão!” nos fala sobre a concepção das escolas livres na doutrina anarquista: “Muitas propostas libertárias no campo de ensino foram escritas desde a ‘Comuna de Paris’. Porém, a obra de Francisco Ferrer veio selar a concepção anarquista de Escolas Livres. Era uma posição pedagógica avançada na sua época, não só na Espanha, mas em todos os países em que o anarquismo se implantou, inclusive no Brasil e na Argentina”. Cf. HARDMAN, *op. cit.*

²³⁹ Foot Hardman ainda nos escreve sobre as escolas livres, em São Paulo denominadas Escolas Modernas: “Na capital, a experiência mais duradoura foi a das Escolas Modernas do Brás e do Belenzinho, que sobreviveram precariamente durante cerca de seis anos (1913-1919). Praticamente não apresentou informações concretas sobre o andamento dos cursos, a experiência didática em si, ou o universo cultural interior à instituição. As notas em jornais são muito mais de propaganda, apresentando a programação geral e resumindo a doutrina pedagógico-metodológica de Francisco Ferrer”. Cf. *Id ibid, op. cit.* Pg.70.

²⁴⁰ **A Terra Livre**, Ed. nº 18. Out. 1906.



Gráfico 3 - Relação das despesas durante o primeiro ano de publicação (1906)

Como dito acima, as dificuldades apresentadas durante todo o ano de 1906 deixa o jornal em situação preocupante, sobretudo por conta do déficit de caixa que marca o fechamento do primeiro ano do periódico. O início segundo ano de publicação (1907), é marcado pela convocação por parte de Neno Vasco aos colegas anarquistas no sentido de um aumento da obra de propaganda num artigo intitulado *A nossa situação*:

Os anarquistas, é certo, têm mostrado bastante energia; (...) em todo caso, nem todos os que são ou se dizem anarquistas têm desenvolvido, em favor da nossa propaganda, toda a energia de que são capazes. Ora esse momento não é para a inação; urge empregar todos os esforços. (...) No momento em que a *Terra livre* deveria até publicar-se semanalmente para aproveitar a agitação e responder aos incessantes latidos da matilha furiosa que nos assalta, o déficit agrava-se, embaraçando-nos. Do interior, muitos não dão sequer sinais de vida; quanto a dinheiro, seria preciso ir recebe-lo, coisa que nos é difícil. O momento demanda todos os esforços dos que não recuam facilmente perante o menor ataque²⁴¹.

Já no próximo número, forçosamente, os editores tiveram que tomar outra decisão: sacrificar os artigos doutrinários devido à falta de espaços nas colunas e aos diversos acontecimentos que necessitavam ser divulgados no jornal. A decisão afetava profundamente Neno Vasco, pois ele achava que a obra de politização, através dos escritos doutrinários sempre era de suma importância para a educação dos trabalhadores. Ele intitula o artigo *Pela propaganda anárquica, um projeto*:

²⁴¹ **A Terra Livre**. Ed. nº 24. Jan.1907.

A necessidade de comentar os factos da actualidade e de sustentar uma crítica incessante força-nos a pôr de lado a propaganda teórica pelo jornal e a ter em constante reserva escritos doutrinários. (...) Eis porque, na impossibilidade actual de publicar semanalmente a *Terra livre*, onde a falta de espaço nos faz sacrificar constantemente secções interessantes ou artigos doutrinários, concebemos o projecto de fazer sair, particularmente, os factos consagrados aos comentários de actualidade, polémicas e informações²⁴².

Não satisfeitos com o andamento do jornal, o grupo editor optou por uma resposta rápida e direta para a situação em que o mesmo se encontrara. A necessidade de uma publicação semanal que atendesse todas as demandas por propaganda e, também, não deixasse de lado os fatos da atualidade e os problemas enfrentados pelos trabalhadores, Neno e Leuenroth, aproveitando do prestígio que ambos possuíam dentro da comunidade anarquista partiram para uma nova estratégia: unir forças com outros grupos de propaganda e aumentar as possibilidades de sucesso da publicação semanal da *Terra Livre*. A ideia, como já foi citado no capítulo anterior, era potencializar o de atuação do jornal, elevando a quantidade de edições e possibilitando à *Terra Livre* ser reconhecidamente um jornal importante de crítica anarquista.

A alternativa encontrada foi juntar-se ao grupo anarquista já presente no Rio de Janeiro e se denominava *Novo Rumo*²⁴³. O grupo já possuía um jornal homônimo que circulava quinzenalmente na capital federal. Porém, devido às mesmas dificuldades financeiras apresentadas pelo jornal *A Terra Livre*, os grupos editores resolveram entrar em um acordo que é selado no artigo *Terra Livre semanal*:

No intuito de melhor fazer face às necessidades cada vez mais largas da propaganda e de regularizar a situação um tanto incerta e difícil do “Novo Rumo”, do Rio, e da “Terra Livre”, os grupos editores destes dois periódicos libertários decidiram de comum acordo reunir as suas forças e publicar SEMANALMENTE um só jornal, intitulado A TERRA LIVRE, pois que é este o nome que corresponde ao periódico que conta com mais números publicados. Como é, porém, o Rio de Janeiro o mais importante centro operário e o que mais necessita de propaganda libertária e como se dá o caso de terem de se retirar para aquela cidade os redactores da Terra Livre, ali se publicará o futuro semanário (grifos originais)²⁴⁴.

²⁴² **A Terra Livre**. Ed. nº 25. Jan.1907.

²⁴³ Segundo a autora Antoniette de Oliveira, o grupo Novo Rumo teria sua sede e redação do seu jornal, em janeiro de 1906, à rua do Hospício, 210. Já em 1907, por ocasião da união com o grupo editor do jornal *A Terra Livre*, o grupo carioca optou pela mudança da sua sede de reuniões e redação para a rua Sete de Setembro, nº 3, permanecendo lá todo o tempo em que *A Terra Livre* foi publicada no Rio de Janeiro. Cf. OLIVEIRA, *op. cit.* Pg. 100.

²⁴⁴ **A Terra Livre**. Ed. nº33. Mai.1907.

A união dos dois grupos de propaganda, aliada à mudança da redação para o Rio de Janeiro, propiciaram um aporte significativo de dinheiro ao jornal, culminando numa movimentação, por parte dos editores, para um semanário anarquista no Rio de Janeiro. As oscilações nas doações dos leitores pode ser percebido por este gráfico abaixo, referente aos valores coletados com subscrições durante todo o segundo ano de publicação, inclusive o período onde o jornal circulava semanalmente:



Gráfico 4 - Gráfico sobre as doações referentes ao segundo ano de publicação (1907)

Na edição de número 34, o jornal já estava presente na capital carioca e no seu editorial publicava sua missão frente aos trabalhadores:

O proletariado carece de um orgam (sic) que seja o eco dos seus clamores e o clarim das suas reivindicações. A Terra Livre ampliará a sua obra de educação social e crítica política com um vasto serviço de informações referentes à vida das oficinas, das fábricas e de toda parte, onde o trabalhador que tudo produz, está privado de tudo que lhe é indispensável²⁴⁵.

Com a mudança da sede da redação do jornal para o Rio de Janeiro, à rua Sete de Setembro, nº 3, mesmo endereço onde, outrora, funcionava a redação do periódico *Novo Rumo*²⁴⁶, altera-se, também, o grupo editor da *Terra Livre*, com o acréscimo de outros

²⁴⁵ **A Terra Livre**. Ed. nº34. Mai.1907

²⁴⁶ "No Rio de Janeiro, o jornal *Novo Rumo* havia surgido de uma reunião entre anarquistas na Federação das Associações de Classe em novembro de 1905, no qual estavam Joel de Oliveira, Luigi Magrassi, José Romero, Alfredo Vasques, Salvador Alacid, Carlos Labacle, José Rodrigues, Antônio Moutinho, entre outros. O colóquio evoluíra para a formação de um grupo de afinidades políticas, que daria nome ao jornal". Cf. SAMIS, *op. cit.* Pg. 112.

companheiros anarquistas que antes colaboram com a redação do jornal carioca. Neno Vasco, que anteriormente era o maior redator das matérias publicadas, passa a dividir seu protagonismo com nomes como o italiano Luigi Magrassi²⁴⁷ e Manuel Moscoso, membro fundador do jornal que já morava no Rio de Janeiro e passa a ter uma participação maior na confecção de matérias e de novas listas de subscrição. A colaboração jornalística entre Neno Vasco e Luigi Magrassi vinha desde a experiência do jornal *La Nuova Gente*, um periódico libertário italiano com matérias em português, que teve duração brevíssima em novembro de 1903 em São Paulo, uma das tentativas fracassadas de publicação bilíngue, que contava com a colaboração inclusive de Giulio Sorelli, principal liderança sindicalista da época. Magrassi e Neno Vasco tinham posições idênticas em relação à participação anarquista nos sindicatos, sendo favoráveis, desde o período paulistano, às organizações sindicais de classe naquela perspectiva conhecida da ação direta²⁴⁸.

A administração do jornal também fora alterada. Para o lugar de Edgard Leuenroth, o cargo passa a ser ocupado pelo espanhol José Romero²⁴⁹, que seria de grande importância para a continuidade das publicações.

Já a partir do mês de maio de 1907, o periódico torna-se semanário e volta a desenvolver as mesmas críticas aos acontecimentos daquele momento e, também, a apresentar artigos de cunho doutrinário, como sempre desejava Neno Vasco em seus artigos para o jornal. Em grande parte, esse fato se deve ao aporte financeiro gerado pelo aumento das listas de subscrições.

²⁴⁷ Luigi Magrassi, nascido em Modena (Itália) em 1874, era um tipógrafo que tinha uma experiência consolidada na redação de jornais anarquistas, tendo participado da elaboração do periódico *L'Avvenire* em Buenos Aires, antes de ser expulso da Argentina em 1903, passando um tempo em Montevideo e depois migrando-se para São Paulo. Em 1904, decidiu morar no Rio de Janeiro, onde foi recebido por alguns amigos militantes e ali ficou até voltar para Buenos Aires em 1913, mantendo forte conexão com os grupos anarquistas de São Paulo. Agradeço ao professor Luigi Biondi pelas informações biográficas a respeito de Luigi Magrassi.

²⁴⁸ BIONDI, La stampa anarchica..., *op. cit.* Pg. 59.

²⁴⁹ Edgar Rodrigues em seu livro sobre Socialismo e Sindicalismo no Brasil faz seu relato sobre o anarquista: “José Romero Ortega, o conferencista, era um operário anarquista espanhol que viera criança com os pais para o Brasil na última década do século XIX. No Brasil perdeu seu pai e seus irmãos durante uma epidemia, tendo que deixar a escola e passar a ganhar a vida como operário têxtil. Frequentando comícios, e lendo a imprensa libertária torna-se anarquista em sua juventude. Participou da fundação do Grupo Dramático de Teatro Livre em 1903 e em 11 de novembro de 1905 estava no grupo de anarquistas que fundaram o jornal *Novos Rumos* durante reunião em homenagem aos mártires de Chicago na Federação das Associações de Classe na rua Senhor do Passo, 82, sobrado. No ano seguinte se tornaria o responsável pelo principal jornal anarquista brasileiro de então *A Terra Livre*, quando este mudasse sua redação de São Paulo para o Rio. Sem nenhuma dúvida pode-se considerar que Romero foi uma figura histórica importante do movimento anarquista no Rio, mantendo-se fiel às ideias ácratas até seu falecimento”. Cf. RODRIGUES, Edgar. **Socialismo e sindicalismo no Brasil (1875-1913)**. Rio de Janeiro: Ed. Laemmert, 1969. Pg. 110. Para o autor Cláudio Batalha, em seu Dicionário do Movimento Operário, José Romero tornou-se anarquista aos 18 anos ao conhecer o velho militante espanhol Domingos Fruitós, que veio para o Brasil. Era delegado do Sindicato Operário de Ofícios Vários, de São Paulo, onde participou do 2º Congresso Operário Brasileiro, em 1913. Cf. BATALHA, *Op. cit.* Pg.154.

Pessoas que, anteriormente, era doadores assíduos do jornal *Novo Rumo*, passam a doar ao novo periódico, que somada às doações já contabilizadas e coletadas pelo estado de São Paulo e outras regiões do Brasil, aumentam os valores doados substancialmente, conforme a figura 3 já exposta acima. Sobretudo a partir da edição de número 40, as doações crescem de maneira vertiginosa, atingindo somas acima de 250 mil réis.

As despesas com jornal, evidentemente, também aumentam em grande proporção, devido às publicações semanais do periódico. Os dados coletados pelas prestações de conta publicadas no fim das edições juntamente com as listas de subscrição voluntária, nos mostra que, em julho de 1907, cada edição custava ao grupo 140 mil réis por 4000 exemplares. Se consideramos que em junho do mesmo ano, foram lançados 5 edições naquele mês, o jornal totalizara um gasto de 700 mil réis. Era um gasto enorme para o grupo editor que sempre fazia questão de expor as dificuldades apresentadas, e, em algumas vezes, em um tom pouco cordial:

No próximo número publicaremos as listas de subscrição e o balancete. Aproveitamos para advertir que o déficit aumentou. Aos que recebem o jornal ha muito tempo e que nunca se lembraram de enviar ao menos alguma quantia, perguntamos se julgam que os tipógrafos trabalham de graça²⁵⁰.

Entretanto, não é de se espantar pelo tom dado pelo administrador José Romero. No próximo número onde é divulgado o balancete do mês de junho, o déficit se apresenta muito alto e o grupo editor apresenta muita dificuldade em amenizá-lo. O futuro da publicação semanal passa a correr risco, caso essa situação não fosse sanada rapidamente. Os valores ultrapassam a casa dos 470 mil réis. Mesmo com uma arrecadação alta, superando os 600 mil réis, o déficit, vindouro de edições anteriores parecia continuar. Ao final do segundo ano de publicação, as despesas com o periódico chegavam perto dos 600 mil réis, enquanto as doações, mostradas na figura 3, não totalizavam nem 100 mil réis. A situação era agravante, e nesse caminho, a decisão de abandonar a publicação semanal do jornal, foi tomada. A situação das despesas durante o segundo ano do periódico pode ser vista na figura 4:

²⁵⁰ A nossa situação (apelo aos camaradas) **A Terra Livre**. Ed. nº 39. Jun.1907.

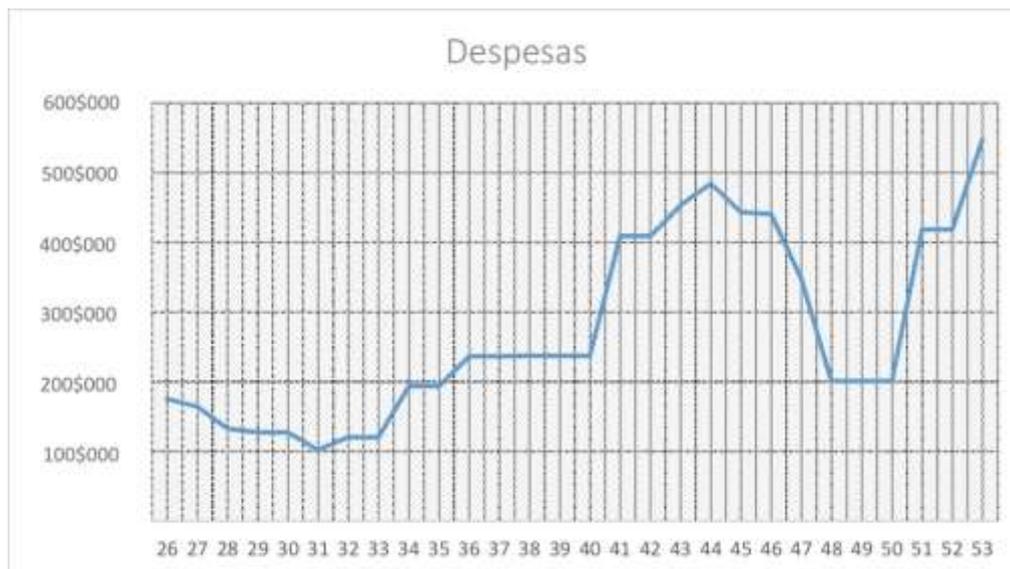


Gráfico 5 - Gráfico sobre as despesas durante do segundo ano de publicação

A desistência pela publicação semanal foi lamentada pelos editores na edição número 51 do jornal. Daquele momento em diante o mesmo não sairia mais semanalmente, e sua periodicidade seria quinzenal como em outros momentos de vida do impresso. José Romero, o administrador daquele momento, descreve a situação crítica que obriga o jornal a ceder pela publicação semanal:

A irregularidade que já existia na publicação da “Terra livre” aumentou ainda ultimamente com a mudança da tipografia, onde tínhamos um local para a redação. Em quanto não conseguirmos uma nova sede, o que torna difícil pelo preços dos aluguéis e pela escassez de recursos, a situação do jornal não será inteiramente regular. E menos será, se os companheiros nos abandonarem nesta emergência, agravando-se ainda o déficit²⁵¹.

Já na edição número 52, em novembro de 1907, outro fato relatado na seção Caixa do Correio, nos mostra que Neno Vasco deixara o protagonismo da redação do jornal *A Terra Livre*, para se dedicar a outros meios de propaganda anarquista e à criação de seu primeiro filho, fruto do casamento de Neno com a irmã do companheiro Manuel Moscoso, Mercedes Moscoso Vasconcelos. A vinda iminente do filho faz Neno optar-se por voltar a São Paulo, conforme relatado na sua biografia escrita pelo autor Alexandre Samis²⁵². Segue o trecho do jornal, a

²⁵¹ **A Terra Livre**. Ed. nº 51. Nov.1907.

²⁵² “No início do ano de 1908, Mercedes já tinha passado pela experiência do parto dando à luz a um menino de nome *Ciro*. A criança enchera de alegria a casa dos Moscoso Vasconcelos, e Neno passava mais tempo agora em São Paulo. Os cuidados com a educação do menino *Ciro* começaram muito cedo, sendo desenvolvido pela família em favor do crescimento de um indivíduo autônomo e preparado para as adversidades que se lhe apresentassem”. Cf. SAMIS, *op. cit.* Pg. 129.

respeito da ausência de Neno Vasco: “avizamos (sic) aos camaradas que não mandem correspondência a nome do companheiro Neno Vasco que se auzentou (sic) do Rio. A correspondência toda deve ser endereçada ao Gerente da “Terra Livre”, o camarada José Romero.”²⁵³

Em análise pelo terceiro ano de publicação nos mostra, mais um vez, a mudança da direção do grupo editor, ficando a cargo de Manuel Moscoso a gerência do periódico. O mesmo ainda era impresso no Rio de Janeiro, e contava com a supervisão e recepção das cartas advindas do estado de São Paulo, por Neno Vasco. Porém, devido mais uma vez a falta de listas de subscrições que contemplassem as grandes somas de despesas, ainda no meio do ano de 1908, o periódico volta a ser impresso e publicado em São Paulo, sob direção, de Neno Vasco e do companheiro Atílio Gallo²⁵⁴, conforme nos mostra uma coluna publicada na edição de número 63, em agosto de 1908:

A TERRA LIVRE passa a ter a sua sede em S. Paulo, devendo toda a sua correspondência – relativa à administração e redação – ser endereçada ao nome do jornal, sem indicação de pessoa. A correspondência pessoal para Atílio Gallo e Neno Vasco pode ser endereçada para a mesma caixa²⁵⁵.

As fontes coletadas dão conta apenas até a publicação número 64, em setembro de 1908; o jornal não foi mais publicado naquele ano, e este fato culminou no seu breve silêncio, durante todo o ano de 1909. Não sabemos se a condição financeira, agravada pelo déficit considerável presente nesta última edição catalogada em 1908, que se apresentava em 310 mil réis, corroborou para o silêncio. O que se pode determinar pela análise das fontes é sua última arrecadação de listas de subscrição dando conta de apenas 74 mil réis. Somado às diversas despesas com impressão, correio, entre outros, o déficit pôde chegar a esse valor acima citado. Porém, essa constatação não pode ser considerada como fator preponderante para o cancelamento provisório da publicação, haja vista que em diversos momentos o periódico sofreu com déficits esmagadores, inclusive maiores que este citado, e ainda sim os editores optaram pela continuidade da obra de propaganda.

²⁵³ **A Terra Livre**. Ed. nº 52. Nov.1907.

²⁵⁴ Atílio Gallo, anarquista, foi diretor da Biblioteca de Estudos Sociais, entre junho de 1904 e julho de 1907, localizada à Rua Doutor Climaco Barbosa nº 8A, no bairro Cambuci, conforme edições 18, 19, 21 e 47 da *Terra Livre*, entre 1906 e 1907. O anarquista continuou como redator de algumas colunas para o periódico, cobrador de assinaturas e organizador de listas de subscrição durante todos os anos de publicação do periódico.

²⁵⁵ **A Terra Livre**. Ed. nº 63. Ago.1908.

O jornal volta a ser publicado apenas em janeiro de 1910, com a alteração e apresentação de um novo grupo de editores. A impressão do periódico continua na cidade de São Paulo. O grupo editor é apresentado apenas como “A Administração²⁵⁶”. Mas, analisando as respostas destinadas à coluna “Caixa do Correio”²⁵⁷ podemos perceber que José Romero, pelo menos inicialmente, toma a frente na administração das subscrições. Na redação do periódico, conforme artigos assinados pelos redatores temos os nomes dos anarquistas Mota Assunção, Gigi Damiani, Ulysses Martins, Manuel Moscoso, entre outros. Na edição número 63, na seção “Expediente”, nos é apresentado com mais detalhes os editores, tendo como administrador o companheiro Francisco de Paula e leitor das cartas enviadas e parte da redação ainda o anarquista José Romero²⁵⁸. Este fato torna-se constante, pelo menos, até o segundo semestre do ano de 1910.

As últimas publicações do jornal, tomam conta o fim de 1910. A última edição, datada de 06 de novembro, vêm marcada pela intensa propaganda anarquista e denúncias contra os desmandos dos patrões e da realidade da comunidade trabalhadora no Brasil. Na seção expediente, pode-se ver o ritmo acelerado dos editores em manter a publicação em São Paulo:

Pedimos a todos os amigos sinceros, para que tomem interesse pelo jornal, fazendo-o circular quanto mais possível fôr. (...) Aceitamos correspondências para ser publicada, de qualquer ponto do Brazil. (...) Aceitamos polêmica com qualquer cidadão sério, que suponha ter sérias razões contra as nossas doutrinas. (...) A Terra livre por enquanto saíra quinzenalmente; logo que aumentar o número de leitores, saíra semanal. (...) Lembremos a todos os nossos leitores que de qualquer modo puderem auxiliar-nos, que não se façam esperar. Lembrem-se que não somos capitalistas e que da boa vontade de todos e de cada um é que este jornal poderá viver.²⁵⁹

E mesmo com estas declarações, após esta edição, o jornal não foi mais publicado em São Paulo. A análise pelas fontes, somente, não nos oferece uma resposta para o fim do periódico. Segundo o autor Alexandre Samis, os acontecimentos na política brasileira, somados aos inúmeros revezes na propaganda operária contribuíram para o esvaziamento deste e de outros jornais libertários, não só em São Paulo, mas na capital federal. Segundo o autor:

²⁵⁶ Expediente. **A Terra Livre**. Ed. nº 66. Jan.1910.

²⁵⁷ “Alacid, recebi sua carta. Podes enviar o teu folheto. Escreverei. Romero”. “Moscoso. Por que não escreves alguma para a Terra Livre? R.” Cf. Caixa de Correio. **A Terra Livre**. Ed nº 67. Fev. 1910.

²⁵⁸ **A Terra Livre**. Ed. nº 68. Fev.1910.

²⁵⁹ **A Terra Livre**. Ed. nº 75. Nov.1910.

No Rio de Janeiro o movimento revolucionário experimentava um certo refluxo desde o fim de 1909. A crise geral da economia, em parte, contribuía para o declínio das organizações operárias mais atuantes neste campo, situação esta que se prolongaria até 1912. A posse do marechal Hermes da Fonseca prepararia o país não apenas para expulsar mais imigrantes, mas para também impedir a entrada do “rebotinho social”, no caso dos anarquistas, também expulsos da República Argentina. (...) Os anarquistas viam-se assim mais uma vez ameaçados.²⁶⁰

Seguindo os passos de Alexandre Samis, podemos supor que o jornal deixara de circular, talvez por dificuldades financeiras, talvez por receio dos anarquistas que dirigiam o jornal naquele momento. Muitos eram imigrantes e temiam pela deportação do Brasil, desde 1907²⁶¹. Muitos já tinham famílias e temiam ser expulsos do Brasil e sofrer mais privações da que já sofriam diariamente. O resultado talvez contribuía para a desistência da publicação por parte dos editores.

3.3 A rede social: o coração, as mãos e a mente do jornal

Todo jornal libertário era um projeto coletivo, fruto da ação entre indivíduos dispostos à educação dos trabalhadores. Grupos com afinidades políticas semelhantes, a desejosos pela propaganda, organizavam-se com o intuito de estabelecer vínculos entre os trabalhadores dos mais diversos lugares do Brasil. O desejo era sempre pela mobilização do operário frente à sua condição de miséria.

Como dito anteriormente, o grupo de propaganda formado inicialmente para gerenciar um novo jornal, *A Terra Livre*, já era conhecido no meio anarquista. Tinham trabalhado arduamente na publicação de um outro jornal, *O Amigo do Povo*. O grupo de afinidade e propaganda até era conhecido por esse nome, segundo a autora Edilene Toledo²⁶².

Após o término da publicação, já em 1905, alguns dos membros remanescentes do grupo, o anarquista Neno Vasco, se juntou a outro libertário brasileiro, Edgard Leuenroth, para

²⁶⁰ SAMIS, *op. cit.* Pg. 140-141.

²⁶¹ “Em janeiro de 1907, é sancionado o decreto 1641, a chamada lei ‘Adolfo Gordo’, do homônimo deputado, que ‘regularizava a expulsão, de parte ou de todo o território nacional, dos estrangeiros que comprometessem a segurança nacional ou a tranquilidade pública. A partir daí a polícia paulistana vinha perseguindo os redatores de diversos jornais, com vigilância constante, detenções para esclarecimentos, depoimentos e arrolando outras testemunhas para processos que estavam sendo movido contra muitos anarquistas como: Oreste Ristori, Alessandro Cerchiai e Giulio Sorelli, por crime contra a segurança nacional.” Cf. ROMANI, Carlo. **Oreste Ristori**: uma aventura anarquista. Dissertação de mestrado – Universidade Estadual de Campinas, 1998. Pg. 141-142.

²⁶² TOLEDO. Edilene. *Em torno do jornal Amigo do Povo...*

fundar um novo jornal, agora com uma tendência maior pelo sindicalismo e pela ação direta²⁶³, como instrumento de luta pelos direitos dos trabalhadores. Para essa nova intentona convidaram outros colegas de luta, os também anarquistas Manuel Moscoso, na ocasião residindo no Rio de Janeiro, e Antônio Orellana, residente na capital paulista. Este foi considerado o primeiro grupo de propaganda que iniciara a publicação da *Terra Livre*. Mas não foram os únicos a ajudarem na confecção do jornal. Havia grupos distintos que, em determinados momentos, auxiliavam na produção de matérias para o jornal, na organização de listas de subscrição, na organização da biblioteca com textos libertários, na tradução de textos anarquistas que eram trazidos, sobretudo, da França e da Itália, na cobrança de assinaturas e na venda de jornais avulsos. Havia, de fato, uma rede concisa de trabalhadores organizados para a publicação do jornal. E é dessa rede devidamente organizada que vamos tratar a partir de agora.

As fontes consultadas para o levantamento de todos os nomes foram os jornais *A Terra Livre*, nossa fonte principal; os jornais *O Amigo do Povo*, de São Paulo e o *Novo Rumo*, do Rio de Janeiro; as biografias de Neno Vasco, Oreste Ristori e Edgard Leuenroth, já citadas anteriormente no texto; além das memórias de Edgar Rodrigues, transformadas em livro e já citadas no texto. A tentativa foi, sempre, mapear todos os trabalhadores presentes nas páginas dos jornais, buscando seus antecedentes, locais de trabalho e atuações libertárias. Porém, a maioria simplesmente desaparece após análise dos jornais. Sendo assim, muitos terão apenas seus nomes citados, não havendo condição alguma de traçar a trajetória militante dos mesmos. Aqueles onde o mapeamento é possível, serão mostrados devidamente ao longo do texto.

3.3.1 Os grupos de editores do jornal: o coração e a mente

O editor mais assíduo de praticamente todas as matérias no início da publicação de *A Terra Livre*, foi sempre o libertário Neno Vasco. Pela descrição de sua biografia, o anarquista se prontificava a escrever as matérias, traduzir os textos que chegavam de outros países e reescrevê-los colocando suas opiniões e impressões daqueles textos.

Mas já nas primeiras edições, algumas colunas são assinadas por outros anarquistas que serão os formadores do corpo editorial do jornal, ajudando Neno Vasco na confecção das

²⁶³ A autora Antoniette Oliveira nos discorre sobre o princípio da Ação Direta: No geral, os militantes de orientação anarquista acreditavam que bastava a conscientização política, via educação, para que, através do princípio da Ação Direta, chegassem à sublevação e, consequentemente, ao desmoronamento do capitalismo. Para os anarquistas sindicalistas, o princípio da Ação Direta perpassava não só pela educação, mas também pela organização do proletariado nos diversos tipos de associações operárias, meio de conscientizá-los dos seus direitos e força. Cf. OLIVEIRA, *op. cit.* pg. 14.

matérias dos jornais. Na primeira edição, assinando a coluna “*Do Brasil proletário*” temos o anarquista e companheiro de Neno Vasco, Luigi Magrassi. Na coluna ele relata os acontecimentos envolvendo os trabalhadores no Rio de Janeiro, local onde residia, e já ressalta uma discussão entre anarquistas da cidade e o socialista italiano Antônio Piccarolo, diretor do jornal socialista *Avanti!*, na ocasião de uma conferência que o italiano fora ministrar na capital carioca:

Esteve uns dias aqui o prof. Piccarolo, então director do *Avanti!* dessa cidade (São Paulo). Na primeira de suas duas conferências (...) alguns companheiros nossos tomaram a palavra sobre certos pontos expostos. Tanto bastou para que ele para ahi mandasse dizer que eram todos inconscientes! (...) Não observou ao Rio mais nada digno de sua crítica?²⁶⁴

Além de Magrassi, há a participação ativa do espanhol Antônio Escaño, operário da tecelagem, morador da cidade de Sorocaba, que ativamente contribuiu para as páginas da *Terra Livre*, relatando os acontecimentos sofridos pela comunidade operária presente em Sorocaba. Antônio Escaño também organizou muitas listas de subscrição, financiando parte das edições dos jornal. Maiores informações sobre sua participação nas listas será descrito posteriormente. Um dos trechos das denúncias pode ser verificado abaixo, onde Escaño denuncia os desmandos sofridos pelos operários tecelões em Sorocaba:

Com a grande abundância de operários estão as fábricas impossíveis, pelos abusos patronaes. Nas fábricas de Sorocaba o día de tabalho é de 14 a 15 horas e, em quasi todas, o máximo do salário com quatro teares, é de 70 a 80 mil mensais! A maior parte deste dinheiro, às vezes todo, fica nas fábricas, porque quasi todas têm venda própria, do qual operários, por falta de recursos, se acham obrigados a fornecer-se, embora os gêneros sejam mais caros e de peor qualidade. (...) Seria bem necessária uma campanha contra tanta infâmia²⁶⁵.

Outro companheiro anarquista, morador da cidade de Campinas, participou como um dos redatores no primeiro ano de publicação. Trata-se de Francisco Rios, membro assíduo do corpo de editores e organizador de listas de subscrição em sua cidade. Em uma de suas colunas, chamada “*Inimigos de si...e de todos*” ele trata dos trabalhadores que traem sua classe em nome de benefícios superficiais oferecidos pelos patrões. Nesta coluna o autor escreve:

Parece incrível, mas há trabalhadores que causam compaixão e ira ao mesmo tempo, vacilando tanto e reagindo mesmo para entrar na luta contra a actual

²⁶⁴ MAGRASSI, Luigi. *A Terra Livre*. Ed. nº1. Dez.1905.

²⁶⁵ ESCAÑO, Antônio. *A Terra Livre*. Ed. nº 1. Dez. 1905.

organização social, para conquistar os seus direitos tão sem razão arrebatados pelos açambarcadores do Capital, da sciencia e de tudo que produzimos. (...) Apesar de estes lhe roubarem o fruto do seu trabalho, o bem estar e a hombridade, inda vai como um cão, lamber as mãos que o fustigam e delatar aquelles que lutam pela liberdade própria e dos outros, para que todos tenham o que comer.²⁶⁶

Outros anarquistas ainda participariam como editores neste primeiro ano de publicação, em 1906. Nomes como Eduardo Vassimon, tipógrafo, um dos diretores da União dos Trabalhadores Gráficos de São Paulo e delegado da UTG no Primeiro Congresso Operário Brasileiro, realizado no Rio de Janeiro em 1906, conforme relatos presentes no livro de Edilene Toledo²⁶⁷. Vassimon também participou de várias organizações e comícios na cidade de São Paulo, tornando-se um dos grandes nomes do movimento anarquista na capital paulista. Para o jornal *A Terra Livre*, sob o pseudônimo “E.V.” ele escreve um artigo intitulado “*Velha História*” clamando os operários a uma nova mobilização que assolava o mundo trabalhador naquele momento:

*Sic transit*²⁶⁸. A velha história, com tudo que é ruim, pernicioso e inútil, há de passar, e não está londe o seu fim. Activando-se uma propaganda frutífera e agremiando elementos bons, apresentando os meios de combate mais prontos e enérgicos, não tardará que uma revolução universal aniquile essas velharias e iguale os homens, semelhante ao tufão que derriba as árvores carcomidas e as que se ostentam por demis orgulhosas a altaneiras. E a *velha história*, como o papão das crianças, desaparecerá para sempre.²⁶⁹

Outro delegado presente no Primeiro Congresso Operário, representando a Federação Operária de São Paulo, e também escritor assíduo do jornal *A Terra Livre*, e, posteriormente, o periódico o *Novo Rumo*²⁷⁰, fora o anarquista espanhol e tipógrafo Ulysses Martins²⁷¹. Este seria um dos grandes colaboradores do jornal durante toda sua vida, tanto em São Paulo, quanto no Rio de Janeiro²⁷². Como era membro dos conselhos de diversas instituições dos trabalhadores

²⁶⁶ RIOS, Francisco. *A Terra Livre*. Ed. nº3. Fev.1906.

²⁶⁷ TOLEDO. Travessias revolucionárias...

²⁶⁸ Assim tudo passa. Tradução livre do latim.

²⁶⁹ VASSIMON, Eduardo. *A Terra Livre*. Ed. nº 4. Fev.1907.

²⁷⁰ Para a autora Antoniette Oliveira, Ulysses Martins, em parceria com José Romero, administrariam o jornal *Novo Rumo* a partir de 1910, com o término da publicação da *Terra Livre*. Cf. OLIVEIRA, *op. cit.*

²⁷¹ Segundo Cláudio Batalha, além de tipógrafo, Ulysses Martins era professor de artes cênicas, ator e fundador do grupo dramático que operava no Centro Galego, em 1903. Atuou em São Paulo, antes de transferir-se para a então capital federal. Participou como redator dos jornais *Brazil Operário*, *A Greve*, *Novo Rumo*, para então escrever às páginas da *A Terra Livre*. Participou como um dos delegados representantes da Federação Operária de São Paulo no Primeiro Congresso Operário, em 1906. Cf. BATALHA, *op. cit.* Pg. 100.

²⁷² RODRIGUES. Edgar. *Op. cit.* Pg. 111.

durante a primeira década do século XX, gozava de grande prestígio entre os operários, sobretudo àqueles de orientação anarquista. Em um artigo, intitulado “*Actividade anarquista*”, Ulysses Martins expõe os ataques por ele sofridos, movidos pelo socialista moderado Pinto Machado²⁷³, que, em diversas edições da *Terra Livre*, é citado como “pseudo-socialista”²⁷⁴, “iconoclasta”²⁷⁵, “presidente pago duma associação operária”²⁷⁶. Ulysses escreve:

Está sendo muito censurada a actividade dos anarquistas no Rio de Janeiro. É por causa dessa actividade que Pinto Machado continua no seu jornal a referir-se à minha pessoa. Como, porém, não vivo do que dizem de mim, mas do producto do meu trabalho, deixo de responder à parte em que Pinto Machado se refere à minha pobre educação (...) Venha Pinto Machado discutir questões e não injuriar companheiros que nenhum mal lhe fizeram e cujo o único crime consiste em enfrentar os burgueses, em qualquer parte que se achem, com altivez, brio e independência²⁷⁷.

Na edição número 16, em 1906, uma nova coluna é apresentada no jornal sob o título “Crônicas do Rio”. Devido ao sucesso atingido pela coluna, esta permaneceria durante muito tempo sendo publicada no periódico. Um dos editores mais assíduos desta coluna fora o carioca Frederico Bessa. Não há muitas informações sobre o libertário, talvez esse seria algum pseudônimo de um libertário. Sabe-se, evidentemente, que era anarquista e membro do grupo de propaganda criador do jornal *Novo Rumo* no Rio de Janeiro. Para relatar os acontecimentos da cidade carioca e desenvolver uma crítica ao cotidiano dos trabalhadores desta cidade, o colunista envia diversas cartas que vão se transformar nesta coluna. Em seu primeiro escrito, Frederico Bessa nos fala da situação do jornal *Novo Rumo*:

Sucessor da *Greve*, periódico anarquista que há um anno cessou de publicar-se, apareceu o *Novo Rumo* que apesar dos obstáculos com que tem lutado, tem feito um bom trabalho de propaganda. Não tem sido só a falta de recursos monetários que tem impedido a saída periódica do jornal. A falta de trabalhos intellectuaes, o reduzido espaço de tempo que têm um ou dois camaradas

²⁷³ Segundo o autor Alexandre Samis, Antônio Augusto Pinto Machado, era um socialista moderado, na época presidente da União dos Operários do Engenho de Dentro, organização trabalhadora muito ativa entre os operários do Rio de Janeiro. O socialista não era bem visto pelos anarquistas que o acusavam de “pragmático” e de “impedir a verdadeira emancipação dos trabalhadores”, conforme publicado em uma edição da *Terra Livre*. Cf. SAMIS, *op. cit.* pg. 112. Para Cláudio Batalha, Pinto Machado fora operário tecelão, gráfico, repórter, jornalista, Capitão da Guarda Nacional e suplente de delegado de Polícia. Sua participação no movimento operário carioca foi ativa na reorganização da União Operária do Engenho de Dentro, a qual presidiu de julho de 1903 a início de 1909. Participou da comissão organizadora do 1º COB, em abril de 1906, no qual representou o Centro Artístico Cearense, defendendo a proposta derrotada de criação de um partido político operário. Cf. BATALHA, *op. cit.* Pg. 131.

²⁷⁴ **A Terra Livre**. Ed. nº 1. Dez.1906.

²⁷⁵ **A Terra Livre**. Ed. nº 2. Jan.1906.

²⁷⁶ **A Terra Livre**. Ed. nº 3. Fev.1906.

²⁷⁷ MARTINS, Ulysses. **A Terra Livre**. Ed. nº 4.Fev.1906.

interessados pelo periódico, trouxeram prejuízos bem grandes para o bom andamento da propaganda²⁷⁸.

Fechando as participações de editores que marcariam a presença no periódico neste primeiro ano de publicação, temos ainda mais um anarquista advindo do Rio de Janeiro, membro fundador do grupo de propaganda *Novo Rumo* e um dos participantes do Congresso Operário como delegado. Seu nome era Manuel Domingues de Almeida²⁷⁹, outro frequente colaborador do jornal, com matérias, depoimentos e listas de subscrição. Em uma coluna, intitulada “*Os parasitas*”, ele denuncia os inúmeros trabalhadores, membros das organizações trabalhistas do Rio de Janeiro, que se intitulavam socialistas, como Pinto Machado, já citado anteriormente, e que recebiam altas quantias pelos seus cargos exercidos nestas organizações proletárias, que, em teoria, deveriam ser cumpridos sem exigência de ordenados por parte do trabalhador.

Manuel Domingues os chamam de parasitas e escreve: “*Quem chamou de exploradores aos anarquistas, foi o Pinto Machado, que recebe da União do E. de Dentro ‘duzentos mil réis de ordenado’ e gratificações para excursões de propaganda (de propaganda?!) pelo interior do Brasil.*”²⁸⁰ Manuel se diz indignado com estes parasitas socialistas e promete buscar maiores informações com o intuito de “*desmascarar estes e outros indivíduos que por aqui se tornam nocivos à propaganda de nossos ideais.*”²⁸¹

Outros companheiros anarquistas, membros do grupo de propaganda “*A Terra Livre*” também participavam na confecção de artigos para o jornal. Libertários como Salvador Alacid, Guilio Sorelli, Orestes Ristori e Manuel Fernandes Casal, chegaram a escrever alguns artigos, antes da redação do jornal sofrer a mudança para o Rio de Janeiro.

Giulio Sorelli, que segundo a autora Edilene Toledo²⁸², eventualmente atendia pelo pseudônimo “*lucifero*” chegou a escrever uma série de artigos ao periódico usando este

²⁷⁸ BESSA, Frederico. **A Terra Livre**. Ed. nº 16. Set.1906.

²⁷⁹ Manuel Domingos Almeida era marmorista. Eleito em 1906, como 2º vice-presidente do Centro dos Operários Marmoristas, na diretoria que, em março de 1906, solicitou o registro no 1º Ofício de Títulos e Documentos e teve seus estatutos publicados no *Diário Oficial* nos termos do Decreto 173, de 10 de setembro de 1893. Cf. BATALHA, op. cit. Pg. 23.

²⁸⁰ ALMEIDA. Manuel Domingues. **A Terra Livre**. Ed. nº 20. Nov.1906.

²⁸¹ ALMEIDA. **A Terra Livre**. Ed. nº20.

²⁸² Para a autora, que realiza uma pequena biografia da trajetória do libertário dentro do movimento operário paulista, Sorelli já era, em 1902, um dos anarquistas mais conhecidos da cidade de São Paulo, segundo a polícia da cidade. Era membro fundador do grupo de propaganda que geriu o jornal *O Amigo do Povo*. Em 1906, passou a ser secretário da recém criada Federação Operária de São Paulo, onde fez grande propaganda em favor do sindicalismo revolucionário, bandeira que empunhou arduamente até idos de 1917, quando deixou a militância. TOLEDO. **Travessias revolucionárias**. Cap. 3.

pseudônimo. Nos artigos intitulados “*O Baile*”²⁸³, o autor usa, inicialmente de ironia, depois de duras críticas ao desperdício de tempo e energia que jovens operários gastavam participando de incessantes bailes promovidos pelos Círculos Sociais em toda cidade de São Paulo. Sorelli pensava que se a energia gasta nos bailes pelo jovem operário, fosse dispensada na propaganda pela sua “*emancipação econômica e moral*”, seria melhor aproveitada toda a sua energia vital. O operário, segundo ele, “*deveria sentir o dever, o direito de conquistar o que lhe pertence, e não perder o seu tempo e energias num inútil centro recreativo*”.

Na ocasião da mudança da redação para o Rio de Janeiro, outros personagens passam a protagonizar, junto de Neno Vasco e Manuel Moscoso, a escrita de alguns artigos de propaganda e cotidiano para o jornal. Os nomes já citados de Frederico Bessa, com sua coluna “Crônicas do Rio” e Salvador Alacid, vão ter suas participações recorrentes durante todo o ano de 1907. Outros nomes como César Mendes, Matilde Magrassi, Lucas Mascolo em São Paulo e Antônio Escaño em Sorocaba. O jornal também recebia artigos advindos de outros países e ajudavam os editores a relatar os acontecimentos que afetavam os trabalhadores e militantes pelo mundo. A título de exemplo temos os artigos do português Mayer Garção²⁸⁴ sobre os acontecimentos em Portugal e o militante de pseudônimo Gallos, sobre acontecimentos relatados na cidade de Macau, de propriedade de Portugal, localizada na China.

César Mendes era o pseudônimo usado pelo anarquista Mota Assunção ao escrever seus artigos, conforme constatação da autora Ângela Maria Roberti Martins²⁸⁵. Dada a mudança da redação, a participação de Mota Assunção, tornou-se mais ativa. Era um dos membros do grupo

²⁸³ LUCIFERO. *A Terra Livre*. Ed nº 26 e 27.

²⁸⁴ Para o autor Alexandre Samis, o anarquista português Mayer Garção foi de grande importância para a formação militante de Neno Vasco. Garção era um dos editores do jornal *O Mundo*, em 1901 e a *Lanterna* em 1903, em Portugal. Militou nas trincheiras anarquistas, até deixar a militância por decisão intelectual. Sua desistência foi lamentada por Neno em sua revista *A Sementeira*, em 1911, quando este já havia voltado a Portugal. Mayer Garção havia contribuído ao jornal *A Terra Livre* com impressões sobre o atentado de Madrid, contra o rei espanhol Alfonso XIII e sobre os acontecimentos do atentado ocorrido em Lisboa, com a morte do rei de Portugal, Dom Carlos I e seu filho e herdeiro, o príncipe Dom Luis Filipe. O atentado foi provocado por militantes republicanos, mas a polícia portuguesa mandou prender dezenas de anarquistas portugueses, sob a acusação de planejamento do regicídio. Cf. SAMIS, *op. cit.* Pg. 127-128.

²⁸⁵ A autora nos faz um breve histórico sobre a importância de Mota Assunção para o movimento anarquista brasileiro: “*Mota Assunção, imigrante português, chega ao Brasil, na companhia do pai e dois irmãos em 1887, período de crescimento da emigração lusa no país. (...) Foi no Brasil que o anarquista tornou-se homem, trabalhador gráfico e militante. Desde jovem envolveu-se com os movimentos operário e anarquista (...) onde colaborou intensamente em quase todos os periódicos editados no eixo geográfico Rio de Janeiro-São Paulo nas décadas finais do século XIX e anos iniciais do século XX. (...) Assinava seus trabalhos não apenas com o seu próprio nome, mas com os pseudônimos de Souvarine, Carrard Auban e Cesar Mendes. Em 1907, torna-se diretor e editor do Grupo Dramático Teatro Social, onde escreveu peças como O Infanticídio, A desforra dos vencidos e o Exemplo.*” Cf. MARTINS, Angela Maria Roberti. A experiência libertária de um português na Primeira República: uma análise da trajetória política e intelectual de Mota Assunção. In: **IX Seminário Internacional sobre emigração portuguesa para o Brasil**. Brasil-Portugal: pontes sobre o Atlântico. Rio de Janeiro: UERJ, 2013. p. 391-405.

de propaganda que fundara o *Novo Rumo*, e achava-se de acordo em manter o obra de propaganda escrevendo sobre diversos temas ao *Terra Livre*. Um dos temas mais recorrentes abordados por Mota Assunção estava as movimentações políticas realizadas na capital federal. Em um artigo, publicado na edição 36, em junho de 1907, ele fala da nova lei de expulsão dos imigrantes:

O lema que os politiqueiros e legalitários de todos os matizes procuram, de desviar o proletário brasileiro do verdadeiro caminho da sua emancipação, já começa a produzir seus resultados práticos. (...) E fez-se uma lei de expulsão. E mandou-se gente da polícia lançar a discórdia nas associações operárias. De que valeu, porém, tudo isso e mais todas as promessas do governo e todos os discursos da câmara em favor dos operários? Resigna-te e espera, trabalhador; confia nos poderes públicos, que são como Deus: sabem melhor o que tu precisas do que tu próprio²⁸⁶.

Outro editor desta nova fase do jornal fora Salvador Alacid, italiano, tipógrafo e anarquista, fundador do jornal *Novo Rumo*, conforme relato de Edgar Rodrigues em seu livro²⁸⁷. Alacid, há muito já dedicava à propaganda anarquista e havia participado com artigos ao *Terra Livre*, antes mesmo deste ter mudado sua redação para o Rio de Janeiro. Com a mudança, Alacid passou a ter um protagonismo maior na publicação, sendo que era um dos grandes propagandistas do ideal anarquista na cidade carioca. Neste artigo, publicado em junho de 1907, Alacid faz uma crítica aos trabalhos do *Grupo Dramático Teatro Social*, organização de teatro idealizada por anarquistas - entre eles o próprio Alacid - com o objetivo de desenvolver peças de teatro de cunho libertário para a educação dos trabalhadores do Rio de Janeiro. A maioria das peças eram apresentadas no palco do Centro Galego, localizado à rua da Constituição, atrás do quartel do Corpo de Bombeiros, no centro do Rio de Janeiro.²⁸⁸ Sobre a peça encenada, nos fala Salvador Alacid:

O drama “Antônio”, do camarada Guedes Coutinho e encenada pelo Grupo Dramático Teatro Social, salvo alguns senões na forma, está regularmente escrito, e algumas cenas estão bem compostas, mas falta dinâmica na sua composição. (...) O drama, apesar dos senões, revela aptidões para o teatro. Se quer ouvir um conselho de amigo e um camarada escute: não escreva para o público, não se importe com a maneira que o povo interpreta o teatro e a

²⁸⁶ MENDES, Cesar. **A Terra Livre**. Ed nº 36. Jun.1907.

²⁸⁷ “Italiano, operário, anarquista! Salvador Alacid já militava no Rio de Janeiro no dobrar do século 19. Em 1905 ajudou a fundar o jornal “Novo Rumo”, com José Romero, Alfredo Vasquez, José Rodrigues, Carlos Lebacle, Antonio Moutinho, João Benevenuto, Luigi Magrassi, Joel e Maria de Oliveira. Depois tomou parte na fundação de “A Guerra Social” em 1911, formando a sua equipe de redatores. Muito ativo, Salvador escrevia bem e falava com clareza em defesa de suas idéias”. Cf. RODRIGUES, Edgar. **Os companheiros**. 5 vol. Rio de Janeiro/Florianópolis: Ed. VJR-Insular. 1994-1997.

²⁸⁸ SAMIS, *op. cit.* Pg. 113.

arte. Elle é victima das tendências rotineiras e negativas. É preciso, pois, educa-lo. O teatro dos nossos dias é uma escola de vida e educar e instruir, eis o seu programa²⁸⁹.

Em todo o tempo de publicação dos jornais, é muito difícil perceber o papel das mulheres na participação do movimento anarquista, sobretudo se tomarmos a aparição das mulheres nas páginas do jornal *A Terra Livre*. Segundo a autora Samanta Mendes, em seu artigo “*O feminino no Anarquismo: as mulheres anarquistas em São Paulo na Primeira República (1889-1930)*”²⁹⁰, as pressões sofridas pelas mulheres anarquistas em sua luta pela emancipação, onde eram “*suprimidas de seus pontos teóricos e questões levantadas por elas, em um movimento muitas vezes machista e sexista*”²⁹¹ as faziam desaparecer das páginas dos jornais libertários.

Há, ainda, a questão da jornada dupla enfrentada pelas mulheres que necessitavam trabalhar para complementar a renda familiar, além de seguir os padrões da sociedade que exigiam delas um comportamento submisso sob a alegação do padrão de mulher “esposa-mãe-dona de casa”, assexuada e só dedicação aos filhos, ao marido e ao lar. Mesmo sob essas adversidades, podemos perceber a luta de algumas mulheres que sobrepuseram esta condição desfavorável e colocaram voz às seus cotidianos nas páginas dos jornais.

Ainda no primeiro ano de publicação d’*A Terra Livre*, houve uma mobilização por parte de algumas trabalhadoras, costureiras, em prol de sua classe e relatados nas edições nº 13 e 14 do jornal. O artigo, um manifesto às jovens costureiras de São Paulo, assinado pelas costureiras Tecla Fabri, Teresa Cari e Maria Lopes, pedia às costureiras uma postura mais enérgica de luta contra as difíceis condições de trabalho apresentadas. No manifesto elas pedem: “*meditai, reflecti bem, companheiras, pensai que, se vós mesmas não tratais de melhorar vossa sorte, ninguém se importará de vós!*”²⁹² Esse manifesto fora muito comemorado pelos redatores de diversos jornais libertários em São Paulo, mas a resposta ao protesto foi desanimadora. Na edição 19, a redação do jornal *A Terra Livre* lamenta a ida das costureiras ao gabinete do então prefeito de São Paulo, pedindo mudanças na carga horária de funcionamento das oficinas de costura espalhadas pela cidade, que tinham cargas horárias de 11 a 15 horas diárias. Para o

²⁸⁹ ALACID, Salvador. *A Terra Livre*. Ed. nº 35. Jun.1907.

²⁹⁰ MENDES, SAMANTA COLHADO. O feminino no Anarquismo: as mulheres anarquistas em São Paulo na Primeira República (1889-1930). In: *Anais do XIX Encontro Regional de História: Poder, Violência e Exclusão*. ANPUH-USP, 2008.

²⁹¹ MENDES, *op. cit.* Pg. 2.

²⁹² PAOLA, Francisco. Às jovens costureiras de São Paulo. *A Terra Livre*. Ed. nº 14. Ago.1906.

jornal, era de se esperar que a lista de pedidos não fora prontamente atendida, já que o prefeito atendia aos requisitos dos proprietários das oficinas de costura. Assim escrevia o jornal:

“Tiveram a coragem de pedir o que de direito lhes pertence a um indivíduo que, ainda não há muito, causou o assassinato e o encarceramento de alguns nossos irmãos de trabalho! E para que? Com sua petição, as costureiras mostraram grande falta de sendo prático e de vontade própria: em vez de se servirem das suas próprias forças, recorrer logo à autoridade, e ainda por cima ao prefeito! (...) O que é nosso, não o devemos mendigar, mas toma-lo como pudermos. Se não podemos hoje, tentaremos amanhã ou depois, agindo sempre. É, afinal, o único caminho.”²⁹³

Após este fato, poucas mulheres apareceriam nas páginas da *Terra Livre*, salvo exceção de alguns artigos publicados da anarquista Emma Goldman, e da redatora e ativista Matilde Magrassi, esposa do já citado anarquista Luigi Magrassi. Matilde, italiana e operária, era conhecida pelo seu ativismo na cidade carioca e vinha colaborando com os jornais libertários desde o ano de 1904 e foi fundadora do Novo Rumo e pregava nas folhas destes periódicos um novo modelo de ética para as mulheres²⁹⁴. Em um artigo publicado na edição número 37 da *Terra Livre*, Matilde Magrassi faz duras críticas aos crumiros, trabalhadores que “furam” a solidariedade dos trabalhadores em tempo de greve, em apoio aos patrões, ou por medo de perderem os empregos. No artigo ela compara os crumiros a “répteis, os mais imundos e asquerosos.” Ela escreve:

E só por ser egoísta e miserável, (o crumiro) favorece o patrão e atraiçoa seus companheiros porque sabe que continuando a trabalhar não será despedido, procurando sempre obter para si tão somente benefícios que ele acha mais positivos que os que possam resultar da greve que elle aproveitará sem pejo porque há entre os operários quem os permite. Benefícios que custaram sacrifícios enormes a seus companheiros. Infames!²⁹⁵

No jornal, outros inúmeros editores passaram por ele durante os quatro anos de sobrevivência do mesmo. Muitos escreveram apenas um artigo, outros tiveram uma produção vigorosa e contribuíram de maneira decisiva para que as edições do jornal tivessem a penetração desejada entre os trabalhadores, transformando o periódico num intenso trabalho de propaganda anarquista.

²⁹³ RAFAEL. Às costureiras de São Paulo. **A Terra Livre**. Ed. nº 16. Set.1906.

²⁹⁴ SAMIS, *op. cit.* Pg. 141.

²⁹⁵ MAGRASSI, Matilde. Os crumiros. **A Terra Livre**. Ed. nº 37. Jul.1907.

Nomes que são importantes nesta trajetória como Lucas Mascolo, italiano, residente na cidade de São Paulo e chegou a dirigir o jornal em suas últimas edições. Dono de uma escrita mais incisiva, convocava os trabalhadores a enviarem críticas, testemunhos de exploração e chamava os opositores a uma boa rodada de polêmicas.²⁹⁶ Outros nomes apareceriam nas páginas, como os dos gaúchos Cecílio Dinorá e Stephan Mickalski, militantes da cidade de Porto Alegre e colaborariam para a criação do jornal *A Luta*, localizado na rua dos Andradas nº64.²⁹⁷

Eram trabalhadores, mas também poderiam ser considerados jornalistas. Expunham uma realidade trágica dos trabalhadores e teciam seus comentários buscando sempre a verdade dos fatos expostos. Eram considerados o cérebro do jornal, colaboradores responsáveis pela organização da obra de propaganda.

Mas ainda faltavam as mãos do jornal, quem efetivamente doava dinheiro para que a obra pudesse ser perpetuada. É sobre este assunto que trataremos daqui em diante: as listas de subscrição, a efetiva rede social que gravitava em torno do jornal *A Terra Livre*.

3.3.2 Os doadores do jornal: as mãos, os operários d'A Terra Livre

Relatar as listas de subscrição, isto é, as listas de doadores de um jornal libertário não é uma tarefa fácil para o historiador. Não compete, simplesmente, de realizar uma lista simplória de todas as pessoas que doaram; é necessário estabelecer um nexo entre os doadores, marcar suas trajetórias através dos movimentos de doações, em suma, estabelecer *a sua própria história*. Porém, é extremamente complicado marcar estas trajetórias, quando os indivíduos não são contemplados pela memória coletiva, nem pelas narrativas dos militantes e estudiosos do assunto. Sendo assim, em muitos casos relatados nestas listas, os nomes aparecerão apenas uma vez, e, em muitos casos, será impossível elencar a trajetória desses doadores.

Pensando por esse aspecto lembramos as palavras tão desafiadoras da autora Maria Luiza Oliveira Ferreira²⁹⁸ e faz-nos pensar num seguinte dilema: como podemos *dar voz* a personagens até então relegados da nossa dita História? Como podemos acessar o cotidiano dessas pessoas simples – ou nem tanto - tão caras a nós, historiadores sociais?

²⁹⁶ **A Terra Livre**. Ed. nº75. Nov.1910.

²⁹⁷ CORREIO. **A Terra Livre**. Ed. nº 59. Abr.1908.

²⁹⁸ A autora nos revela o seu dilema já nas primeiras páginas de sua tese de doutorado: "*Onde encontrar mais vestígios sobre essas vidas, esses destinos marcados por tanta fluidez? Como escrever a história desses homens e mulheres, cujo viver escapa às narrativas, aos olhares da memória coletiva? Como ensinava o poeta, o historiador "veio para contar / o que não faz jus a ser glorificado / e se deposita, grânulo, / no poço vazio da memória". Mesmo sabendo impossível a tarefa, não será ela incontornável?*" Cf. OLIVEIRA, *op. cit.* Pg. 06.

Perguntas como essas, estão presentes no dia-a-dia da nossa profissão, principalmente daqueles que trabalham com a História Social: dar voz aos personagens desaparecidos dos documentos oficiais ou citados apenas para o uso de controle social²⁹⁹. Acessar essas vozes não se configura uma tarefa fácil e é necessário utilizar dos mais diversos tipos de fontes de pesquisa, sempre com o intuito de *mapear* as trajetórias dessas pessoas na sua luta por condições melhores de vida, posições políticas, pela liberdade entre outros tantos temas. A autora Maria Helena Machado, em seu livro *O Plano e o Pânico*, já buscava seu parecer acerca deste desafio de buscar “*a recuperação dos grupos sem história*”. Ela cita:

A ideia da recuperação de uma história dos grupos sem história, ou, melhor dizendo, daqueles cujos registros históricos que se fizeram na ausência dos interessados e sempre à sua revelia, tornou-se fórmula acadêmica e uma profissão de fé do historiador da vida social³⁰⁰.

Sobre esse aspecto, recuperar uma história envolvendo leitores e doadores de um jornal já extinto não pode ser remontada em sua totalidade, grande parte dado ao silêncio das narrativas destes personagens. Muitos aparecem nas páginas destes jornais apenas uma vez, em uma lista de um determinada edição e nunca mais são vistos. Outros já tem uma participação ativa nas doações, e, somado, a outras aparições, seja escrevendo alguma matéria para o jornal, seja enviando uma carta de solicitação de materiais de propaganda, torna-se mais fácil estabelecer a sua trajetória de militância atrelada ao jornal.

Para mapear estas pessoas foi necessário atravessar a dimensão do periódico em estudo e acrescentar outros caminhos capazes de solucionar o problema do desaparecimento dos personagens.

Era preciso buscar listas de subscrição em outros jornais contemporâneos ao nosso objeto de pesquisa: o jornal *A Terra Livre*. Para tanto, foi necessário, primeiramente, buscar as listas de subscrição presentes no jornal *O Amigo do Povo*, periódico de publicação anterior ao nosso objeto, porém caracterizado pela mesma trajetória dos editores e doadores da nossa fonte de pesquisa. Outro jornal também foi muito útil para o mapeamento das listas de subscrição: o jornal *Novo Rumo*. Este era publicado no Rio de Janeiro, no mesmo período de *A Terra Livre* e pôde nos fornecer informações sobre os doadores da capital carioca que, posteriormente, também seriam os formadores de outras listas de subscrição para a publicação. Somam-se a eles

²⁹⁹ NETO, *op. cit.* Pg. 22.

³⁰⁰ MACHADO, *op. cit.* Pg. 15.

outros jornais operários como a *Voz do Trabalhador* e *O Trabalhador Graphico*, também contemporâneos ao *Terra Livre*.

Importante dizer que o período para o estudo de todos esses jornais compreendia entre 1904 e 1910, perfazendo o período de publicação de nosso objeto de pesquisa.

Para organizar as listas de doadores, buscou-se dividi-las em regiões onde os doadores residiam ou trabalhavam. Foram organizados grupos e nomeados de acordo com a região ou atuação dos doadores. Foram organizadas, também, listas da capital paulista e carioca e listas da redação do jornal. Geralmente elas eram organizadas por militantes mais assíduos e serão representados, devidamente, em cada grupo selecionado. Todas as listas estão descritas nas próximas páginas.

• O GRUPO DE SÃO PAULO

As primeiras listas foram organizadas em São Paulo por *Edgard Leuenroth* e *Antônio Orellana*. Ambos eram residentes na capital e foram responsáveis pela coleta de fundos nos bairros operários nos períodos iniciais da publicação. Posteriormente, outros militantes começaram a organizar suas próprias listas e as enviavam para a redação. Na maioria das vezes, esses organizadores eram representados apenas pelos seus sobrenomes, sendo difícil sabermos nome e local de residência. Outros, por se apresentarem em outros círculos de militância, ou como publicadores de matérias, puderam ser identificados.

Figuravam nas organizações destas listas em São Paulo: *Attilio Gallo*, diretor do *Centro de Estudos Sociais do Cambuci*; A. Pereira, onde podemos inferir, supostamente, ser o militante *Astrojildo Pereira*, na época recém convertido ao anarquismo³⁰¹; *Francisco de Paula*, anarquista, escritor de algumas matérias ao jornal; o grupo de estudos *Germinal* e o grupo de estudos *Libertários do Bráz*, ambos em São Paulo; e os militantes mostrados apenas pelos seus sobrenomes, como *C. Garcia*, este um dos grandes organizadores de listas de subscrição, trabalhando ativamente para a manutenção do periódico; e outros militantes: *Tavani*, *José Sanz-Duro*, *V.J.C.*, *J. Peixoto*, *A. Guarnieri*, *Eduardo Vassimon*, *J. Batini*, entre outros.

Dessas organizações dos operários citadas acima muitas eram constituídas por alguns membros do grupo de redatores do jornal e por militantes que sofriam influência do jornal. No Grupo *Germinal*, por exemplo, temos nomes como *Attilio Gallo*, *Antônio Orellana*, *Lucas Mascolo*. No Grupo *Libertário do Bráz*, temos os nomes de *Luiz Camet*, *Julio Stefani* e *Luigi*

³⁰¹ RODRIGUES, Edgar. *Os companheiros*. VOL.1. Rio de Janeiro/Florianópolis: Ed. VJR-Insular. 1994.

Marino. No Grupo Il Pensiero Moderno temos nomes como *A. Bossi, G. Negri, L. Bellini*, entre outros.

Outros nomes de doadores estão presentes nestas listas de subscrição em São Paulo e merecem ser relatados: *Eugênio Leuenroth, C. Conrado, Achille Pozzi, A. Campana*, os irmãos *Pedro e Antônio Orellana, José Sanz-Duro, Batini, Mingacci, Manelli, J. Batini, A. Ghetti, Francisco O. Gomes, F. Norberto, C. Chela, J. Carrara, C. Garcia, A. Nascimento, F. Fiume, J. Benevenuto, José Romero, Pereira, F. Pace, P. Simões, G. Piccolo, Annita Sandri, Compañã, J. Corona, José Selles, B. Garré, Guerrero, C. Duarte, G. Agrimani, A. George, Ulisses Martins, José Rodrigues*, os irmãos *M. e R. Artacho, C. Zanotti, G. Angrimani, Lucas Mascolo, V.J.S., V.J.C., Raimondi, M.T. Pinto, A. Rebello, Francisco de Paula, Carmen Miguel, R. Barone, P. Alarcon, J.B. Tomás, J. Moreno Lopes, O. Baccheretti, Pascuale Somma, Valentino Muggiasca, João Latronica, Antônio Bartolo, Francesco Bogione, Giovanni Scala, Angelo Scala, M. D. Azevedo, Eurico da Silva, J. Stefani, Egidio Fagnani*, entre outros nomes.

• O GRUPO DO RIO DE JANEIRO

Grupo Novo Rumo

Juntamente com o grupo de São Paulo, os anarquistas presentes no Rio de Janeiro, deram sustentação à continuidade do jornal. Sem a contribuição desse grupo e sem a participação dos redatores envolvidos, muito da publicação do jornal estaria seriamente comprometida.

Já falamos muito da participação dos redatores presentes no Rio de Janeiro e que formavam, inicialmente a redação do jornal *Novo Rumo*. Muitos dos membros iniciais desse jornal, seriam, posteriormente, os administradores do jornal *A Terra Livre*, durante todo o seu tempo de publicação na capital federal.

Quase todos os redatores chegaram a também se mobilizar no sentido de organizar as listas de subscrição para o funcionamento do jornal. Como muitos eram amigos próximos a Neno Vasco, como *Luigi Magrassi e Manuel Moscoso*, estes ficavam quase que exclusivamente incumbidos de organizar listas. Outros nomes também relacionados à organização do jornal *Novo Rumo*, se empenhavam em financiar a *Terra Livre*, muito antes deste mudar sua redação para a capital. Aqui podemos citar os nomes de *Manuel Domingues Almeida, Olímpio Inhatá, Ulysses Martins e Salvador Alacid*.

Os militantes faziam uma força-tarefa para se organizarem e buscar fundos dentro de suas comunidades étnicas: *Ulysses Martins, Manuel Moscoso, Salvador Alacid e A.B. Lois* buscavam fundos nas comunidades de espanhóis e portugueses presentes no Rio; *Luigi*

Magrassi e Matilde Magrassi buscavam os fundos na comunidade italiana presente no Rio; *Manuel Domingues Almeida, Olímpio Inhatá, Mota Assunção e A.J. Morais* buscavam doações entre os brasileiros e portugueses. Este fato pode ser constatado se cruzarmos os doadores, sobrenomes e possível origem. Como haviam muitas listas entre os cariocas, a citação dos nomes torna-se extensa e desnecessária.

Com a ida da redação para o Rio de Janeiro e o término das publicações do jornal *Novo Rumo*, a administração, em conjunto, incorpora as listas que antes eram organizadas pelos militantes em separado e a organização das listas da administração passa a ser feita pelo militante *José Romero*. Todos os outros militantes que outrora eram organizadores, passaram a ser apenas financiadores das edições; seus nomes estavam presentes nas listas dali em diante.

Grupo Dramático Teatro Social

Este grupo era intimamente ligado ao grupo *Novo Rumo*, inclusive alguns membros circulavam entre estes dois grupos. O Grupo Dramático Teatro Social foi um grupo formado por militantes anarquistas responsáveis por organizar peças teatrais no Rio de Janeiro para os trabalhadores da cidade, seu centro de reuniões seria o Centro Galego, onde, em 1906, seria organizado o Primeiro Congresso Operário.

Segundo as memórias de Edgar Rodrigues, o grupo de teatro foi peça importante para a consolidação do anarquismo na cidade carioca. O autor nos lembra dos acontecimentos relativos à criação do teatro e do Centro Galego:

Não me foi possível determinar o ano em que este iniciou suas atividades, mas o fato é que o primeiro registro que consegui encontrar de eventos anarquistas em suas dependências foi a estreia, a 12 de outubro de 1903 do Grupo Dramático de Teatro Social. Fundado naquele mesmo ano na Associação Auxiliadora dos Artistas Sapateiros, localizada à rua dos Andradas, 87, também no centro do Rio, aquele grupo de teatro libertário apresentou naquela ocasião as peças *1º de Maio* (de Pietro Gori), *O Mestre* e *A Escola Social*. Seu primeiro ensaiador e organizador foi o gráfico anarquista espanhol Mariano Ferrer e o grupo inicialmente era formado por Antonio Monteiro, João Portas, Manuel Nogueira, Luís Magrassi (anarquista italiano que depois se mudou com sua mulher Matilde para Buenos Aires), José Sarmento, Manuel Antonio Domingues, José Garlemo, Carmen Ferrer, Dolores Ribas, Francisca Morais, Ernesto e Armando Portas e a menina Pillar Tata. A orquestra que acompanhou a representação era predominantemente feminina, sendo o elemento masculino representado por Francisco Leal, Luiz Silva, Silvestre Machado e Gabriel de Almeida³⁰².

³⁰² RODRIGUES, Edgar. **Socialismo e Sindicalismo no Brasil**. Pg. 98.

Muitos anarquistas vinculados ao Novo Rumo passaram pelo teatro, seja como atores, propagandistas ou diretores. Além dos nomes já citados pelas memórias de Edgar Rodrigues, ainda temos os nomes de José Romero e Mota Assunção, que segundo a autora Ângela Maria Martins, tornou-se diretor do grupo em 1906 e passou a colaborar com o teatrólogo Mariano Ferrer em 1907³⁰³.

Durante muitas vezes o grupo teatral organizava festas e peças teatrais onde o valor recebido com as entradas era totalmente revertido à propaganda feita pelo jornal *A Terra Livre*. Essas festas eram relatadas pelo jornal e as listas de subscrição recolhida pelas entradas nas peças de teatro, divulgadas amplamente³⁰⁴.

Em uma destas listas podemos evidenciar alguns nomes de frequentadores das peças do teatro, alguns marcados apenas pelos seus sobrenomes: *Lacerda, Nogueira, Araújo, Raul, Junior, Dario, Bernardo, Hilario, Ildefonso, Correa, Luiz, Teodorico, Onilio, Campo, Paiva, Achilles, Leonel, Duarte, Alarico, Artur, Almeida, Rufino, Galdino, Correa Jr, Sandes, Moreira, Agostinho e Andrada, Messias e Dantos, Salvito, Chaves, Messias e Simas*.

Outras cidades do interior do Rio de Janeiro também participavam com listas de subscrição como Caxias, Petrópolis e Niterói.

- **O GRUPO DE SANTOS**

Segundo o autor Edgar Rodrigues³⁰⁵, já no ano de 1904, foi organizado em Santos uma das primeiras sociedades anarquistas do estado de São Paulo, denominada *Sociedade Primeiro de Maio*. Dela faziam parte operários anarquistas que, posteriormente, seriam grandes financiadores da maioria dos jornais libertários publicados em São Paulo. Desses nomes, grande parte organizara listas de subscrições para *A Terra Livre*. Destes podemos destacar os colaboradores: *Luiz La Scala, Serafim Solé, Severino César Antunha, Eládio César Antunha, Alexandre La Scala*, entre outros.

A cidade de Santos, muito por conta da construção do porto e da chegada da imigração em massa de estrangeiros, tornou-se uma incubadora dos primeiros movimentos em favor das greves envolvendo operários no Brasil³⁰⁶. Uma greve em especial, a ocorrida em 1891, a primeira greve de cunho geral em uma cidade ocorrida no país, foi crucial para a formação do

³⁰³ MARTINS, Angela Maria Roberti. *Op. cit.* Pg. 399.

³⁰⁴ **A Terra Livre**. Ed. Nº 52. Nov.1907.

³⁰⁵ RODRIGUES. **Socialismo e sindicalismo no Brasil**. Pg. 79.

³⁰⁶ Segundo a autora Maria Lúcia Gitahy, desde o ano de 1877 já havia acontecido greves reivindicando melhores salários e condições de trabalho por parte dos carregadores de sacas de café no porto de Santos. Durante a década de 1890 era em Santos onde ocorria o maior número de greves fora da Rio de Janeiro. *Cf. GITAHY, op. cit.*

movimento operário santista³⁰⁷. Após a organização das primeiras greves, começaram a surgir diversas organizações socialistas pela cidade, como o primeiro manifesto socialista a circular, datado de 1886, o jornal *O Socialista*, que fora publicado em 1888, o lançamento do Partido Operário, em 1891³⁰⁸. Com a virada do século XX, os jornais impressos na capital voltaram suas atenções ao movimento operário de Santos. O grupo socialista organizador do jornal *Avanti!*, em 1901, já havia percebido o terreno fértil para suas ideias em Santos. Poucos meses depois, Alceste D'Ambris, imigrante italiano, propagandista e principal redator do jornal, faz um excursão de propaganda buscando trazer novos leitores para o seu jornal. Em 1904, nas páginas do jornal *O Amigo do Povo*, já eram publicadas listas de subscrição advindas de Santos³⁰⁹.

No jornal *A Terra Livre*, no seu segundo número, em janeiro de 1906, já configuram listas de subscrições advindas de Santos; e elas continuariam a aparecer durante toda a atividade de jornal. Os operários da cidade, anarquistas ou não, sempre contribuíram com *A Terra Livre*, sejam com matérias que ilustravam o cotidiano de luta dos trabalhadores da cidade, seja com a organização das listas de doações. No primeiro ano da publicação, ainda na cidade de São Paulo, a participação dos trabalhadores de Santos era mais ativa, talvez pela proximidade da capital com a cidade santista. Com a mudança da redação para o Rio de Janeiro, a contribuição dos operários santistas se torna um pouco mais tímida, fato que ocorrerá até o término da circulação do jornal, mas nunca houve a cessação das doações por parte do movimento operário santista.

O nomes dos organizadores das listas de subscrição, efetivamente vão ao encontro dos membros fundadores das organizações em prol dos trabalhadores da cidade, segundo a autora Maria Lúcia Gitahy³¹⁰. Edgar Rodrigues, em suas memórias nos relata os líderes de umas dessas organizações, a sociedade Primeiro de Maio. Para o autor, os fundadores eram os irmãos *Severino Fernandes Antunha*, *Eládio César Antunha* e *Florentino Fernandes Antunha*; os irmãos *Luiz La Scala*, que se tornaria, posteriormente, vereador da cidade de Santos e *Alexandre La Scala*; *Serafim Solé*, conferencista; e o anarquista *João Faria*³¹¹. Todos os militantes acima citados contribuíram com o jornal *A Terra Livre*, seja organizando listas de subscrição, como o

³⁰⁷ *Id ibid*, op. cit. Pg. 59.

³⁰⁸ *Id ibid*, op. cit. Pg. 60.

³⁰⁹ *Id ibid*, op. cit. Pg. 61.

³¹⁰ Nas palavras de Maria Lúcia: “Em abril de 1904, dezesseis trabalhadores da indústria de construção reuniram-se em Santos e resolveram organizar um sindicato (...). Dias depois, com a presença de um grande número de pedreiros, pintores e carpinteiros, funda-se a sociedade Primeiro de Maio. O primeiro presidente foi Salvador Fernandes Antunha. Em 1906, os militantes de Santos, publicam, constantemente, no jornal *A Terra Livre*, denunciando arbitrariedades patronais.” Cf. *Id ibid*, op. cit. Pg. 63.

³¹¹ RODRIGUES, Edgar. **Socialismo e sindicalismo no Brasil**. Pg. 79.

caso dos irmãos La Scala, seja produzindo artigos denunciando a situação dos trabalhadores em Santos, como o caso de Serafim Solé e Severino Antunha.

Outros militantes que destacavam-se na organização de listas de subscrição advindas de Santos são: *Nilo Ferreira, M. Gonzalez, Luiz Bento, Manuel Fernandes Casal, Antônio Marques, Alcides Santos e Francisco Ballarino*. Muitos nomes também figuram na doação de valores para o jornal, convertendo em uma grande parte da comunidade operária e simpatizante do ideário do jornal. Podemos elencar alguns nomes aqui, pois a lista de doadores da cidade de Santos é extensa: *J. Martinez, T.L. Marques, Antônio da Silva Rabello, A. Teixeira, M. Mesquista, J. Perez, A. Carpinteiro, A.P. Pombo, M.R. Alves, A.F. Miguel, J. Fonseca, M.B. de Sousa, João Pinto Oliveira, Primitivo Rodrigues Soares* (que posteriormente adotaria o pseudônimo de Florentino de Carvalho), *C. Reis, A. Pinheiro, Saturnino Fernandes, Matea Gracia, J. Tiago, J. Malavasi*, entre muitos outros militantes.

• OS GRUPOS DO INTERIOR

Campinas

A cidade de Campinas também teve sua participação importante para a sustentação das edições do jornal *A Terra Livre*. Apesar dos escassos trabalhos envolvendo a organização dos trabalhadores em Campinas, nas páginas do jornal percebe-se uma organização distinta dos operários daquela cidade buscando melhores condições de vida nas fábricas. Por diversas edições, podemos pincelar alguns enxertos que ilustram as condições das fábricas em Campinas.

Já no segundo número d' *A Terra Livre*, o anarquista José Romero relata a fundação de uma Liga Operária em Campinas, que fora iniciada em 06 de janeiro de 1906. Essa Liga tinha como objetivo “*cuidar dos interesses da classe trabalhadora daquela cidade*”. A diretoria dessa recém formada Liga contava com os nomes: *Arsenio Pompilio de Camargo* (presidente), *Manuel José de Abreu* (tesoureiro), *Jorge Closel, José Fernandes, Lourenço Lüders, Jayme Oppermann, Alfredo de Almeida e Bernardo Antônio de Sousa* (conselheiros). Ainda segundo o redator da notícia, a seção para o início dos trabalhos da Liga, contava com cerca de trezentos operários³¹². Com um número considerável de participantes para a formação da Liga, podemos admitir que o movimento operário em Campinas era atuante e contava com uma sensível

³¹² ROMEIRA, José. Do Brasil proletário. *A Terra Livre*. Ed. Nº2. Jan.1906.

organização, assim como outros logradouros do estado, como São Paulo e Santos, por exemplo. A participação dos operários de Campinas na vida do jornal, tornou-se mais intensa quando, entre março e abril de 1906, estourou a greve na Companhia Paulista de trens em Jundiaí, Sorocaba e Campinas³¹³.

As listas de subscrição contavam com doações da diretoria acima citada, mas, também, eram compostas por outros operários que, decerto, participaram da fundação da Liga Operária de Campinas. Outros nomes que figuram como organizadores das listas de subscrição dentro da cidade são: *C. Berling, H. Serra, Francisco Gonzalez, J.A Marques, Francisco Rios* (também redator de algumas matérias para o jornal), *A. Astolfi, R. Durão, V. Mezzalira, João Dias, M. Teixeira, José Garcia, L. Fernandes, J.M. Barbosa, Hermogenes, José Piovesan, Henrique Serra, J. Pessagno, M. Gustafsen, Macario Fernandes e S. Echenique*.

Sorocaba

A cidade de Sorocaba participava, quando tratamos de doações para o jornal, com a colaboração assídua do militante anarquista espanhol *Antônio Escaño*. Ele era o responsável pela maioria das listas de subscrição enviadas por aquela cidade, além de ser o correspondente do jornal para os assuntos das fábricas de Sorocaba. A participação dele na atividade do jornal, coincidiu com a atuação dos trabalhadores de Sorocaba no periódico. Antônio Escaño, denunciava as arbitrariedades presentes nas fábricas têxteis, sobretudo na fábrica Votorantim, o abuso do trabalho infantil e feminino e, claro, as extensas jornadas de trabalho que ultrapassaram as 12 horas. Na edição número 24, de janeiro de 1907, o correspondente faz um breve relato sobre a situação dos operários e da cidade de Sorocaba como um todo:

Sorocaba é uma cidade que aparenta ter 30000 habitantes, mas suas ruas não são calçadas, dando a aparência de um agreste. Tem 4 fábricas de tecidos, parte da oficina de pintura e carpintaria da Sorocabana (*Companhia Estrada de Ferro Sorocabana*, grifo meu), a oficina de luz electrica, 1 fábrica de chapéus, 1 fábrica, além da fábrica de tecidos Votorantim, num lugarejo pouco distante de Sorocaba. A fábrica é quasi exclusivamente constituída por operários tecelões. (...) O horário é de 6 horas da manhã às 8 e ½ da noite, com 1 hora para o almoço e outra 1 hora para o jantar. (...) O pessoal na sua maioria é constituído por mulheres e crianças. (...) Sucede, diga em desvantagem dos operários, que estes muitas vezes não ousam reclamar contra as irregularidades. Esta cobardia, este acanhamento, que é facilmente explicável em seres cujo o pão depende da vontade ou do capricho de outros, nem por isso deixa de ser um forte inimigo dos trabalhadores.

³¹³ ESCAÑO, Antônio. Do Brasil proletário. *A Terra Livre*. Ed. Nº 7. Abr.1906.

Em um outro momento o militante Antônio Escaño, mais uma vez, relata sobre a situação do trabalho infantil e de sua exploração por parte das fábricas têxteis de Sorocaba:

Tenho-me ocupado, na “Terra Livre”, da situação triste dos operários tecelões de Sorocaba; hoje apenas falarei das crianças, submetidas por atroz contradição, precisamente aos trabalhos mais brutais e antihigiênicos! Nestes antros onde nunca entrou a higiene preparam-se activamente candidatos á tuberculose. Que horrível sociedade esta, em que a produção, guiada pelos interesses particulares antagônicos, pela avidez do lucro que nada comove, tritura e arruína trantas vidas em botão! Facto natural na organização capitalista: a criança é mais barata, e é o burguez que regula a produção em proveito próprio. Há aqui fábricas que ocupam grande número de crianças de 7 a 8 anos, começando trabalho ás 6 da manhã e acabando ás 8 e ½ da noite pelo menos; em algumas acaba ás 10. (...) Assim, uma criança ganha 300 a 500 réis! Trabalha 14 a 15 horas!

Nas listas de subscrição organizadas por ele, figuravam, possivelmente, os trabalhadores da fábrica de Votorantim, da Companhia Sorocabana e de outras regiões próximas de Sorocaba que poderiam colaborar com o jornal e aumentar o número de leitores. Os nomes que apareciam nestas listas: *P. Munõn, E. Gonçalves, C. Regles, C. Mesias, A. Gomes, J. Sanches, J. Morais, A. Marques, A. Garcia, J. Caro, J. Garrido, M. Pelegrini, A. Prado, J. Victorino, F. Rodrigues, J. Mordeno.*

Salto e Itu

Assim como em Sorocaba, as cidades de Salto e Itu tiveram uma participação significativa dentro do movimento operário de São Paulo, sobretudo se considerarmos os financiamentos dos jornais publicados na capital paulista. As cidades possuíam correspondentes que, em vários momentos da vida do jornal *A Terra Livre*, enviaram seus depoimentos sobre as condições de vida dos trabalhadores da região, bem como listas de subscrição. Os redatores do jornal já contavam como certas as doações e estranhavam quando as listas começaram a “minguar” por parte destas duas cidades. Fato esse fora noticiado nas páginas do periódico, na seção Caixa de Correio. Dizia: “*Salto de Itu, Rio Claro, Jundiahy e outras localidades do Estado de S. Paulo – Camaradas: esqueceram-se completamente de nós? Nem uma correspondência ou lista ao menos!*”³¹⁴

As listas de subscrição das cidades de Salto e Itu geralmente eram enviadas diretamente da redação e ficavam sob a guarda de algum militante da cidade. Por este fato, a maioria das listas não tinham organizadores, sendo difícil ter o conhecimento dos portadores das listas. Em

³¹⁴ ESCAÑO, Antônio. Do Brasil proletario. **A Terra Livre**. Ed. Nº 52. Nov.1907.

algumas figuravam dois principais organizadores, os militantes *J. Gonzalez* e *J.P. Barrote*. Gonzalez, inclusive, chegou a ser membro ativo da Liga dos Operários da cidade de Salto, segundo artigo publicado no jornal *A Terra Livre* em novembro de 1906:

Constituiu-se uma Liga Operária que, em reunião de 20 de outubro, escolheu duas comissões de propaganda, resolveu fazer as suas publicações regulares na ‘Luta Proletária’ e no ‘Avanti’ e comunicar a fundação da liga á imprensa livre. O companheiro J. Gonzalez incitou os presentes a uma activa propaganda na fábrica e na família, e fez um apelo em favor da imprensa livre e independentem que os operários devem ajudar para que possa fazer face á imprensa patronal e mercenária.

Outras localidades:

Havia outras localidades dentro do estado de São Paulo que podemos citar com o objetivo de ilustrar a penetração do jornal em diversos logradouros do estado, sendo um grande veículo de comunicação da classe operária. As listas de subscrição eram enviadas de muitas cidades e aumentavam sua assiduidade quando os acontecimentos afetavam diretamente a segurança dos trabalhadores.

Jundiaí: geralmente as listas eram organizadas pelo operário *Armenio Ramos*. Na edição 47 do jornal, aparece uma lista capitaneada pela Liga Operária de Jundiaí. Nessas listas apareciam os nomes de: *J.M. Madeira, A. de Mello, L. Martins, D. Lopes, J.T. da Costa, S.F. Pulheiro, C. Bycinki, J. Lucchese, S. Marques, J. F. Bogalho, J. Pereira, T.F. de Campos, S. Chiavelli, G. Nacarato, A. Salvo, F. Ferracine*, entre outros nomes.

Santa Rita do Passa Quatro: houveram muitas listas enviadas desta cidade em apoio ao jornal. Nos nomes das listas sempre estavam presentes italianos, dando a entender uma presença em massa de imigração italiana na cidade. Tal motivo deve-se ao fato, talvez, pela proximidade da cidade das fazendas de café presentes em Ribeirão Preto, grande centro produtor do estado de São Paulo. Nestas listas não apareciam organizadores e foram mais presentes no primeiro ano de publicação do periódico. Após esse momento as listas cessaram, talvez pelo fato da migração da comunidade italiana para as regiões próximas à capital; é difícil realizar essa conclusão devido à carência de fontes que provem tal fato. Nessas listas apareciam os nomes: *J. Ghilarducci, V. Greggio, G. Cavalli, G. Bellon, V. Fener, A. Misquio, G. Fener*, entre outros.

Limeira: da cidade de Limeira houve apenas uma lista, presente na edição 16 do jornal. A lista era organizada pelo operário *J.H. Martin* e contava com os seguintes nomes: *P. Boldrini*,

J. Lombardo, L. Rossi, J.F. Cintra, D. Juliano, C. Ângulo, E. Boldrini, J. Livalde, M. Soler e M. Rissate.

Jaú: a edição de número 36 conta com a única lista enviada da cidade de Jaú por trabalhadores: *B. Castelli, C. Castellini, C. Ghersel, A. Guerrini, M. Del Cosso, A. Maiana, I. Marchesan, F. Bonilha, Iefte Castelli e Blaudina Castelli.* Observando os nomes presentes na lista, a mesma fora organizada por membros de uma mesma família, decerto leitores simpatizantes do jornal.

Taubaté: no primeiro ano de publicação, os trabalhadores da cidade não haviam ainda participado com listas de subscrição. Com a ida da redação do jornal para o Rio de Janeiro, os trabalhadores passaram a contribuir com as edições do jornal e inclusive enviar depoimentos das condições de trabalho na cidade³¹⁵. Em uma dessas listas o organizador era o trabalhador *J. M. Godoy* e tinha como doadores: *C. Valverde, J. Da Cunha, R. De Castro, C. Rezende, J.H. Cassiano, J.A. Oliveira, G. Valentini, A. Silva, J. Gullape, B. Marcondes, R.M. Godoy.*

Em São Paulo haveria outras listas advindas de Rio Claro, Araraquara, Agudos, Cravinho, Piracicaba, Bebedouro, São Bernardo, Mogi das Cruzes e Ribeirão Pires. Todas continham apenas uma ocorrência e poucos nomes a serem relatados. Mas a presença destas cidades fora importante para mapear o alcance do jornal em quase todas as regiões do estado.

• O GRUPO DO PARANÁ

É curioso, pois, as maiores participações para o jornal *A Terra Livre* advindas do estado do Paraná, não partiram da capital Curitiba. A maior quantidade de doadores estava localizada no interior do estado, sobretudo em regiões onde havia a maciça presença de imigrantes italianos.

Um dos fatos mais importantes que atestam este fato foi a presença da colônia Cecília, uma colônia de imigrantes italianos, ligados ao anarquismo que se instalou no interior do Paraná, próximo à cidade de Palmeira. A autora Isabelle Felici, em seu artigo “*A verdadeira história da Colônia Cecília de Giovanni Rossi*”, nos faz um breve histórico sobre este empreendimento histórico da presença do Anarquismo no Brasil:

A colônia Cecília, experiência que buscou pôr em prática os princípios anarquistas e que nasceu em 1890 no estado do Paraná, é o aspecto mais

³¹⁵ **A Terra Livre.** Ed. Nº23. Dez.1906. Na ocasião, o correspondente denunciava a presença de inúmeras irmandades católicas nas quais o operariado era filiado e se submetia aos desmandos dos líderes, em sua maioria, padres, empresários e advogados. O correspondente pedia uma organização livre do clericalismo e voltada à luta pela emancipação do operariado.

conhecido do anarquismo italiano no Brasil. (...) Iniciou-se com a vinda do anarquista Giovanni Rossi e de outros companheiros, imigrando-se da Itália e instalando-se numa região a 18 quilômetros da cidade de Palmeira, em abril de 1890. Os pioneiros vieram para preparar a experiência e a vinda das cinquenta famílias que prometeram juntar-se a eles. Os pioneiros já estavam previamente informados sobre a geografia, as condições climáticas, os hábitos na agricultura do país e o itinerário habitual das famílias que imigraram para o sul do Brasil. Instalaram-se na região e organizaram-se para obter o sustento e o desenvolvimento da colônia. (...) O empreendimento durou até 1895, após diversos problemas envolvendo alimentação, jornadas de trabalho árduas e conflitos com outros moradores da região da colônia, que obrigaram o governo do Paraná a confiscar as terras e expulsar os colonos italianos que residiam ainda na propriedade³¹⁶.

A experiência da colônia deixara profundas marcas no movimento anarquista brasileiro, sobretudo em São Paulo, onde grande parte dos colonos expulsos engrossaram a luta anarquista na capital e a redação dos jornais da cidade³¹⁷.

Com o fim da colônia, podemos também afirmar que muitos imigrantes se instalaram nas cidades próximas ao antigo território, sobretudo nas cidades de Palmeira, Ponta Grossa e Ipiranga, todas ainda no estado do Paraná. Esse fato pode ser constatado pelas inúmeras listas de subscrição assinadas por nomes de italianos que eram enviadas destas três localidades.

A maioria das listas eram organizadas por dois militantes, talvez ex-moradores da colônia Cecília: *Pedro Colli*, morador da cidade de Palmeira e *J. Reina*, morador da cidade de Ipiranga. Em Ponta Grossa, as listas eram organizadas pelo italiano *Alfredo Mazza*.

Alguns trabalhadores, em sua maioria italianos que ajudaram a financiar as edições do jornal: *J. Reina*, *C. Reina*, *C. Giovanetti*, *A. Lara*, *O. Constante*, *U. Garriga*, *A. Filipe*, *F. Fagundes*, estes da cidade de Ipiranga; *J. Lottieri*, *Z. Agottani*, *C. Carzino*, *P. Colli*, *C. Mezzadri*, *P. Bornanzin*, *Ganassoli*, *A. Artusi*, *S. Minardi*, *F. Nicoló*, *J. Lottici*, *P. Bornancim*, estes da cidade de Palmeira; *L. Cavagnari*, *L. Bruel*, *F. Gottardello*, *A. Borsato*, *F. Petrucci*, *E. Gambasi*, *V.A.P. Cruz Celeste Turra*, da cidade de Ponta Grossa.

• O GRUPO DO RIO GRANDE DO SUL

O grupo de doadores do estado do Rio Grande do Sul, estava concentrado em Porto Alegre, e gravitava em torno da redação do jornal *A Luta*. A autora Isabel Bilhão nos fala sobre o periódico:

³¹⁶ FELICI, Isabelle. A verdadeira história da colônia Cecília de Giovanni Rossi. In: **Cadernos AEL**. Número 8/9. Campinas: Ed. Unicamp. 1998

³¹⁷ *Id ibid.* Op. cit. Pg. 10.

No ano de 1906 dá-se a fundação do jornal anarquista *A Luta*, retomando o nome de um extinto jornal que circulou na cidade do final do século 19. O jornal tinha seu endereço localizado na Rua das Andradas nº 64. Tem como editores Polidoro Santos, José Rey Gil (que havia rompido com os reformistas) e Reinaldo Gayer. Este jornal iria travar grandes polêmicas com a social-democracia presente em Porto Alegre e seus jornais *A Democracia* e *O Avante*, em especial na defesa da organização autônoma dos sindicatos, no afastamento dos trabalhadores da política partidária e da defesa da boicotagem³¹⁸.

Ainda no ano de 1906, o jornal *A Terra Livre* relata com alegria o surgimento do jornal *A Luta*, como digno representante dos direitos do trabalhadores de Porto Alegre:

Apareceu o primeiro número deste quinzenário que os nossos camaradas de Porto Alegre resolveram publicar, aproveitando o despertar da consciência proletária que naquela cidade se verifica. Este primeiro número insere, além do grupo de apresentação, alguns artigos de propaganda libertária e sindicalista, notas sobre os factos locais e sobre o movimento operário da associação e de resistência. Não podemos deixar de desejar todas as prosperidades a esta útil iniciativa. Toda a correspondência a Stefan Michalski, rua dos Andrades, 64, Porto Alegre (Estado do Rio Grande do Sul)³¹⁹.

Relacionado ao jornal *A Luta*, principalmente a um dos diretores, o militante *Stefan Michalski*, estava todas as listas de subscrição enviadas do estado para São Paulo. Era esse operário um dos organizadores de listas advindas de Porto Alegre. Na maioria das vezes ele não oferecia listas com nomes, fazia a coleta pessoalmente e a enviava diretamente à redação. Outros organizadores também são relatados em outras listas: os operários *Nano*, *M. Canetta* e *G. Verschoore*. Em todas as listas podemos citar alguns nomes presentes: *T. Petersen*, *J.M. Camargo*, *RfGeyer*, *A. Bussolin*, *V. Armendoriz*, *B. Bertoja*, *J. Francisco*, *P. Pesce*, *A. Arjona*, *J. da S. Viegas*, *A. da Laya* e *Cecílio Dinorá* (este inclusive era um dos correspondentes do jornal em Porto Alegre).

A partir de 1907, sobretudo com a mudança da redação para o Rio de Janeiro, somando ainda o sucesso da publicação do periódico na capital gaúcha, as listas vão cessando-se até não mais serem enviadas ao Rio. É de supor que os militantes se organizaram para fomentar a publicação na cidade, tendo em vista o movimento dos trabalhadores da capital ter crescido

³¹⁸ BILHÃO, Isabel. **Rivalidades e solidariedades no movimento operário**: Porto Alegre, 1906-1911. Porto Alegre, RS: Editora EDIPUCRS. 1999. Pg. 29.

³¹⁹ **A Terra Livre**. Ed. Nº 19. Out.1906.

entre 1906 e 1908. Neste último ano o jornal deixa de circular em Porto Alegre e os redatores se espalharam pelo interior do estado³²⁰.

- **O GRUPO DE MINAS GERAIS**

O autor Luigi Biondi em seu artigo “*Associativismo e militância política dos italianos em Minas Gerais na Primeira República*”³²¹ traça um panorama da distribuição dos imigrantes italianos fora do núcleo da capital São Paulo. Ele toma sua análise pelo estado de Minas Gerais e a participação dos imigrantes na formação de uma comunidade centralizada em pequenos núcleos em algumas regiões do estado. Para ele, os imigrantes se dirigiam para cidades próximas às hospedarias e, após o fechamento das mesmas, em regiões próximas às cidades de Belo Horizonte, Uberaba, São João del Rei e Barbacena³²².

Ainda segundo o autor, era constante a participação dos imigrantes de Minas Gerais nos jornais de São Paulo, sobretudo àqueles de origem italiana. O autor nos fala:

Subscritores das mais variadas listas de apoio a manifestações, petições e projetos; assinantes, correspondentes, e finalmente participantes, uma vez que estas redes se baseavam também em contatos pessoais e numa mobilidade interna, interestadual, de certo porte, contrariamente ao que geralmente se pensa por causa da influência de um certo mito da imobilidade interiorana dos imigrantes italianos³²³.

Luigi Biondi ainda nos chama a atenção para o núcleo da zona mata mineira, onde se localiza a cidade de Juiz de Fora e Barbacena. Como as cidades estão mais próximas da influência do Rio de Janeiro, pela proximidade, a participação dos imigrantes na luta dos operários da capital era muito significativa³²⁴. Seguindo essas constatações, a participação da cidade de Barbacena no envio de listas de subscrição para o jornal *A Terra Livre*, fora muito importante para traçarmos a participação dos imigrantes de Minas Gerais no periódico. Quase toda a doação para o jornal vêm de Barbacena e o militante organizador das listas era chamado de *J. Viggiani*. Outra cidade, também foco da imigração italiana, Uberaba, contribuía com doações. O militantes organizadores das listas de Uberaba eram *S. Napoli* e *M. Ponce*.

³²⁰ BILHÃO. *Op. cit.* Pg. 34.

³²¹ BIONDI, Luigi. Associativismo e militância política dos italianos em Minas Gerais na Primeira República: um olhar comparativo. In: **Revista Locust**. Juiz de Fora, vol.14, n.2, 2008. P. 41-66.

³²² *Id ibid.* *Op. cit.* Pg. 43.

³²³ *Id ibid.* *Op. cit.* Pg. 45.

³²⁴ *Id ibid.* *Op. cit.* Pg. 50.

De Barbacena, as listas de J. Viggiani contavam com os seguintes nomes: *V. Conti, F. Bage, J. Alexandre, Nicola P. e Franzini*. Das listas de Uberaba, organizadas por S. Napoli e M. Ponce continham os nomes: *O. Spessetti, C. Flores, C. Zanobini, S.B. Ferreira, A.C. Cota, J. Sivieri, J. Benoni, J. Manuel, J. Justino, A. Gurioma, S. Lauro*.

- **OUTRAS LOCALIDADES PELO BRASIL**

Ainda podemos encontrar outras localidades por onde o jornal teve sua penetração nos operários brasileiros. Ainda que o foco de atuação esteja mais concentrado entre os estados do Rio de Janeiro e São Paulo, as listas chegavam de regiões onde a concentração de operários era crescente, como em Belém, Santarém, Manaus e São Luiz na região Norte. Do estado do Maranhão, as doações vinham do Círculo Social Caxias, provavelmente associado à atividades socialistas no Maranhão. Por diversas vezes, listas foram enviadas dessas cidades.

Pela região sul, temos listas que foram enviadas de cidades onde a concentração de imigrantes europeus era forte, como a região de Blumenau e Brusque. Do exterior, algumas listas foram enviadas de Portugal e da França.

3.4 Conclusão: uma rede de colaboradores

Cabe ressaltar aqui a diversidade das localidades onde o jornal chegara pelas mãos do operariado. De norte a sul do país, os trabalhadores arregaçaram suas mangas e fizeram valer sua propaganda em favor de melhores condições de vida.

A autora Silvia Petersen³²⁵, nos fala de uma rede de colaboradores, uma rede de doadores, correspondentes responsável pela circulação intensa dos jornais operários por todo o Brasil. A autora disserta:

Observa-se que a rede de colaboradores e correspondentes dos jornais anarquistas parece ter sido densa e participante em jornais de diferentes pontos do país. Não se deve esquecer, neste sentido, o peso da própria mobilidade dos propagandistas-jornalistas que circulavam de um centro para outro. Verifica-se também que era intensa a circulação de jornais operários, mesmo considerando seu caráter efêmero e de pequena tiragem. (...) Os jornais eram enviados às redações dos “co-irmãos”, às associações operárias e a outras

³²⁵ PETERSEN, Silvia Regina Ferraz. Cruzando fronteiras: as pesquisas regionais e a história operária brasileira. In: *Revista Anos 90*. Porto Alegre, n. 3. Junho de 1995.

entidades não necessariamente operárias como bibliotecas públicas, clubes recreativos e musicais, etc.

Foi esse trabalho de mobilidade por parte dos colaboradores que fizeram o jornal chegar a lugares tão longínquos e a países onde a leitura de um jornal em português seria incerta. Talvez, se analisássemos pelo lado da circulação de ideais e seu potencial de ultrapassar as fronteiras de etnia e de nacionalismos, podemos perceber o sucesso desses jornais na comunidade operária. A exploração capitalista era global, assim como a luta contra pela existência e dignidade por parte dos trabalhadores.

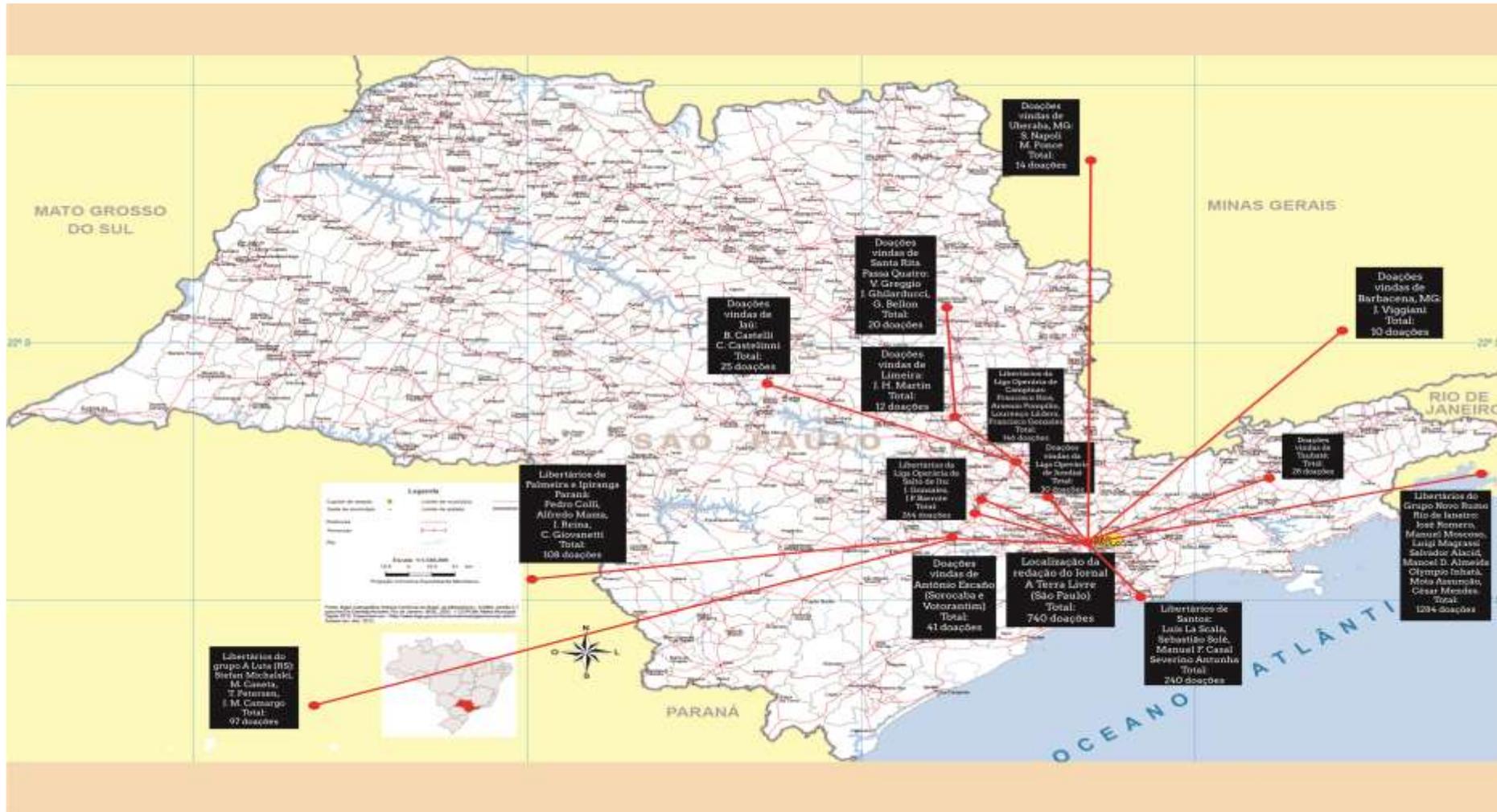


Figura 12 – Mapa político atual do estado de São Paulo mostrando a capilaridade da rede social do jornal A Terra Livre (1905-10)

CONSIDERAÇÕES FINAIS: o jornal operário, uma rede de sociabilidades

Ao término deste trabalho, após exaustiva pesquisa debruçada sobre diversos jornais operários da primeira década do século XX, foi notório perceber as dificuldades apresentadas pelo militante que desejava fazer o uso da educação, do acesso à informação para a transformação social. Obviamente, essa percepção já havia sido encontrada, em alguns casos exaustivamente, por uma extensa gama de pesquisadores espalhados pelo Brasil e pelo mundo, todos ávidos pelo conhecimento dessa riquíssima fonte de informações sobre a sociabilidade destes indivíduos, presente nos periódicos dessa época. Cabia a mim, enquanto pesquisador, decifrar um melhor caminho para adentrar nesta seara denominada “imprensa libertária”. Como abordar uma temática sob um ponto de vista inovador, não tratado por outros autores e que poderia provocar um acréscimo significativo a já tão extensa bibliografia operária brasileira?

A resposta a essa pergunta veio da indagação que contém o título destas considerações finais: um jornal operário, sendo uma rede de sociabilidade, construído com a labuta de homens e, infelizmente apenas algumas mulheres, interessados pela transformação social e cultural da sociedade, deveria conter muito mais informações do que apenas o que estava escrito nas quatro páginas de cada edição. Havia um pano de fundo que precisava ser descortinado e, em estudos anteriores aos meus, foram desvendados de uma maneira que me contentava parcialmente.

Carecia um estudo, evidenciando minha fonte principal, o jornal *A Terra Livre*, onde focasse o quesito “dificuldade”, empecilho, que obrigava aos administradores, em determinado momento da vida do periódico, a tomar medidas drásticas que nem sempre refletiam àquilo que fora planejado no início da empreitada em se fazer um jornal operário. E mais, como foram as tentativas de suprimir essas dificuldades, investindo em sociabilidade, tecendo redes e redes maiores de amigos, companheiros, militantes e até adversários intelectuais.

O resultado para essa indagação foi o mais animador possível: os resultados puderam construir uma realidade para um jornal operário desprovida de conteúdo militante, de paixão movida para a educação libertária, e voltada ao cotidiano de feitura de cada coluna do jornal, de cada edição quinzenal do mesmo, sempre evidenciando as decisões tácitas que obrigavam ao administrador deixar de lado os ideais pretendidos, em nome de publicar o jornal em tempo hábil e que denunciasse e educasse os leitores de maneira mais efetiva possível. De posse destas

informações coletadas na fonte principal, e em outros jornais secundários que também enfrentavam os mesmos problemas, uma colcha de retalhos foi sendo formada, onde o fim seria a montagem de uma pequena extensão da capilaridade da militância anarquista no Brasil naquele momento.

A decisão de mostrar vários gráficos, demonstrando as oscilações financeiras provocadas pelos ritmos de doações a cada edição, também foi importante para evidenciar ao leitor que o jornal sempre foi um objeto que demandava conflito material, disputas no seio das redes de sociabilidade que demandava intenso apelo por parte dos redatores, trabalho árduo, para que, ao fim da quinzena, o jornal pudesse sair conforme prometido anteriormente. Quando, a título de exemplo, a ambição militante - e o desejo de promover uma propaganda árdua aproveitando o ambiente político propício enfrentado pelo Estado brasileiro - fez o jornal sair em caráter semanal, por alguns meses, o esforço se redobrou a ponto de obrigar a mudança na redação do jornal de um estado a outro, para aproveitar uma melhor infraestrutura e capacidade de organização da militância. O resultado da empreitada pôde ser lido no capítulo 3 desta dissertação.

Outro ponto importante foi mostrar ao leitor as diferenças técnicas em se fazer um jornal tendo o aparato tecnológico ao seu lado. Esse fato pôde ser observado nas páginas do capítulo 2 desta dissertação. Quis demonstrar que a tecnologia de impressão e circulação de jornais possibilitou o boom de publicações na capital paulistana que atingiu a todos os setores da sociedade sem distinção. A sede capitalista em dinamizar esse novo processo fez surgir diversas empresas responsáveis em tratar a informação como objeto de venda. Mas, esse boom também foi responsável por apresentar alternativas viáveis para que a informação pudesse ser pulverizada a outros setores que, usualmente, estavam desprovidos de assistência à informação por parte destes grandes jornais diários. A resposta, o entreechoque, foi a dinamização de uma imprensa suburbana, em sua maioria militante, que assolou os bairros operários de São Paulo e do Rio de Janeiro. A capilarização desses dispositivos de imprensa iria culminar numa rica disseminação de uma cultura impressa pelas ruas das cidades das grandes capitais brasileiras.

Por último, a decisão de expor, através de uma busca minuciosa pelas listas de doadores em cada edição do jornal, e de outros contemporâneos à fonte principal, a rede de sociabilidade envolvida na concepção do jornal, foi uma decisão importante para o andamento da pesquisa. Isto devido ao fato que, em suma, esse levantamento evidenciaria uma grande parte das pessoas envolvidas na militância anarquista e libertária naquele momento no Brasil. Infelizmente, devido à escassez de fontes que pudessem mapear a trajetória dessas pessoas, muitos dos seus nomes desaparecem nas páginas dos jornais; doam valores, alguns regulares, outros não, e

somem tomando o silêncio, suas tumbas. Porém, em muitos casos, pudemos traçar algumas trajetórias, mostrar ao leitor, onde cada militante estava envolvido em suas vidas cotidianas e usavam desses envolvimento, dessas vicissitudes para criar e dinamizar sua própria rede de sustentabilidade do jornal, tomando para si a responsabilidade quinzenal de buscar recursos financeiros para que o jornal pudesse sair regularmente. O resultado desta pesquisa pôde ser lido, também, no capítulo 3 desta dissertação.

Cabe aqui ressaltar que, num momento futuro, uma análise mais abrangente, envolvendo um recorte temporal mais extenso, pode construir um trabalho denso, envolvendo análise econômica, social e política das alternativas apresentadas por essa imprensa libertária para sobreviver a uma realidade brasileira de produção para a imprensa cada vez mais acirrada com o passar das décadas. Uma análise sobre o embate envolvendo as decisões da grande imprensa em hegemonizar o espaço público das grandes cidades e a tentativa da imprensa suburbana e operária em sobreviver a esse processo também é digno de nota e merecerá um apreço maior em uma pesquisa futura.

Espero que, ao término desta leitura, este texto contribuía, mesmo que de maneira modesta, ao já extenso trabalho realizado sobre a imprensa libertária e anarquista do nosso país, evidenciando alguns caminhos para novos pesquisadores e interessados ao tema.

Obrigado e até breve.

BIBLIOGRAFIA:

FONTES CONSULTADAS:

Fonte principal:

A Terra Livre – RJ e SP, 1905-1908, 1910.

1905 – edição número 1;

1906 – edições número 2 a 23;

1907 – edições número 24 a 53;

1908 – edições número 54 a 64;

1910 – edições número 65 a 75;

Fontes complementares:

O Boi – SP, 1897;

A Folha do Bráz – SP, 1900;

La Battaglia – SP, 1905-1908; 1910.

O Trabalhador Graphico – SP, 1904-1906;

A Voz do Trabalhador – RJ, 1908;

O Amigo do Povo – SP, 1902-1903;

Novo Rumo – RJ, 1905; 1910;

OBRAS CONSULTADAS:

KHOURY, Yara Maria A. **Edgar Leuenroth: uma voz libertária:** Imprensa, memória e militância anarco-sindicalistas. São Paulo: Tese de Doutorado em Sociologia, USP, 1988.

LEUENROTH, Edgar. **Anarquismo, roteiro da libertação social:** antologia da doutrina, crítica, história, informações. Rio de Janeiro: Mundo Livre, 1963.

SAMIS, Alexandre Ribeiro. **Minha pátria é o mundo inteiro: Neno Vasco, o anarquismo e as estratégias sindicais nas primeiras décadas do século XX.** Tese de doutorado - Universidade Federal Fluminense, 2009.

VASCO, Neno. **Concepção anarquista do sindicalismo.** Lisboa: Edições Afrontamento, 1984.

DEMAIS REFERÊNCIAS:

AGUIAR, Maria do Carmo Pinto Arana. Imprensa: fonte de estudo para construção e reconstrução da história. **X Encontro Estadual de História.** Santa Maria, Rio Grande do Sul. 26 a 30 de junho de 2010.

AZEVEDO, Dúnya. A evolução técnica e as transformações gráficas nos jornais brasileiros. **Revista Mediação.** Belo Horizonte, vol. 9, n. 9, jun/dez. de 2009.

BAHIA, Juarez. **Jornal, história e técnica.** 3ª ed. São Paulo: Ed. Ibrasa, 1972.

BARBOSA, Marialva. Imprensa, poder e público: os diários do Rio de Janeiro (1880-1920). **Revista Brasileira de Comunicação.** São Paulo, vol. XX, nº 2, pp. 87-102. Jul/dez 1997.

BARBOSA, Marialva; MOREL, Marcos. História da imprensa no Brasil: metodologia para o inventário 1808 – 2008”. **Jornal da Rede Alcar,** São Bernado do Campo, Ano 3, n.30, 2003.

BATALHA, Cláudio Henrique de Moraes. **O movimento operário na primeira república.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. 2000.

_____(org.). **Dicionário do movimento operário:** Rio de Janeiro do século XIX aos anos 1920, militantes e organizações. São Paulo: Ed. Fundação Perseu Abramo, 2009.

BIONDI, Luigi. **Classe e nação:** trabalhadores e socialistas italianos em São Paulo (1890-1920). Campinas: Ed. Unicamp, 2011.

_____. **La stampa anarchica in Brasile: 1904-1915.** Dissertação de mestrado defendida junto ao departamento de "Storia Contemporanea" da Università degli Studi di Roma "La Sapienza", 1993-1994.

_____. Anarquistas italianos em São Paulo. O grupo do jornal anarquista “La Battaglia” e sua visão da sociedade brasileira: o embate entre imaginários libertários e etnocêntricos. **Cadernos AEL**. Campinas, n.8-9, 1998.

_____. Associativismo e militância política dos italianos em Minas Gerais na Primeira República: um olhar comparativo. In: **Revista Locus**. Juiz de Fora, vol.14, n.2, 2008. P. 41-66.

BILHÃO, Isabel. **Rivalidades e solidariedades no movimento operário**: Porto Alegre, 1906-1911. Porto Alegre, RS: Editora EDIPUCRS. 1999.

BITTENCOURT, Ícaro. O operariado no Brasil da primeira república: alguns apontamentos teórico-metodológicos e historiográficos. **Revista Social e Humana**, Santa Maria, v. 20, n. 01, jan/jun 2007, 141-151.

CAPELATO, Maria Lúcia. A imprensa como fonte e objeto de estudo para o historiador. In: PRADO, Maria Lígia Coelho; VILLAÇA, Mariana (org.). **Histórias das Américas**: fontes e abordagens historiográficas. São Paulo: Humanitas. CAPES, 2015.

CARNEIRO, Maria Luiza Tucci; CROCI Federico; FRANZINA, Emilio (org.). **História do trabalho e histórias da imigração**: trabalhadores italianos e sindicatos no Brasil (séculos XIX e XX). São Paulo: Ed. USP: FAPESP, 2010.

CHARTIER, Roger; CAVALLO, Guglielmo. (Org.) **História da leitura no mundo ocidental**. Vol. 1. São Paulo: Ática, 1998. (Coleção Múltiplas Escritas).

CHARTIER, Roger. **Leituras e leitores na França do Antigo Regime**. Tradução Álvaro Lorencini. São Paulo: UNESP, 2003.

COUTINHO, Carlos Nelson. **Gramsci**: um estudo sobre seu pensamento político. 3ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira. 2007.

CRUZ, Heloísa Faria. **São Paulo em papel e tinta**: periodismo e vida urbana, 1890-1915. São Paulo: Arquivo Público do Estado de São Paulo, 2013.

CRUZ, Heloísa de Faria; PEIXOTO, Maria do Rosário Cunha. Na oficina do historiador: conversas sobre história e imprensa. **Projeto História**, São Paulo, n.35, p. 253-270, dez. 2007.

DUARTE, Regina Horta. **Noites circenses:** espetáculos de circo e teatro em Minas Gerais no século XIX. Tese de doutorado – Universidade Estadual de Campinas, 1993.

FELICI, Isabelle. A verdadeira história da colônia Cecília de Giovanni Rossi. In: **Cadernos AEL**. Número 8/9. Campinas: Ed. Unicamp. 1998.

FERREIRA, Maria Nazareth. **Imprensa operária no Brasil**. São Paulo: Ed. Atica, 1988.

FREIRE, Eduardo Nunes. O design no jornal impresso diário. Do tipográfico ao digital. **Revista Galáxia**, São Paulo, n. 18, p.291-310, dez. 2009.

GITAHY, Maria Lucia Caira. **Ventos do Mar:** Trabalhadores do Porto, Movimento Operário e Cultura Urbana em Santos, 1889-1914. São Paulo: UNESP, 1992.

GODOY, Clayton Perón Franco. **Ação direta:** transnacionalismo, visibilidade e latência na formação do movimento anarquista em São Paulo (1892-1908). Tese de Doutorado. Departamento de Sociologia - Universidade de São Paulo, 2013.

GRAMSCI, Antônio. **Cadernos do cárcere**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001b, vol. 4.

HALL, Michael M; PINHEIRO, Paulo Sérgio. **A classe operária no Brasil. 1889-1930: documentos**. Vol. 1. O Movimento Operário. Col. Política. São Paulo: Ed. Alfa Omega. 1979.

HARDMAN, Francisco Foot. **Nem pátria, nem patrão!** Vida operária e cultura anarquista no Brasil. 2ª ed. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1983.

HOBSBAWN, Eric. **Era das revoluções:** Europa 1789-1848. Rio de Janeiro: Ed. Paz e Terra. 1977.

LEAL. Cláudia Feierabend Baeta. **Anarquismo em verso e prosa:** literatura e propaganda na imprensa libertária em São Paulo. Dissertação de mestrado – Universidade Estadual de Campinas, 1999.

MACIEL, Laura Antunes. Imprensa de trabalhadores, feita por trabalhadores, para trabalhadores? **Revista História & Perspectivas**. Uberlândia, nº 38, pg. 89-135, julho/dezembro de 2008.

MACHADO, Maria Helena. **O Plano e o pânico: os movimentos sociais na década da abolição.** Rio de Janeiro: Editora UFRJ, EDUSP, 1994.

MAGNANI, Silvia Lang. **O movimento anarquista em São Paulo (1906-1917).** São Paulo: Ed. Brasiliense. 1982.

MARAM, Sheldon Leslie. **Anarquistas, imigrantes e o movimento operário brasileiro. 1890-1920.** Rio de Janeiro: Paz e Terra. 1979.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. **Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia.** Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 1997.

MARTINS, Angela Maria Roberti. A experiência libertária de um português na Primeira República: uma análise da trajetória política e intelectual de Mota Assunção. In: **IX Seminário Internacional sobre emigração portuguesa para o Brasil.** Brasil-Portugal: pontes sobre o Atlântico. Rio de Janeiro: UERJ, 2013.

MENDES, SAMANTA COLHADO. O feminino no Anarquismo: as mulheres anarquistas em São Paulo na Primeira República (1889-1930). In: **Anais do XIX Encontro Regional de História: Poder, Violência e Exclusão.** ANPUH-USP, 2008.

MENDONÇA, Leandro Climaco. **Nas margens: experiências de suburbanos com periodismo no Rio de Janeiro, 1880-1920.** Dissertação de mestrado. Universidade Federal Fluminense, 2011.

MORAES, Dênis. Comunicação, hegemonia e contra-hegemonia: uma contribuição teórica de Gramsci. In: MORAES, Dênis (Org.). **Mutações do visível: da comunicação de massa à comunicação em rede.** Rio de Janeiro: Pão e Rosas Editora. 2010.

MORSE, Richard M. **Formação histórica de São Paulo: da comunidade à metrópole.** São Paulo: Ed. Difusão Europeia do Livro, 1970.

MOULLIAUD, Maurice; PORTO, Sérgio Dayrell (org.). **O jornal: da forma ao sentido.** 3ª ed. Brasília: Ed. Universidade de Brasília, 2012.

MYASAKA, Cristiane Regina. **Os trabalhadores e a cidade: a experiência dos suburbanos cariocas (1890-1920).** Tese de Doutorado – Universidade Estadual de Campinas. 2016.

NASCIMENTO, Rogério Humberto Zeferino. **Indisciplina:** experimentos libertários e emergências de saberes libertário no Brasil. Tese de Doutorado - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2009.

NETO, Murilo Leal Pereira. **A reinvenção do trabalhismo no vulcão do inferno:** um estudo sobre os metalúrgicos e têxteis de São Paulo; a fábrica, o bairro, o sindicato e a política (1950-1964). Vol. 1. Tese de doutorado - Universidade de São Paulo, 2006.

OLIVEIRA, Antoniette. **Despontar, (des)fazer-se, (re)viver...** a (des)continuidade das organizações anarquistas na Primeira República. Dissertação de mestrado – Universidade Federal de Uberlândia, 2001.

OLIVEIRA, Maria Luiza Ferreira. **Relações sociais e experiências de urbanização:** São Paulo, 1870-1900. Vol. 1. Tese de doutorado – Universidade de São Paulo, 2003.

PEIXOTO, Maitê. A partilha da experiência visual vivenciada nas páginas do jornal A Plebe. **Revista Latino-Americana de História.** Vol.2, nº7. Setembro de 2013.

PETERSEN, Silvia Regina Ferraz. Cruzando fronteiras: as pesquisas regionais e a história operária brasileira. In: **Revista Anos 90.** Porto Alegre, n. 3. Junho de 1995.

PINSKY, Carla Bassanezi (org.). **Fontes Históricas.** 2. ed. 2ª impressão. São Paulo: Contexto, 2000.

POLLETO, Caroline. **Tão perto e tan lejos?** Caricaturas e contos na imprensa libertária e anticlerical de Porto Alegre e Buenos Aires (1897-1916). Dissertação de mestrado. Universidade do Vale do Rio dos Sinos. 2011.

PORTA, Paula (org.). **História da cidade de São Paulo:** a cidade na primeira metade do século XX (1890-1954). Vol.3. São Paulo: Ed. Paz e Terra, 2004.

PRADO, Antônio Arnoni (org.). **Libertários no Brasil:** memórias, luta e cultura. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1986.

RENDA, Arthur José Vitorino. **Máquinas e Operários:** mudança técnica e sindicalismo gráfico (São Paulo e Rio de Janeiro, 1858-1912). São Paulo: Ed. Annablume. FAPESP, 2000.

RODRIGUES, Edgar. **Socialismo e sindicalismo no Brasil (1875-1913)**. Rio de Janeiro: Ed. Laemmert, 1969.

_____. **Os companheiros**. 5 vol. Rio de Janeiro/Florianópolis: Ed. VJR-Insular. 1994-1997.

ROMANI, Carlo. **Oreste Ristori**: uma aventura anarquista. Dissertação de mestrado – Universidade Estadual de Campinas, 1998.

TOLEDO, Edilene. **Travessias revolucionárias**: ideias e militantes sindicalistas em São Paulo e na Itália (1890-1945). Campinas: Ed. Unicamp, 2004.

_____. **Em torno do jornal O Amigo do Povo**: os grupos de afinidade e propaganda anarquista em São Paulo nos primeiros anos deste século. Dissertação de Mestrado – Universidade Estadual de Campinas, 1993.

_____. “Trazemos o novo mundo em nossos corações”: os anarquistas e o esforço de construção de uma cultura alternativa em São Paulo na Primeira República. **Anais do XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH**. São Paulo, julho 2011.

THOMPSON, E.P. **A formação da classe operária**. Vol. 1: a árvore da liberdade. 6ª ed. São Paulo: Ed. Paz e Terra, 2011.

_____. **A miséria da teoria**. Tradução Waltensir Dutra. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.

TRENTO, Angelo, **Imprensa italiana no Brasil, séculos XIX-XX**. São Carlos: Ed. UFScar, 2013. Trad.: Roberto Zaidan. 276p.

WOODCOCK, George. **História das ideias e movimentos anarquistas**. Vol. 1: a ideia. Porto Alegre: Ed. LP&M, 2014.

_____. **História das ideias e movimentos anarquistas**. Vol. 2: o movimento. Porto Alegre: Ed. LP&M, 2014